CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

INVESTIGAÇÕES SOBRE SONETOS E SONETISTAS PORTUGUESES E CASTELHANOS

Extrait de la *Revue Hispanique*, tome XXII

NEW YORK, PARIS
1910

INVESTIGAÇÕES
SOBRE SONETOS E SONETISTAS
PORTUGUESES E CASTELHANOS

MACON, PROTAT FRÈRES, IMPRIMEURS.

ec. 5 f 10

COMPRA

L. 4631

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

INVESTIGAÇÕES SOBRE SONETOS E SONETISTAS PORTUGUESES E CASTELHANOS

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

R. 76744

Extrait de la *Revue Hispanique*, tome XXII

NEW YORK, PARIS
1910

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

INVESTIGAÇÕES SOBRE SONETOS E SONETISTAS PORTUGUESES E CASTELHANOS

I

NOTAS AOS 237 SONETOS IMPRESSOS NO VOL. XVIII DA *REVUE HISPANIQUE* [1]

Durante a primeira leitura d'essas poesias, dadas como inéditas e, em grande parte, sem nome de autor, fui fazendo alguns reparos que vou comunicar aos interessados, seguindo a ordem da publicação.

Em geral eles referem-se a composições de autor incerto, quasi sempre existentes em mais de uma redacção (com atribuição nula, dupla, ou múltipla [2]).

Novamente se demonstra assim, quanto ha que respigar ainda no vasto campo florido da lírica peninsular, clássica, a pesar do muito que já fizeram ou ainda estão a fazer investigadores como Foulché-Delbosc, Menéndez y Pelayo, Rodríguez Marín, Hazañas y la Rua, e outros. Creio que espalharei alguma luz sobre as íntimas relações que houve entre os Quinhentistas e Seiscentistas das duas nações; sobre o costume de os Portugueses poetarem em castelhano (por motivos que tentei expôr em outra parte) [3],

1. P. 488-618.

2. Incidentalmente emendo incorrecções dos manuscritos e gralhas tipográficas.

3. Vid. *Jahresbericht*, I, 583; *Romances velhos em Portugal*, Madrid, 1907-1909. Um volume sobre o *Palmeirim de Inglaterra*, e um estudo sobre a *Demanda do Graal*, em que me refiro ao assunto, ainda estão por imprimir.

e sobre o funesto desleixo, « fidalgo » que os levava a não cuidarem da impressão das suas obras, em redacção definitiva, contentando-se com a glória de as fazer circular em manuscrito entre amigos, damas da côrte, validos e colegas, quer isoladas, a medida que as compunham ou retocavam, quer conglobadas em séries, em cadernos caligraficamente escritos [1]. A falta de edições coevas das *Rimas* de Sá de Miranda e os Mirandistas, de Luis de Camões e os Camonistas, conduziu a traslados quasi sempre parciaes, autorizados e não autorizados, de elaborações sucessivas, com variantes legítimas e com modificações bastardas, e tambem a atribuições freqüentemente erróneas. Em *Cancioneiros*, *Florestas*, *Silvas Poéticas*, etc., com poesias de vários autores, coleccionadas, em regra, por amadores que tambem eram poetas, não só na Europa mas tambem na India e na América, nem sempre se procedeu com escrúpulo e esmero. Em geral não eram destinados ao prelo [2], mas apenas para estudo e recreio de Mecenates, ou dos próprios donos, que assentavam versos (seus e alheios) ou faziam-nos trasladar por amanuenses, ora de vagar e paladinamente, ora a furto e muito de pressa. Claro está que em teoria se copiava com exactidão. Omitir os nomes dos autores, por realmente não ter conhecimento d'eles, era todavia freqüente. Inconsideradamente se abusava tambem das fórmulas *Do mesmo* e *Outra*, mesmo quando de pequenas colecções se extraia apenas uma ou outra composição. Outras vezes abreviavam nomes de um modo que admitia mais de uma interpretação [3]. Meras iniciaes estão natural-

1. Vid. Pedro de Andrade Caminha, *Poesias Inéditas*. Ed. Priebsch (Halle, 1898), e o artigo que lhe dediquei, no vol. VIII d'esta Revista.

2. Algumas excepções ha, como as duas *Florestas de Poetas Ilustres*. — Em Portugal sabe-se do empenho, não realizado, de Diogo Bernardez, de juntar os versos dos contemporáneos.

3. *Cam.* pode significar *Camões* e *Caminha*; *Francisco de Sá* tanto o *de Miranda* como o *de Meneses*; Francisco Rodriguez Lobo, tanto o autor da *Primavera*, como o editor das *Rimas* de Camões, em regra designado com o sobrenome *Soropita*.

mente neste caso [1]. Em cópias de segunda e terceira mão, de Cancioneiro para Cancioneiro, os erros de atribuição são por isso muito numerosos. Com textos luso-castelhanos [2] o caso era peor ainda. Versos portugueses eram traduzidos por Castelhanos, bem ou mal, textualmente ou com suma liberdade, quasi sempre sem explicação suficiente. Os Portugueses, pelo contrario, deixavam em tese inalterados os originaes castelhanos, deturpando-os apenas com os mesmos lusismos gráficos e mórficos que se notam nas obras, por eles escritas na linguagem estrangeira. Se a letra era pouco clara, o sentido escuro, a forma imperfeita, uns e outros interpretavam-na ás vezes a bel-prazer, aperfeiçoando o texto, ou deturpando-o. Uma poesia, encontrada, digamos, com a letra de Quevedo, ou com a de Frei Agostinho da Cruz, no meio de outras, conhecidas como originaes d'ele, era-lhe acreditada, de boa fé [3].

Com respeito ao género que nos ocupa, ha ainda outra particularidade, aliás perfeitamente conhecida, que ás vezes dificulta o apuramento dos verdadeiros autores. Todos quantos o cultivaram na Peninsula (e os Sonetistas hispánicos são infinitos) eram discípulos dos Italianos. Quanto á forma, e quanto ao espírito. Quanto

1. *D. B. R.* já foi interpretado de tres modos : como *de Bernardim Ribeiro ; de Bernardo Rodriguez* ; e *de Bento Romão ; I. M.* (no Cancioneiro de Luis Franco) significa ás vezes *Jorge de Montemór ;* mas tambem podia ser *Inedito. Mendoza.* ou *Impresso. Mendoza.* (?)

2. No sentido lato : castelhanos, compostos por Portugueses ; castelhanos, tresladados por Portugueses ; portugueses traduzidos ou transcritos por Castelhanos.

3. Ha composições de Padilla e de Cetina, no meio de composições de Mendoza ; algumas de Acuña, Gil Polo, Silvestre no Cancioneiro privativo de Pedro Lainez (Paris, Ms. 598) ; — várias alheias nos Cancioneiros do Conde de Villamediana e do Marquês de Alemquer ; diversas nos Cancioneiros de Frei Agostinho da Cruz ; bastantes no de Estêvam Rodríguez de Castro. Nas impressões dos Quinhentistas tão pouco faltam exemplos. Em geral, os versos que lhes eram dedicados por amigos, e a que respondiam, estão comtudo claramente determinados como alheios.

aos assuntos, derivavam de preferencia dos clássicos gregos e latinos. Todos se adestravam na arte pela imitação mais ou menos livre de Petrarca e de seus sucessores: quer estrangeiros como Ariosto, Tasso, Bembo, Sannazzaro, Marino, etc., quer nacionaes como Garcilaso, Boscan, Camões. Na era do Renascimento, ninguem se pejava de copiar, ou de pelo menos tratar um tema já tratado por outrem. Muito, pelo contrário. Inspirar-se em obras-primas, preexistentes, traduzí-las textualmente, ou reproduzí-las com independencia, nacionalizar conceitos brilhantes, repetir versos inteiros, era moda. São tantos os exemplos, que se chega a admitir que reescrever, de memória, na lingua materna, um soneto de Petrarca, um epigrama de Marcial, reduzir a catorze hendecassílabos o sucesso de Porcia, o de Lucrecia, o de Orfeo, de Hero e Leandro, de Aquiles e Polixena, de Raquel e Lia, parafrasear sentenças aladas como *Nessun maggior dolore* e outras igualmente afamadas, era um exercício muito em voga, em que os estudiosos gostavam de documentar a sua habilidade. A antiga moda peninsular das *voltas* e *glosas* a letras alheias (quer feitas espontâneamente, quer ao desafio, quer como *ajuda* de um empresário, amigo ou rival) favorecia essa praxe, que posteriormente ainda foi seguida, nos innúmeros certames fúteis das Academias de *Singulares*, *Nocturnos*, *Generosos*, etc [1].

Textos muito parecidos sobre assuntos iguaes, diferençados apenas por variantes, mais ou menos incisivas, surgem por isso nas *Rimas* de diversos sonetistas, suscitando nos críticos menos versados nos processos de arte dos Peninsulares a miragem, de « roubos infames » e « furtos vergonhosíssimos. » Não nego que houvesse plágios [2]. Muitas lendas sobre « Ciganos da Agudeza », que

1. Ha muitos Sonetos que são meras Voltas de um hendecassílabo (italiano, hespanhol ou português).

2. Imitadores e traductores, que na mocidade procediam do modo aludido, tomariam depois em conta de criações propriamente suas, meras reproducções — esquecidos da génese verdadeira d'elas. Todos quantos escrevem, fazem (salvo erro), a experiencia oposta: relendo após decénios, cartas, artigos, aforismos, poesias da sua lavra, não as reconhecem.

deslustram a historia da poesia portuguesa, talvez ficassem todavia reduzidas, ou se desfizessem pouco a pouco, se possuissemos um estudo pormenorizado das *Rimas* de Petrarca e dos Petrarquistas como padrão e modelo dos adeptos hispánicos da escola italiana. Este, e ensaios multiplicados sobre um e outro dos temas indicados [1], historias de Sonetos, etc., serão precisas para desarraigar por completo as opiniões inveteradas que a este respeito dominam aqui, desde o tempo de Faria e Sousa [2].

De alcance para os Portugueses, acusados constantemente de falta de inventiva, é a verificação de que os Castelhanos, comquanto criadores de tipos admiráveis, não são, de modo algum, sempre originaes. Os seus Sonetistas imitavam tambem. E não sòmente mestres italianos. No reino occidental é que fôra cinzelado mais de um epigrama, profundo e delicado, que lhes sugeriu imitações. O Príncipe dos Poetas Peninsulares, pelo menos, enchia-lhes as medidas.

Valioso me parece ainda outro pormenor, que vou apurando. Os Sonetos *em castelhano*, atribuidos a Camões por Faria e Sousa [3] e por todos os pósteros que perfilharam as ideias e os processos do polihístor [4], augmentando as *Rimas* sem critério,

1. O meu fraco esboço sobre *Raquel e Lia* teve alguma repercussão, como mais abaixo se verá. — Os que dizem respeito a *Hero e Leandro* e ás *Ruinas de Roma* (e *Cartago*) ainda não tiveram tempo de fructificar; nem tão pouco as excellentes Notas de Rodriguez Marin, relativas ás *Flores de Poetas Ilustres*.

2. Nas suas belas *Palestras Filológicas*, A. R. Gonçálvez Viana começou um capítulo a respeito de expressivos conceitos greco-romanos, nacionalizados por poetas do Renascimento, a que deu o título de *Grandes poetas plagiarios*. — Faço votos para que o continue.

3. Repito que nas edições de 1595, 1598, 1616 não ha nenhum Soneto em castelhano, e que no Prologo de Soropita ha um passo importante a este respeito.

4. Incluo na categoria o editor D. Antonio Alvarez da Cunha, convencida agora de que ele teve em seu poder, além de diversos outros florilégios, um exemplar dos borrões de Faria e Sousa; e que se cingiu por completo aos modos de ver d'esse, sem se lembrar da incerteza dos indícios estilísticos, sobretudo com relação a Sonetos.

não são d'ele senão excepcionalmente. Acolhidos por serem dignos do seu estro, isto é por parecerem camonianos aos respectivos coleccionadores, devem ser restituidos aos seus autores, ou passar á categoria dos *Versos de autor incerto*, sempre que não seja possivel chegar a resultados seguros.

Longe de mim o negar que Luis de Camões poetasse algumas vezes em castelhano [1]. Sei muito bem que tambem traduziu [2]. Quanto a alguns Sonetos que subsistem em duas redacções — uma, castelhana, e outra portuguesa [3] —, inclino-me mesmo a supôr agora, que tanto Camões e os Camonistas como Sá de Miranda e os Mirandistas [4] os compuseram em ambas as línguas, quer como exercício curioso e necessário, quer em homenagem a amigos e amigas de origem castelhana.

A maior parte dos que, incluidos nas *Rimas* de Camões, subsistem exclusivamente em castelhano, são todavia de outros Portugueses menos escrupulosos, ou de Castelhanos mal conhecidos [5].

1. O leitor lembre-se do Canto final da *Egloga* mal designada como *Primeira*. O género, em que mais a miude empregou o idioma estrangeiro, tão usado na côrte, é o das Redondilhas. E entre elas avultam Cantigas e Vilancetes, destinados ao bel-canto das Damas da côrte.

2. No texto hei de referir-me a alguns Sonetos de Garcilaso que andam nas *Rimas* de Camões.

3. Os criticos antigos tratavam, sem pejo nem falsa vergonha, de *tradução* qualquer *Fabula de Narciso* (e outros heroes de Ovídio), e qualquer parafrase do Psalmo *Super flumina Babylonis* que encontrassem. Mas eu tenho em mente traduções verdadeiras no sentido moderno.

4. Estes empregavam de preferencia o castelhano porque achavam custosa a adaptação ao português das regras do estilo toscano.

5. Exames como aquele a que procedi, tornam cada vez mais sensível a falta de reimpressões de Poetas notáveis como Fernan de Acuña (ou *da Cunha*), Ramirez Pagan, Gregorio Silvestre, Jorge de Montemór, Padilla, Figueroa, o Conde de Salinas (Marques de Alenquer), superiores a muitos que tiveram a fortuna de entrar na *Biblioteca de Autores Españoles*. Oxalá com eles se constitua um Volume da preciosa *Nueva Biblioteca*, destinada a preencher as lacunas daoutra. Oxalá tambem publiquem ahi o Cancioneiro de Faria e Sousa,

Tambem suponho que o bilingüismo familiar, e a praxe naturalíssima (documentada de resto em muitas cartas e comedias em prosa) de em Portugal se salpicar a conversa vernácula com modismos castelhanos, levou mais de uma vez poetas menores, e mesmo os grandes, a valerem-se do sistema quando poetavam, servindo-se, em dificuldades de rima e de metro, de vocábulos estrangeiros [1]. Viceversa incluiam em textos castelhanos [2] vocábulos portugueses.

Freqüentes vezes terei de remeter o leitor para manuscritos e livros raros que não me foi dado consultar. Aos investigadores de Madrid, Paris, Oxford compete fazer as colações e verificar as minhas indicações.

*
* *

1. *Ay de quan ricas esperanças vengo* (6) [3].

Em 1885 deixou de ser inédito. Publiquei-o no meu Sá de Miranda, na *Parte IV*, composta de versos colhidos em vários Cancioneiros, até então insuficientemente explorados, e que não entraram nas edições antigas, nem tão pouco no manuscrito em que me baseei. Este, tirei-o, com diversos outros castelhanos, do riquissimo *Cancioneiro Luis Franco*, começado em 1559 na India e concluido em Lisboa em 1589, conforme deixei explicado na *Introdução* da obra (p. LX ss.) [4]. Nesse *Parnaso* dos prin-

1. *Frente* por *fronte*; *assucena* por *cecem*; *sirena* em lugar de *sereia*.

2. Exemplo curioso é *decasso* no Soneto 256 de Camões (ed. Faria e Sousa).

3. A lição da *Rev. Hisp.* — ou seja do Ms. Matr. 82 — é errada.

4. *Poesias*, nos 170-171 (Elegias); 172-180 (Sonetos). O texto que agora nos ocupa (no 142 de f. 177), faz parte (com outros de que mais abaixo terei de falar) de um grupo de 32 Sonetos (29 em castelhano, e 3 portugueses), aparentemente tresladados do mesmo original, e que ocupam as f. 113 a 120 v. do Codice P-4-21 da Bibl. Nac. de Lisboa. Todos estão sem nome de autor. Tres pertencem todavia, sem contestação, a Sá de Miranda (os meus nos 79, 81, 94).

cipaes poetas portugueses [1], e de algum Hespanhol com eles relacionado, por haver residido temporariamente na Côrte de D. João III e D. Sebastião [2], não havia originariamente indicação alguma a respeito do autor. Um Annotador lançou á margem, aqui e ao lado de diversos outros sonetos, a Nota *Mir.* [3]. Creio que a atribuição é inexacta, e logo então o disse, conjecturando que se trataria de Francisco de Sá e Meneses [4], porque mais de uma vez houve positivamente confusão entre o introdutor do estilo toscano, e aquele seu discípulo e parente, de prosápia porém mais ilustre, e em posição social muito mais avantajada. Camareiro-mór do Príncipe D. João (até 1554) e sucessores, Capitão da guarda de D. Sebastião, Governador do reino nas ausencias do jovem monarca, e Conde de Matozinhos, este Francisco de Sá era bom poeta em ambas as linguas, e foi entustiasticamente enaltecido em Cartas, Odes, Elegias, Eglogas dos coevos (Ferreira, Bernárdez, Caminha, Cortereal, etc.) [5]. Em Redondilhas suavíssimas ao rio Leça (e ao Douro), mas sobretudo em hendecassílabos

1. Camões, D. Manuel de Portugal, Sá de Miranda, Diogo Bernárdez, Francisco de Andrade, Jorge de Montemór, Cortereal, Andrade Caminha.

2. D. Diego de Mendoza.

3. Claro que são os que reimprimi. — Nove vezes, o mesmo Annotador escreveu a marca *Cam.*; seis vezes apenas *C.*; quatro vezes *B.* e duas vezes *B. M.* Escuso dizer que os que levam a Nota *Cam.* ou *C.* entraram nas *Rimas* do cantor dos Lusiadas em 1860-1873 e 1880, comquanto em todo o grupo não haja um único dos que são propriedade sua legítima (impressa em 1595 e 1598).

4. Ambos eram em geral chamados Franco de Saa. Provas da confusão existem em todos os Manuscritos com versos de um ou outro. Se um Annotador escreveu na margem *Mir. não anda nos Impressos*, outro riscava tudo e punha *Men.*, etc., etc. O proprio Faria e Sousa, familiarizado com a poesia lirica de Quinhentistas e Seiscentistas como ninguem, confundia ás vezes o cantor de Filis com o Eremita da Tapada (vid. *Rimas I*, 140).

5. Esses Quinhentistas louvam freqüentemente *os dous Francos que Sás se chamaram*.

a uma *Filis*, cruel e altiva, aparece com os nomes pastoris de *Sazio*, *Salicio*, e *Franco* [1].

Hoje duvido todavia da atribuição, em vista de factos que desconhecia em 1880. O Soneto já fôra impresso no século XVI, com atribuição a um coevo ilustre da nação vizinha, Galego de origem, e muito estimado em Portugal, onde tamben se fez aprimeira impressão dos seus versos, e onde por ventura se havia demorado algum tempo. Vem estampado num livro impresso em 1579, e reimpresso em 1875, no qual seguramente ninguem se teria lembrado de o procurar : o *Romancero Historiado* de Lucas Rodriguez, ou antes o Cancioneirinho de *Glosas y Canciones de Diferentes Autores*, que, com gravuras no estilo das dos *Pliegos sueltos*, anda apenso áquela obra. Ahi figura entre os Sonetos de Figueroa como *Otro del Mismo* [2]. Infelizmente, não posso averiguar se tal atribuição se acha confirmada nas *Obras do Laureado Pindaro español*, impressas em Lisboa em 1625 por Pedro Craesbeeck com dedicatória ao notável Português Vicente Noguera, e acompanhadas com versos laudatórios de Miguel da Silveira e Gabriel Pereira de Castro [3]. Bom será notarmos por ora que esse *Divino* era cantor (como Francisco de Sá e Meneses) de uma *Files* (*Fili*, *Filida*), cruel e altiva [4], e que tornaremos a encontrar-nos com ele nestas Notas.

1. Vid. *Poesias*, nº 68, p. 749 ss. e na *Tabela Genealógica*, a nota 15, relativa a Francisco de Sá de Meneses II. Morreu em princípios de 1584. — As suas obras liricas, dispersas em vários Cancioneiros da Bibl. Pública de Evora (CIV-1-4 ; CXIV-2-2 ; CXXXI-1-7), no de Juromenha, e no de Luis Franco, ainda estão por publicar. Como amostras conhecem-se apenas as *Endechas ao Rio Leça*; a Cantiga *Já não posso ser contente* ; uma Elegia *A'morte do Principe que Deus tem* (no *Cancioneiro Geral* de F. Barata) ; as Elegias *Olvidado de ti* e *Buelve Filis* (Miranda, nº 170 e 171), assim como alguns Sonetos (ib. 172-189, e mais um nas obras do Dr Antonio Ferreira (vol. II, 249).

2. Vid. *Colección de Libros Españoles Raros ó Curiosos*, tomo X, p. 377.

3. Vid. *Ensayo*, nº 2232 (II, 1071).

4. Vid. Faria e Sousa, *Rimas de Camões I*, 140; e no *Romancero Historiado* o Soneto *Paso en fiero dolor llorando el dia*. — Claro, que ainda ha mais amantes

Num *Cancioneiro Eborense* (XIV-2-2 f. 155) o texto está em nome de Luis da Silveira, salvo erro [1].

Teremos portanto de o dar por ora como *De Autor Incerto*.

Eis as variantes do *Cancioneiro Luis Franco*:

1 Ay de quan — 4 como yo tengo — ya de mi bien — 6 e 16 File — 7 con que he bivido — 8 con que la vida a mi pesar sostengo — 11 por ver — 12 que si los alza y su c. p. — 13 y aun quiza moja los c. — Na redacção publicada por Foulché-Delbosc *ace quien* talvez esteja por *hace que*, no sentido portuguesíssimo de *finge que*.

2. *Dardanio con el cuento del cayado* (10).

No pastor, amante de uma ingrata Marfida, julgo reconhecer o *alter ego* de Daliso, amador tambem de uma Fili ou Filida; isto é Francisco de Trillo y Figueroa, gongorista tardio que publicou as suas *Poesias Varias* em 1652. A não ser que o Soneto pertença a algum imitador d'ele, ou antes a um predecessor e modelo, tendo entrado nesse caso *por nefas* nos originaes do sobredito. O curioso releia, no vol. 42 da *Biblioteca de Autores Españoles* (p. 45), o Soneto *Daliso con el cuento del cayado* (III) e verá que, embora de redacção bem diversa, e com rimas modificadas (*-ado -ia ; -ijo-eza-ante*) é um estudo sobre o mesmo assunto. Na lição *Dardanio*, faz parte do Canc. Paris. 603, f. 87 v. [2].

3. *Salga con la doliente anima fuera* (19).

Sem nome de autor está no Canc. de Oxford, f. 3 v., segundo K. Vollmoeller, *Zeitschrift* III, 85.

---

de Filidas, cá e lá, p. ex. Pedro de Andrade Caminha e Francisco de Trillo y Figueroa.

1. Não averigüei pessoalmente, nem pude conseguir copia, para aproveitar as Variantes.

2. Vid. Morel-Fatio, *Catalogue*, p. 225.

4. *Bien puede rebolver seguro el cielo* (20).

Encontra-se igualmente no Canc. de Oxf. (f. 8°). Vollmoeller verificou ser obra do já citado Francisco de Figueroa (*Zeitschrift* III, 81) e ter passado da edição-príncipe á de 1804.

5. *Riberas del Danubio, a medio-dia* (23).

Num dos Cancioneiros guardados na Bibl. Nac. de Paris figura anónimo (603, f. 85 v.) [1]. Em outro é atribuido a Ramírez (600, f. 125 v.) [2]; isto é, salvo erro, ao Doutor Diego Ramírez Pagan, cuja raríssima *Floresta de varia poesia* (impressa em 1562) nunca vi [3]. Ignoro por isso, se como Garcilaso, Cetina e Diego de Mendoza, esteve na Austria no sequito de Carlos V, com algum embaixador, ou como enviado ao Concílio Tridentino. A Mendoza, em cujas *Obras* não anda, se attribuia num Manuscrito, se nesse ponto podermos dar fé a Faria e Sousa que o menciona, e o enfileira entre as *Rimas* de Camões. Com variantes, bem se vê; a meu ver, habilmente ideadas por ele, com o intúito de o autenticar. O *Danubio* está transformado em *Tejo*, a *ninfa* em *Natercia*, o pastor em *Soliso* (= *Luis* [4]), que a segue qual outra Clicie ou girasol [5]. E para camonianizar mais ainda o texto, escreveu *A la margen* [6]. Eis o teor que lhe deu :

1. Vid. Morel-Fatio, *Catalogue*, p. 223.

2. *Ibid.*, p. 226.

3. Salvá, *Catalogo*, n° 339. No vol. XXXV da *Bibl. de Aut. Esp.*, em que ha alguns versos sacros de Ramirez, a data está errada (1592). Em Valencia, onde a *Floresta* foi impressa, ele se havia relacionado, pouco antes, com Jorge de Montemór. Vid. Salvá, *Catálogo*, n° 1247, 2872 e 3251.

4. Por causa d'esses nomes o sagaz tradutor e biógrafo alemão de Camões nunca enunciou dúvidas sobre o Soneto, apesar dos indicios que ha no confuso *Comentário* de Faria e Sousa. Vid. Storck, *Sämmtliche Idylle*, p. VIII e *Sämmtliche Gedichte*, II, 397. — Todas as poesias de Camões, em que ocorrem os nomes pastoris *Soliso* (*Liso*) e *Natercia*, requerem novo exame crítico.

5. Alusão a Ovídio, que ocorre tanto nos versos líricos de Camões (v. g. *Egl.* VII, 403), como na Epopeia (*Lus.* III, 1), mas que seguramente tão pouco falta nos restantes Quinhentistas.

6. Ha um Soneto *Na margem de um ribeiro*, introduzido nas *Rimas* de

A la margen del Tajo en claro dia,
Con rayado marfil peynando estava
Natercia sus cabellos y quitava
Con sus ojos la luz al Sol que ardia.
Soliso, que qual Clicie la seguia,
Lexos de si, mas cerca della estava.
Al son de su zampoña celebrava
La causa de su ardor y assi dezia :
Si tantas, como tu tienes cabellos,
Tuviera vidas yo, me las llevaras,
Colgada cada qual del uno dellos !
De no tenerlas tu me consolaras,
Si tantas vezes mil como son ellos,
En ellos la que tengo me enredaras[1].

Quem estiver inteirado dos processos empregados pelo laborioso e muito erudito e entusiástico, mas pouco escrupuloso Faria e Sousa, que tudo quanto era bom e bonito queria para o seu adorado Poeta, ou para as suas Quinas (como costuma dizer Gallardo [2]), não póde duvidar um momento de que todas as modificações foram feitas *ad hoc*. Pelo menos eu assim penso, e pensarei até encontrar o Soneto tal qual num manuscrito fidedigno, ou num impresso, anterior a 1645.

No Comentário que o polihístor lhe dedica [3] e que, como sempre, contém observações judiciosas, ha além d'isso uma meia-confissão, segredada de modo típico para os seus processos. Se não fosse tão extensa [4], copiava-a.

Os tópicos mais importantes são : a existencia do Soneto em

Camões por Faria e Sousa e Alvarez da Cunha. Pertence todavia aos duvidosos.

1. Centuria II, Soneto 61 (vol. I, 266). — Cfr. Storck II, 162, e Th. Braga, ed. da *Actualidade*, p. 225.

2. Vid. *Ensayo*, II, c. 993.

3. Elas versam sobre o bilingüismo dos Castelhanos e um Soneto parecido de Gongóra, que principia : *Al Sol peynava Clori sus cabellos.*

4. P. 266 b-269a (cinco colunas).

dois dos manuscritos que viu, sem nome de autor, mas entre versos de Camões [1]. Num, principiava *Riberas del Danubio*, e tinha nomes pastoris diversos. Reconhece que este scenario exótico não convinha ao Poeta [2]. Nem tão pouco o idioma castelhano [3], porque, note-se bem, este Soneto é o primeiro não-português que introduz nas *Rimas*; com reluctancia... Apesar d'isso inclue-o, retocando-o. Diz que não quer tirar a sua gloria a ninguem, e que não sabe adivinhar quem fosse o verdadeiro autor; mas depois, deslisa suavemente sobre as suas dúvidas. Dos tres manuscritos tira apenas uma variante [4], porque a indicação de taes bagatelas o teria levado longe demais. A prova de que conhecia as *Obras* de Ramirez Pagan está no Comentario ao verso 4 do Soneto LXV.

6. *Con sollozos profundos y gemidos* (25).

Este soneto, publicado por mim nas *Poésias* de Sá de Miranda [5], está nas mesmas condições que o que já nos ocupou. Encontra-se no Cancioneiro Luis Franco (f. 113) em lição bastante detur-

1. No fim fala de outro manuscrito, terceiro, onde estava com atribuição a Mendoza, mas sem nomes pastoris.

2. « Yo no puedo adevinar si otro ingenio hizo este Soneto aunque me lo haze parecer el verle entrar con *Danubio*, rio de que mi P. jamas cantó. »

3. « Mi P. en todas sus obras tiene estos seys Sonetos que agora entran Castellanos y en la Centuria 3 avrá 14 ; y en los otros Tomos una Elegia y ocho ó nueve Glosas ; y *de los Sonetos acaso no son suyos los mas.* » (quem grifa sou eu). A confissão, que a critica deve colocar na devida luz, é completada nos Comentarios feitos a cada um dos 6 e dos 14 Sonetos.

4. O último terceto diz :

Y pues tu a quitarmelas bastaras,
No es mucho darme alguno en pago dellos.
Pues tu con tantos, tantas me quitaras.

Evidentemente, o primeiro tambem divergia. Na lição da *Revue Hispanique* leia-se *quitaras* no verso 10, e *tantas* no 9.

5. Nº 172. Vid. p. 589 e 866.

pada com lusismos, como se realmente fosse de Sá de Meneses, ou de outro Português. Ainda não dei com ele em outra parte.

Variantes: 2 movieron — 5 dava el — 9 c'un — 11 con un agudo acento y lastimoso — 13 se (*sic*) tuviese algun reposo — 15 se (*sic*) me dieses.

7. *De una ñudosa haya endurescida* (27).

Ha um Soneto de Trillo y Figueroa (no Vol. 42 da *Bibl. de Aut. Esp.*, p. 47) que, embora divirja bastante, tem comum com este o verso do início e o conceito principal. Uma rama cortada para bastão é no sentir do poeta menos dura do que a alma da pastora. As consonancias passaram de *-ida -ado; -ijo -ano -ente*, a *-ida -ando; -ia -ago -iga* [1].

8. *Yo soy, cruel Amor, el que has traydo* (39).

Muito conhecido como tudo quanto saiu da pena de Diego Hurtado de Mendoza [2]. Sem variantes notáveis, como em geral os versos d'ele [3]. Torno a advertir os interessados de que no Cancioneiro já citado de Luis Franco e no de Evora [4] ha composições do grande Humanista e homem de estado, que estacionou bastante tempo em Lisboa e dirigiu versos p. ex. a D. Simão da Silveira e D. Guiomar Henriquez. Talvez mesmo sejam seus diversos *Ineditos* que lá estão sem nome de autor.

1. Soneto XX: *Amoroso.* — O qualificativo *carcomida* não diz bem com a dureza do objecto.

2. Vid. Ed. de Knapp, na *Colección de Libros Raros ó Curiosos*, vol. XI, nº XXV, (p. 17) ou *Bibl. de Aut. Esp.*, vol. 32, p. 84 (Soneto XXIV).

3. As divergencias são insignificantes: 3 ya en los — 9 que viviere — 10 qu'en el — 11 me aborresciere.

4. CXIV-1-17; CXIV-2-2.

9. *Salid, lagrimas mias, ya cansadas* (41).

Do mesmo. Ed. Knapp, nº XXVI (p. 18) [1]. Com variantes mais numerosas, mas tambem pouco importantes. Algumas lições do texto de Foulché-Delbosc são erros : 7 *dara* por *dura* — 11 *llegar* por *lugàr*.

10. *A Fileno vi estar llorando un dia* (45).

No *Indice* ha, além d'este, com a mesma numeração, o Soneto :

Mira el amante pálido y rendido

que de balde procurei no texto. Em todo o caso este estudo sobre a Fábula de Píramo e Tisbe conserva-se na *Floresta de varia poesia*, publicada por Adolfo de Castro no vol. II dos *Poetas líricos de los siglos XVI y XVII* [2], onde ainda ha outros sonetos dos que nos ocupam aqui. Ahi é atribuido a Luis Carrillo, o ingenioso « cultista », tão encarecido por Gracian na sua *Agudeza y Arte de Ingenio* [3].

11. *Si yo lo dixe, biva en desventura* (46).

Imitação da Canção XV de Petrarca (V. de L.) que inspirou outra, livre, de Pero de Andrade Caminha em forma de canção [4]. Do papel modelar de prototipo, que Angelo Colocci atribuia anacronicamente á mesma poesia, nas Notas Marginaes com que ilustrou os Cancioneiros galego-portugueses, repetindo numerosas vezes as palavras iniciaes *S'il dissi mai*, prometi falar (e conto falar) nas minhas *Randglossen*.

1. *Bibl. de Aut. Esp.*, 32, p. 84. Soneto XXV ; Canc. Paris, 597, f. 199.
2. *Bibl. de Aut. Esp.*, vol. 42, p. 530 (VI).
3. *Discurso* III, p. 11 da ed. de 1664.
4. *S'eu em al cuido nunca.*

12. *De relucientes armas la hermosa* (47).

Foi Th. Braga quem introduziu em 1880 este Soneto no *Parnaso* de Luis de Camões [1]. Colheu-o numa Miscelánea manuscrita que, apensa a um exemplar da Novela de cavalaria de *Rosian de Castilla* [2] (Lisboa, 1586), existe na Livraria da Academia das Sciencias de Lisboa. Conforme outr'ora expliquei num artigo crítico [3], de todos os quarenta e dois *Ineditos* que então entraram de novo no *Parnaso*, talvez nem um haja que possa ser do Cantor dos *Lusiadas*.

Tambem anda numa *Poetica Silva*, recopilada na cidade de México em 1577 [4]. Nela é atribuido a Gregorio Silvestre, emquanto figura anónima no *Canc. Paris.* 602 (f. 228 [5]). Sinto não poder estabelecer, se realmente saiu nas *Obras* do simpático Português, transplantado para Granada.

Variantes de Braga (B) e Gallardo (G.). Onde não ha indicação em contrário, as lições são comuns a ambas as fontes.

2 estaba — 3 G. Palas viendola decia — 5 haré — 9 Mucho estoy, dijo Venus, espantada — 10-10 B. Palas de ti pues siempre y hasta agora Te tuve como todas por sesuda — 12 B se sufre — 13 B menospreciar me agora — G. querer menospreciarme.

13. *Dias cansados, duras oras tristes.*

É de Mendoza, como o leitor póde verificar na Ed. de Knapp (N° 2) ou na *Bibl. de aut. Esp.* Vol. 32, p. 82. Tambem anda no Canc. de Evora CXIV-1-17, f. 53, e no de Luis Franco f. 157.

1. Porto, Imprensa Internacional, 3 vol. Vid. I, 189.
2. Vid. p. XXX e s. da respectiva *Introdução*.
3. *Zeitschrift* V, 393-402. Precisava de ser refeito, com estas e outras observações.
4. Vid. Gallardo, *Ensayo* I, c. 1006.
5. Morel-Fatio, *Catalogue*, p. 219.

Variantes: 2 en mi — 4 pesaros me bolvestes — en vos también faltó —

14. *En una selva al parescer del dia* (57).

Soneto pseudo-camoniano. Foi Faria e Sousa quem sem cerimonia incorporou esse belo estudo sobre o caso de Endimião nos manuscritos das *Rimas*, achando-o digno do Mestre. Colocou-o no mesmo grupo primeiro de textos castelhanos, a que pertence o Soneto pastoril de Liso e Natercia (nº 23 dos 237). Com a meia-franqueza do costume confessa que num dos tres manuscritos em que o encontrou, tinha atribuição a D. Fernando d'Acuña. No segundo, com quanto esse tivesse o titulo de *Varias Poesias de Autores Portugueses*, a D. Diego de Mendoza. No terceiro, ao grande Lusitano. Além d'isso cita a paráfrase em catorze *Liras* de Francisco de Figueroa, na qual o autor do Soneto-Mote não é citado [1]. Suspeito que a atribuição a Camões não existiu senão na fertil fantasia do Comentador. Pelo menos, não achei em parte alguma confirmação do enunciado.

A atribuição ao poeta Fernando de Acuña é a verdadeira [2]. O Soneto figura nas suas *Varias Poesias*, impressas em Madrid em 1591 [3]. Em nome d'ele está tambem num Canc. Eborense.

Em todo o caso, não é licito aproveitar essa poesia em estudos

1. Efectivamente o título diz apenas : *Glosa a este Soneto de Figueroa*. Já falei da *Glosa* (*Zeitschrift* V, 398 e 402), porque mesmo essas *Liras* foram publicadas como obra inédita de Camões (Canção III), no *Parnaso* de 1880.

2. Não seria impossível que este autor, falecido em 1580, e que pelo nome é de origem portuguesa ou galega, tivesse conhecimento de versos de Camões. Faltam todavia todos os indícios a favor da hipótese, ao passo que abundam os que invalidam a autoria do Lusitano.

3. Vid. Salvá, *Catalogo*, nº 412. A edição é raríssima. Foi J. Priebsch que verificou o facto no exemplar do Mus. Brit. e aproveitou os resultados nas *Poesias Ineditas* de Caminha (vid., p. 519).

sobre a vida e os amores de Camões, dando-lhe valor autobiográfico [1].

Tambem neste caso, a lição de Faria e Sousa é a mais perfeita de todas, superior mesmo á de Acuña, comquanto os Sonetos d'este Quinhentista sejam quasi sempre admiráveis. A razão do fenómeno, que se repete, e de que o polihístor se vangloria constantemente, consiste em ela ser ecléctica. Escolhendo as melhores entre todas as lições que conhecia, harmonizava-as em seguida [2], tal qual Almeida-Garrett procedeu posteriormente com relação aos Romances populares.

Eis as concordancias e divergencias de *A* (= Acuña) [3], *C* (= Camões, na opinião de Faria e Sousa); *E* (= Evora CXIV-2-2, f. 132); *D* (= Delbosc, *Rev. Hisp.*, XVIII, 517); *F* (= Figueroa, ed. 1625 e Th. Braga, *Parnaso*, vol. II, Canção XXI).

1 *A D* parecer — *C* dispuntar — *E* Junto a una selva al parescer del dia — F assomar — 2 A E se estava E. — 3 F contra el rayo — 4 ADE cumbre — C falda (assim emendou FS, a meu ver, governando-se por um verso de Ramirez Pagan) — 7 *ADE* Tras un grave sospiro doloroso — *C* Tras un suspiro y otro congoxoso — *F* Tras un suspiro triste d. — 8 *ADEF* Tales palabras contra el Sol dezia — *C* Razones semejantes le dezia (retoque de *FS*, para evitar a repetição de *Sol*) — 9 *ADE* para mí triste y escura

1. Refiro-me á Memoria do Dr. J.-M. Rodriguez, *Camões e a Infanta D. Maria*, publicada no *Instituto* (p. 11 da *Separata*, que devo á gentileza do autor).

2. Faria e Sousa proclama a p. 221 : « Si yo ubiesse de gastar tiempo en mostrar lo que desto ay (sc. de lições varias) en mi P., reduzido á lo mejor por los manuscritos bien conferidos, quando acabara? » e a p. 270 diz : « Sin detenerme en particularizar estas menudencias, voy usando de lo que me parece mejor, conforme á los manuscritos quando los hallo mas correctos. » Mas a experiencia mostra que « no fim do cabo » retocava as lições eclécticas que assim compunha.

3. Vid. Priebsch, *Poesias Ineditas*, na Nota ao Soneto 89 (p. 519) de Caminha.

— *C* para mí la mas escura — 10 *ADEF* Que con furioso curso apressurado — *C* que con esse passeo apressurado (retoque que não me parece feliz) — 12 *AE* Si te pueden mover en tanta altura (*puede* na lição *D* é erro evidente) — *C* Si allá para moverte en essa altura — 13 *ADEF* pastor apassionado — *C* pastor enamorado — 14 A donde saliste (*salistes* em *D* é erro).

Quanto ao sentido, a concepção do Poeta não é perfeitamente clara. Isso me levou em tempos a tratar o Soneto de levemente gongoresco. Os estrangeiros, que o traduziram, não comprenderam a situação. Von Arentschildt (nº 165) pensa num ocaso do sol, apesar de o verso inicial falar do *despuntar*, *assomar*, *parecer* do dia. Storck imagina que Endimião (ou o Poeta) se dirige á Lua (Selene), chamando-a « o seu Sol » no momento de ela desaparecer atrás de um monte. Creio que a palavra *descendia* perturbou a ambos. É certo que Endimião trata a Lua de *mi sol*, no verso 11º, mas é impossível que lhe dirigisse as suas queixas contra o perturbador do seu deleite. Entendo que em paisagem montanhosa *Sol* surge no cume da serra, de onde a luz se espalha, descendendo pela sua falda, e extinguindo o pálido facho de Selene.

Para tirar dúvidas, compare-se o Soneto de Caminha

Num alto monte Endimion subido,

comquanto a situação seja diversa [1].

15. *El que fuere dichoso será amado* (77).

De Autor incerto. No Manuscrito Matritense (M 84) de que foi tirado, vem atribuido a Barrionuevo. O seiscentista Gaspar de

1. Endimião, subindo impaciente ao cume de um monte, queixa-se da tardança de Selene, e pede-lhe que pelo menos a tornada seja tão vagarosa como a vinda.

Barrionuevo ? Adolfo de Castro dá-o, com variantes, por obra do Conde de Villamediana, príncipe no sangue e mais no ingenio [1]. Note-se todavia que entre os Sonetos, que é costume atribuir a este titular, ha bastantes duvidosos. O editor dos *Poetas Líricos* seguiu, se não me engano, o *Canc. Paris.* 605 (f. 41 v.), privativo do Conde, mas de letra e ortografia portuguesa, segundo Morel-Fatio [2]. A este mesmo D. João de Tarsis e Peralta o imputa o coleccionador de *Apophtegmas Memóraveis*, dizendo-o dirigido a uma Senhora tão fermosa como ingrata [3]. O texto que dá, é superior em correcção aos outros. Em outro Florilegio manuscrito, recopilado por outro Português (Faria e Sousa [4] para o Conde de Haro), ele figura entre as poesias do Marquês de Alenquer [5].

16. *No pierda mas quien ha perdido tanto* (78).

Imitação, sòmente no verso inicial, do bem conhecido Soneto VII de Garcilaso : *No pierda mas quien ha tanto perdido* (*Bibl. de Aut. Esp.*, vol. 32, p. 32).

17. *Alegre, rico y venturoso lecho* (83).

Na já citada *Floresta*, publicada nos *Poetas Líricos*, está com o nome do Doctor Garay. Com numerosas variantes :

1. *Bibl. de Aut. Esp.*, vol. 42, p. 156.

2. *Catalogue*, p. 230 ss.

3. Pedro J. Suppico de Moraes, *Collecçam Politica*, Lisboa, 1720 ; Livro III, p. 229.

4. *Ensayo* II, c. 994, nº 2168, f. 23. No tempo de Gallardo resguardava-se na livraria de D. Manuel Gamez, e certamente não se terá estraviado, de 1860 para cá. Muito estimava ser informada a este respeito.

5. Torna-se preciso consultar diversos manuscritos da Biblioteca de Evora, com poesias do Conde e do Marquês (Conde de Salinas). Vid. *Catalogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Eborense*, vol. II, p. 111.

1 rico, venturoso — 2 Cuan desigual que va vuestro partido — 5 Que yo traigo continuo dentro el pecho — 9 dame tu gloria — 10 o yo te prestaré mi sentimiento — 11 te goce — 12 quieras que solo — 13 tal contento — 14 á tanto gusto.

18. *Como se viese Amor desnudo y tierno* (86) [1].

Este Soneto, comparável aos bons de Petrarca, segundo a opinião de um entendido, é de Cuevas, que na mesma *Floresta* está representado com dois Sonetos. Isto é : no caso de serem exactas as atribuições no Apendice de *Glosas y Canciones de diferentes Autores*, que acompanha o *Romancero Historiado* de Lucas Rodriguez, nas impressões de 1579, 1584, 1585, e na de 1875. Foi tambem reproduzido no *Ensayo* [2].

Variantes : 1 ciego — 2 Temblando el triste va buscar un dia — 3 donde — 4 mitigar del recio invierno — 5 Pues viendo acaso — 6 Tirena y de su faz — 8 busca su dolor — 9 Topó en el seno : el seno — 10 frio — 11 el corazon — 13 vio — 14 aqui quiso vivir y de aqui mata.

19. *Porcia despues que del famoso Bruto* (88).

De Francisco de la Cueva, segundo o anónimo coleccionador da *Floresta* impressa nos *Poetas Liricos* [3] ; e tambem segundo Espinosa, na sua bela exposição de *Flores de Poetas ilustres* [4]. Impresso igualmente na *Agudeza y Arte de Ingenio* de Gracian [5].

Variantes : 5 escondeis — 6 impedir — 7 pagalle — 8 Desta limpieza y desta fee el tributo.

1. *Ciego*, em rima com *invierno*, *govierno*, *eterno* é erro evidente.
2. Vol. IV, c. 202 (nº 3660).
3. *Bibl. de Aut. Esp.*, vol. 42, p. 503.
4. *Ibid.*, p. 18. — Cfr. ed. Rodriguez Marin I, p. 125 (nº 103).
5. Vid. ed. 1664, p. 15. A p. 252 ha outra imitação de Marcial ; do Conego D. Manuel Salinas.

20. *Es la mujer del hombre lo mas bueno* (90).

Muito conhecido e citado. De Lope de Vega. Vid. *Bibl. de Aut. Esp.*, vol. 38, p. 383 ; *Flores de Poetas Ilustres*, nº 185 [1] ; *Agudeza*, p. 1 e 166, onde se lhe tecem os devidos encomios.

Variantes : 7 bueno — 12 tiene amor — 13 al fin.

21. *Ir y quedar y con quedar partirse* (91).

Do mesmo Lope de Vega; mais afamado ainda. Em 1880 foi todavia encorporado por Th. Braga no *Parnaso* de Luis de Camões [2]. Reclamei contra o engano, laconicamente. E não foi logo, no artigo em que me ocupei das 42 peças, que como Inéditos de Camões, serviam de atractivo peculiar da edição do Centenário [3]. Mas pouco depois, em breves artigos da *Revista da Sociedade de Instrução* [4] e do *Circulo Camoniano* [5]. Repito agora que o Soneto sempre andou nas Obras do *Fenix Español* [6], foi traduzido como seu pelo Gongora italiano. Sem nome de autor anda em diversas Misceláneas, p. ex. na *Poetica Silva* descrita por Gallardo [7], na qual se lêem alguns dos melhores Sonetos de Camões, em tradução castelhana. Entre os numerosos escritores peninsulares que o citaram, apontarei apenas D. Francisco de Portugal [8] e um anónimo da *Fenix renascida*, por ele até haver alegado o nome do autor, dizendo numa *Epistola a un amigo :*

1. Da nova edição. Adolfo de Castro havia-o omitido.
2. Vol. I, p. 187, no 371. — Com variantes e lusismos : 2 y con el alma ajena — 6 tierra (erro evidente, por *tierna*) — 8 selo (lus.) — 9 seledades (gralha) — 10 prestado — 11 y a lo temporal — 14 en el amor (gralha).
3. *Zeitschrift* V, 398-402.
4. Vol. II, p. 105-125.
5. Vol. II, 31 : *Materiaes para um Indice Expurgatorio da Lirica Camoniana.*
6. P. ex. na ed. Sancha IV, 209.
7. *Ensayo*, I, c. 1002 (No 1051).
8. *Arte de Galanteria*, p. 69.

« *Ir y quedar y con quedar partirse* disse o Fenix de Hespanha que era ausencia [1] ».

Além d'eles, Faria e Sousa [2]. Este último apenas o cita para patentear que não teve ânimo para arrogar versos de Lope, seu amigo, a Camões, seu poeta.

22. *Busco paz y sustentome en guerra* (92).

Imitação livre de Petrarca (V. d. L., XC). Diogo Bernardez citou *Pace non trovo e non ho da far guerra* (*Flores do Lima*, p. 216 da ed. de 1776) [3]. De Luis de Camões temos dois Sonetos sobre os efeitos contrarios do amor : *Tanto de meu estado me acho incerto* e *Coitado que em um tempo choro e rio.*

23. *Bendita sea la hora en que te vieron* (94) [4].

Imitação de Petrarca (V. d. L., XXXIX) : *Benedetto sia 'l giorno e 'l mese e l'anno.* Ha outra de Andrade Caminha : *Ditoso o tempo, o dia, a ora, o punto* (N° 74, Soneto XXIX das *Poesias ineditas*). Miguel Colodrero de Villalobos fechou com o verso italiano um seu Soneto festivo [5].

24. *Si por Raquel gentil, zagala bella* (98).

25. *Siete años de pastor Jacob servia* (99).

O n° 98 — imitação do imediato, cujo verso inicial passou a ocupar ahi o segundo lugar e cujas rimas são reproduzidas nas quartetas — já fôra impresso no *Ensayo* [6] de Gallardo, e tresladado por

1. Vol IV, 204.
2. *Rimas*, I, p. 244b e 276b.
3. Numas *Oitavas Centonicas*.
4. Cfr. *Rev. Hisp.*, VI, p. 391. e VII, p.
5. *Que mire y calle me pidió Menguilla.* Vid. *Ensayo* II, c. 497 (n° 1860).
6. Vol. I c. 1199 (n° 1222).

mim num artigo do *Circulo Camoniano* [1], em que tratei das poesias clássicas de Quinhentistas e Seiscentistas, relativas a Raquel e Lia. Segundo o bibliógrafo castelhano, está num manuscrito de *Tonos Castellanos*, de fins do século XVI da Biblioteca Medinaceli. Em todo o caso, estava tanto em voga, que Alarcon incluiu trechos d'ele numa das suas Comedias, fazendo-os recitar *coram populo*. Num dialogo de amor, entre um pretendente apaixonado, ao qual a pretendida recomenda paciencia e constancia, e que faz parte de *La Industria y la Suerte*, lêmos o trecho seguinte :

D. JUAN. Dos años ha, Blanca bella,
que estoy firme en mi porfia.
BLANCA, *Siete años de pastor Jacob servia !*
D. JUAN. *Con esperanza al fin de poseella !*
Si mil sirviera, y más, muy poco hacia !
BLANCA. *Al fin llegó, sirviendo, á merecella* (II, 8).

Um pouco depois (III, 7), repetem-se as alusões. O criado e confidente do galan pregunta

Siete años de pastor Jacob servia
Y : Al fin llegó sirviendo a merecella
dijo tu adorada?

e continua encarecendo os conceitos contidos no Soneto nº 99 :

JIMENO. Y tú constante y fiel,
entre desdenes y daños
servirás otros siete años
á tu divina Raquel?
D. JUAN. Y son pocos!
Vive Dios,
JIMENO. Que pienso que se os olvida
cuan limitada es la vida
en este tiempo á los dos.

1. *Circ. Cam.* I, p. 149-159 e 199-205.

É pois certo que o excelente dramaturgo conhecia a ambos os Sonetos.

Ao texto de Gallardo faltava um verso (em *-años*) que é agora suprido pelo de Foulché-Delbosc. Além d'isso, ha algumas variantes:

4 y otros — 7 y mas (lição *que me parece melhor*) — 8 pues — 10 servir.

Os tercetos dizem com erro manifesto :

> Cuanto mayor amor será, señora,
> servir sin esperanza ni aun de engaños
> y cuanta mas beldad mi alma adora
> pues que tengo por gloria en mi los daños
> y mil años que os veo por un hora.

A lacuna está marcada em sitio improprio, como se faltasse o verso 11°.

Pelo sentido, falta todavia o penúltimo :

Y quinze años que os sirvo por un ora.

Para endireitar o sentido e as consonanuas, devemos modificar o último, pondo:

Y un ora que no os vea, por mil años.

O nº 99 (modelo de 98) é versão literal de um Soneto de Camões [1]. *Sete anos de pastor Jacob servia* publicou-se nas *Rimas* do Lusitano, na edição-príncipe de 1595, e reapareceu em todas as posteriores, sem contestação nenhuma. — Pelo contrário, numerosas homenagens, prestadas em Castela ao bem-feito estudo do tema bíblico, confirmam a autenticidade.

1. Tão literal como possível. Logo me refiro a uma alteração feita, por ser inevitavel.

A tradução tão pouco é inédita. Foi divulgada repetidas vezes nas *Obras* de Quevedo [1], e atribuida por alguem ao *Principe de Esquilache* [2]. Além d'isso, ha um boato sobre uma Glosa, feita por Felipe II, a qual, caso lhe correspondessem factos positivos, provaria a existencia de outra tradução, anterior a 1598, ou com maior probabilidade anterior mesmo a 1580. Por tanto não podia ser de nenhum dos Seiscentistas. Eu, porém, duvído e tenho o boato em conta de lenda. Eis o original na lição de 1595, com as variantes das edições de 1666 (*A*) e 1685 (*F*) [3], e com as do manuscrito Juromenha (*J*), assim como das reproduções de Baltasar Gracian (*G*) e do Dr. Antonio Barbosa Bacellar, a que logo dedicarei algumas palavras.

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Rachel, serrana bella:
Mas não servia ao pai, servia a ella,
E a ella só por premio pretendia.
Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautella,
Em lugar de Rachel, lhe dava Lia.
Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assi negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,
Começa de servir outros set' annos,
Dizendo: « Mais servira, se não fora
Pera tam longo amor tam curta a vida [4].

Variantes 3. J Elle não servia o pae — 4 *AF* Que a ella — *G* Que ella — *J* Que a ella por soldada pretendia — 5 *B* Mil dias

1. Eu sirvo-me da edição de 1726. Vid. vol. III, p. 372, Soneto L entre os *Amorosos* da Musa Euterpe. Nota alguma esclarece o leitor sobre o facto importante de o soneto ser apenas uma adaptação.
2. Vid. Adolfo de Castro na *Bibl. de Aut. Esp.*, vol. 69, p. 69.
3. Estas são as geralmente adoptadas.
4. Soneto XXIV. Modifiquei a grafia sómente nos *nn*, *hh* — *yy*.

— *J* com esperança — 8 *F* lhe deu a Lia — 9 *J* por enganos — 10 *JG* Lhe fora assim negada sua pastora — 12 *J* Tornou a servir — *F* Começou a servir — 14 *J* largo amor [1].

Vê-se por elas que os autores do país vizinho se serviam de manuscritos; isso vale tanto das citações como das traduções. Quanto a estas, o texto publicado por Delbosc diverge pouco do que anda nas *Tres Ultimas Musas* de Quevedo e foi aproveitado por D. Lamberto Gil nas suas *Poesias varias de Camões* [2] e por Th. Braga em diversos escritos [3].

Eis as Variantes : 3 Mas no servia a el, servia a ella — 4 solo — 8 le diera Lia — 9 triste — con engaños — 10 le quitan á Raquel y el bien que espera — 11 y fé le merecia — As lições *Raquel, el bien que espera, — y fé tan merezida* do texto delbosquiano são evidentemente as verdadeiras.

Na modificação dos tercetos — e do verso 7 das quartetas — obrigatória pela falta de correspondencias nas rimas *vê-la cautela — pastora fora* — o Soneto perdeu muito da sua pureza de sentimento, sobretudo no último terceto [4], tão dramático e cheio de galhardia.

Como já deixei dito, ocupei-me ha tempos do assunto num artigo especial. Esse foi pouco depois refeito por Th. Braga, o qual anteriormente [5] já tratára de certa parafrase de *Sete anos de pastor*, perdida, ou só fantasiada, a qual um *Curioso castelhano* atribuira em 1627 a Felipe II. Tresladando diversos textos, que

1. *Grande* na ed. de Th. Braga (Bibl. da Actualidade) é lapso. Os citadores castelhanos e portugueses (Lope, Mello, Esquilache) puseram *largo*.

2. Ed. 1818, vol. III, p. 27.

3. Ha transcrição, na *Historia de Camões*, II, 578; no opúsculo sobre Felipe II; e no Vol. entitulado *Camões e o Sentimento Nacional* (1891), p. 205.

4. Th. Braga, *Camões e o Sentimento Nacional*, p. 206.

5. *Um Soneto de Camões, glosado por Philippe II* (Lisboa 1889).

eu me contentára de apontar, o ilustre catedrático quebrou lanças, de novo, pela actividade poética do monarca, da qual eu me atrevera a duvidar, não-convencida, por falta de documentos positivos. Além d'isso, ele quis evidenciar a influencia do lirismo camoniano em Hespanha (que de modo algum nego, empenhada, pelo contrario, em juntar testemunhos e documentos pouco conhecidos [1]).

Como o *Circulo Camoniano* fosse uma das ephemeras Revistas peninsulares, que não encontram eco lá fóra, a não ser em casos excepcionaes, tornarei a utilizar aqui, em edição melhorada, os meus materiaes, relativos aos *Sonetos de Raquel e Lia*. Vão no fim, para aqui não interrompermos as Notas directamente relativas aos 237 Sonetos. E tambem porque lhes adiciono algumas novidades sobre outras duas poesias, atribuidas a Felipe II.

26. *Es la amistad un empinado Atlante* (127).

Do Bilbilitano Pedro de Liñan, segundo Espinosa, nas *Flores de Poetas Ilustres* [2], e tambem segundo o anónimo coleccionador da *Floresta de Varia Poesia* [3]. Tambem me recordo de o haver lido na *Agudeza y Arte de Ingenio*, como exemplo de muitos apodos juntos, que fazem uma artificiosa definição do sugeito. Böhl na *Floresta* chama-o magnífico.

Variantes : 2 E que en dos almas unió a pelo. — 5 BG por no regar su patrio suelo — 4 BG repartido ante — 6 BG que en dos almas vino á pelo — 14 E : ofensas. (Que parecem ser meras deturpações.)

1. P. ex. nas *Contribuições para a Bibliographia Camoniana*, publicadas no *Circulo Camoniano*.

2. Nº 110 da esplêndida edição de Rodriguez Marin; ou a p. 30 do vol. 42 da *Bibl. de Aut. Esp.*

3. *Bibl. de Aut. Esp.*, vol. 42, p. 504.

27. *Quando me paro á contemplar mi estado* (129).

O verso 1°, de Garcilaso (Soneto 1), foi tantas vezes empregado, a sério e de burla, por diversíssimos poetas, que chegou a ser proverbial. Veja-se por exemplo o Soneto sacro de Cordova, contido no vol. 35 da *Bibl. de Aut. Esp.* (p. 51), o de Lope ahi mesmore impresso; o de Argensola (*Bibl. de Aut. Esp.*, vol. 42, p. 323, e *Flores* II 99 e p. 388). De passagem direi que o admiravel Soneto de Garcilaso é imitação de Petrarca (V. d. L., XXX). *Quando io mi volgo indietro a mirar gli anni*, e irmana com outro de Camões que igualmente é imitação livre do Mestre italiano: *Quando os olhos emprego no passado.*

Este, admitido na *Miscelánea* de Leitão Andrade (p. xx) é, de mais a mais, atribuido ao segundo Conde de Vimioso, D. Afonso de Portugal (fal. em 1578), no Cancioneiro de Fernandez Thomas. Por ora não sei, com que direito. — Compare-se tambem um Soneto de Bernardo de Brito: *Ponho-me a contemplar na fantesia Quando me vi em mais ditoso estado* (Silvia de Lisardo, n° XIX).

28. *Dormio en el prado mi pastora hermosa* (132).

De Juan Bautista de Mesa. Impresso nas *Flores* de Espinosa (n° 45), e reproduzido na *Bibl. de Aut. Esp.* (vol. 42, p. 5). O texto é mais apurado.

1 Dormia en un p. — 5 donde amor r. — 6 envia (*em lugar de envidia*) é erro. — 9 discreto e. — 10 temeraria — 11 aun imaginarlo — 12 triste daño — 14 te deberé lo que al amor no debo.

29. *Esos cabellos en tu frente injertos* (134).

De Lupercio Leonardo (*Bibl. de Aut. Esp.*, 42, p. 274, Soneto XLI).

Variantes : 8 cual si viesen s. d. — 9 puedes — 13 Está en duda si — 14 y está en verdad.

30. *Ojalá suyo ansi llamar pudiera* (135).

Do mesmo Argensola (*Ib.*, p. 274, Soneto XL).

Variantes: 1 así — 2 á su cabello — 4 que es suyo — 5 que — 6 blanco y bello — 7 para echar — 12 asi — *Diga* é erro evidente *arguya* — 14 el hambre.

31. *En terminos me tiene el mal que siento* (141).

Tambem se encontra sem nome de autor no *Canc. Paris*, f. 92 v [1] e no *Cancionero de Oxford* a f. 12 r. Vid. *Zeitschrift* III, p. 83. No *Canc. Paris*, 598 anda entre as poesias de Pedro Lainez (f. 39) [2]. Já confessei não poder recorrer á edição de 1562 de Fernando de Acuña para averiguar, se ela encerra os sonetos 140-143.

32. *Si lagrimas pudiesen ablandarte* (147).

Cfr. Camões, Soneto 285 : *Se lagrimas choradas de verdade*, e Diogo Bernardez, Son. XIII : *Se lagrimas d'amor e de saudade*. Creio num original italiano.

33. *El tiempo el duro marmol va ablandando* (171).

Mais um texto a acrescentar aos Sonetos sobre a acção do tempo que juntei no vol. VII [3].

1. Morel-Fatio, *Catalogue*, p. 211.
2. *Ibid.*, p. 207 Nessa colecção ha versos de Acuña, e alguns de Mendoza, Silvestre, Gil Polo.
3. Vid. as Notas relativas ao paragrafo 100.

34. *Benigno, blando, fuerte y riguroso* (174).

Nas livrarias do Porto não ha, que eu saiba, exemplar algum das *Obras poéticas* de Gregorio Silvestre. Este soneto encontra-se todavia reimpresso, com diversos outros, sagrados, no vol. 35 da *Bibl. de Aut. Esp.* (p. 48, nº 40).

Variantes : 5 que manso — 6 has sido — 9 sin medida.

35. *Bolvd la blancura al azucena* (194).

Esta pintura de uma dama, « obra de primera magnitud » segundo o crítico, anda nas *Rimas* de Camões, em redacção portuguesa, aperfeiçoada, comquanto dois vocábulos dêm margem a reparos [1]. Mas só de 1668 em diante. Isto é nas edições voluntariosamente augmentadas. Quem a havia acolhido em 1645, foi o tantas vezes citado polígrafo [2]. Os seus manuscritos, inéditos até 1685, dos quaes existiam diversos borrões, foram explorados por Alvarez da Cunha [3], conforme já ficou dito. Eu, pelo menos, suponho que assim fosse, por ser inacreditável que o fidalgo amador tivesse á sua disposição e explorasse em Lisboa as mesmas fontes complexas, em parte misteriosas e fantásticas, em que Faria e Sousa haurira pouco a pouco, em Madrid e no Reino, os 150 e tantos sonetos com que enriqueceu o *Parnaso* do seu Poeta [4]. E baseada no número elevado de poesias alheias que os dois acolheram sem escrúpulo, suponho mais que o texto castelhano, infelizmente de autor desconhecido, representa de facto o original, sendo mera cópia a redacção portuguesa. Quer provenha

1. Os versos 6 e 7 parecem-me mais belos no texto português, e em geral todas as consonancias.
2. Centuria II, nº XX (p. 215).
3. Ed. 1668, i. é *Terceira Parte*, nº XIV b.
4. Vid. *Rimas*, I, p. 191 e *passim*.

de algum anónimo, quer do proprio comentador [1]. Suspeito isso por encontrar nela modos de dizer camonianos [2], com os quaes Faria e Sousa sabia autenticar como ninguem os textos que usurpava.

D'esta vez transcrevo ambos os textos.

Tornay essa brancura a (*sic*) alva *açucena*
E essa purpurea cor ás puras rosas :
Tornay ao Sol as chamas luminosas
De essa vista, que a roubos vos *condena*.
Tornay á suavissima *Sirena*
De essa voz as cadencias deleitosas;
Tornay a graça ás Graças, que queixosas
Estão de a ter por vós menos *serena*.
Tornay á bella Venus a belleza,
A Minerva o saber, o engenho e a arte,
E a pureza á castissima Diana.
Despojayvos de toda essa grandeza
De doens; e ficareys em toda parte
Comvosco só, que he só ser inhumana.

La blancura bolvéd a la azuzena
Y el purpureo color a los rosales;
Y bolved essos ojos celestiales
Al Cielo con la luz *que os dió* serena.
Bolved el *dulce canto* a la Sirena
Con que hazeys *sacrificio a* los mortales;
Y essos vuestros cabellos naturales
Al oro, pues salieron de su vena.
A Venus le bolved *la* gentileza,
A Mercurio el hablar, de que es Maestro,
El blanco velo a Diana, casta Diosa.
Quitad de Vós *aquessa* suma alteza,
Y quedareys con solo lo que es vuestro,
Que es *solo ser ingrata* y desdeñosa [3].

1. O modo como ele considera e julga o caso, é de ingenuidade realmente curiosa, mas exasperadora.

2. *Engenho e arte*; e *inhumana* (no sentido de *mais que humana*).

3. Grifei as lições que divergem do texto delbosquiano.

O proprio Faria, que se empenha pela autoria de Camões, confessa que *azuzena sirena* não são realmente vozes portuguesas, mas castelhanas [1]. *Pero un poeta como este puede hazer lo que quisiere!*

É facto que os Quinhentistas preferiam as formas populares, *cecem* e *sereia*. Perto de 1600 *azuzena* (*assucena*), hoje única, era todavia usada. Alvarez do Oriente, Bernardo de Brito, e antes d'eles o poeta épico Jerónimo Cortereal a empregaram sem pejo, em rima tambem com os latinismos *sirena*, *serena*; e com *avena* e *cantilena*, outros termos cultos do estilo clássico [2]. O que importa estabelecer, é se Camões os utiliza em outros passos, sobretudo nos *Lusiadas* [3]. Creio que não. Mas embora encontrasse exemplos, opinaria que *La blancura* era original castelhano, até encontrar o texto português, com atribuição a Camões, num antigo manuscrito fidedigno. Por isso acho mais prudente, não utilizarmos o Soneto em biografias do Poeta, em especial para com ele documentar uns supostos românticos amores com a Infanta D. Maria [4].

Ha uma imitação, não infeliz, de Francisco Terraza no Cancioneiro já citado, que ele coleccionou no Mexico, patria sua. Foi impressa por Gallardo (II c. 103, nº 1046) e na Revista portuguesa *O Occidente*. Como esse poeta falecesse em 1604, e as *Flores de varia poesia* sejam datadas de 1577 (vol. II, p. 119), é certo ser ainda do seculo XVIº o texto que tenho em conta de original.

1. Nos Diccionarios, *açucena* é explicado por *cebola-cecem*.

2. Vid. *Lusitania Transformada* (p. 266, 365, 387, 426, 440); *Naufragio de Sepulveda*, f. 3 e 6; *Cronica de Cister*, V, 30.

3. No *Livro das concordâncias*, para o qual vou juntando materiaes, livro já reclamado por Burton, como a mais necessária entre as cousas necessárias para os Camonistas, ainda não registei exemplo algum. Apenas posso indicar que *cecem* vem empregado na *Egl.* VII, e num Soneto 33; e *serea* no Soneto 126.

4. Ideou-os, como já deixei dicto, o benemérito autor das *Fontes dos Lusiadas*, J. M. Rodrigues. Vid. *Instituto*, vol. 55, p. 397 (p. 92 da *Separata*).

Eis o seu teor :

Dejad las hebras de oro ensortijado
Que el ánima me tienen enlazada,
Y volved á la nieve no pisada
Lo blanco de esas rosas matizado.
Dejad las perlas y el coral preciado
De que esa boca está tan adornada;
Y al cielo, de quien sois tan envidiada,
Volved los soles que le habeis robado.
La gracia y discrecion que muestra ha sido
Del gran saber del celestial maestro,
Volvedselo á la angelica natura.
Y todo aquesto así restituido,
Vereis que lo que os queda es propio vuestro :
Ser áspera, cruel, ingrata y dura.

36. *Estas lágrimas vivas que corriendo* (203).

37. *Quereros para mí no es desamarme* (204).

38. *Nunca ofendi la fé con la esperanza* (205).

Todos os tres são obras do Luso-castelhano D. Diogo da Silva, Conde de Salinas e Marquês de Alenquer. Pelo menos, é a ele que os assigna Faria e Sousa, na *Floresta* recopilada para o Conde de Haro, segundo Gallardo, que os regista em dois artigos, dedicados, um áquelle prócere, outro ao respectivo manuscrito do polígrafo. No vol. I do *Ensayo* (c. 143 e 144) publicou os primeiros dois [1]; no vol. II (c. 994) catalogou apenas o terceiro, que todavia não estava inédito. O coleccionador dos *Apophtegmas memoraveis* já o inserira em 1720 na *Collecção Politica*, afirmando que o soneto do Marquês comprehendia a maior fineza de amor [2]. Deixei de advertir até agora que a

1. Na segunda Parte das *Flores de Poetas Ilustres* havia confirmação, quanto ao soneto 203, num caderno que falta no ms. de J. A. Calderon. Vid. ed. de 1896, p. VII.

2. Livro II, p. 24.

dicta *Floresta*, em que metade das composições é portuguesa ou luso-castelhana, não pode ser do anno 1666, se a letra fôr realmente de Faria e Sousa, pois este faleceu em 1649.

Variantes : I 3 es — 4 Que en mi favor — 5 Quien ama está temiendose, y temiendo — 7 á su cargo — 11 Mas p. — 12 tendreis.

II 7 proprio — 9 Cuanto mas amo menos de vos quiero — 10 razon — 11 misma.

III 2 vivo presente — 3 Y tras eternidades de paciencia — 5 que arde en tu a. — 8 Fuera no arder morir con evidencia — 11 hallé de que olvidarse — 13 ni puedo.

39. *Pluguiera a Dios que nunca aquí viniera* (228).

Será bom compará-lo com outro de Gregorio Silvestre que principia *Pluguiera a Dios que nunca yo naciera* (Canc. Paris. 602, f. 179) [1]. Frei Agostinho da Cruz, ou algum amigo, cujas poesias ele intercalara no seu Cancioneiro, glosou a primeira quarteta do mesmo modo (Ms. portuense nº 59).

Ainda ha mais Sonetos que julgo haver lido algures, sem comtudo me recordar das *Fontes* (p. ex. nºs 21, 52, 53, 76, 88, 127, 163, 192, 224, 228). Ficam por elucidar.

*
* *

II

NOTAS A OUTROS SONETOS EM CASTELHANO, NA SUA MAIOR PARTE ATRIBUIDOS A CAMÕES

40. *Mi gusto y tu beldad se desposaron* [2].

No Cancioneiro de Luis Franco está no meio de uma serie extensa de *Sonetos diversos* em castelhano, que em Nota marginal

1. Morel-Fatio, *Catalogue*, p. 222.
2. *Rev. Hisp.*, VI, nº 128. Cfr. VII, p. 107.

foram marcados com as letras I. M. Não verifiquei se por ventura se trata de Jorge de Montemór. Essas iniciaes tambem podiam significar *Inedito* (ou *Impresso?*) *de Mendoza*. E d'ele ha pelo menos duas poesias, no grupo respectivo.

41. *Cuitado que en un punto lloro y rio* =
Coitado que em um tempo choro e rio.

Já falei d'este Soneto no *Circulo camoniano* (I, 10) e na *Revue hispanique* VII [1]. E nada de novo tenho que acrescentar. Apenas quero formular uma pregunta. Se um Soneto existe em redacção castelhana em dois Cancioneiros manuscritos (Madril. M 4 e Oxon. f. 19), sendo impresso na *Arte de Agudeza* de Gracian; se o mesmo aparece em lição portuguesa no Cancioneiro de Juromenha, e nas edições impressas das *Rimas* de Camões, de 1616 em diante: não será justo preguntarmos se por ventura o Cantor dos *Lusiadas*, que compôs infalivelmente em hespanhol o Canto Funebre, com que termina a sua *Egloga* I, escreveria ambos os textos, por qualquer motivo particular, uma vez que não ha nenhum pretendente alheio? *Creio que sim* [2].

42. *El tiempo está vingado a custa mia* [3].

A redacção castelhana do Soneto *O tempo está vingado a custa minha*, atribuido por Braga a Luis ed Camões [4], encontra-se no Cod. Ebor. CXIV-2-2 (f. 212 v.). Que essa represente o ori-

1. O assunto não era novo. Creio que o Dr. Aires Pinhel (ou quem fosse o autor) se inspirou no Soneto XXXI de Garcilaso: *Dentro de mi alma fue de mi enge.. Irado Un monstro*. A *enveja*, bem se vê. Além d'isso ha nelle as expressões: *matas al abuelo* (= o *Amor*) e *dás vida al padre* (= o ciume).

2. Vid. *Zeitschrift*, V, 134.

3. Vid. *Rev. Hisp.*, VI, nos 106, 106b e 118. Cfr. VII, p. 107.

4. Ed. da *Actualidade*, nº 344. Recolhido por Juromenha de um dos Cancioneiros que possuia.

ginal, vê-se das consonancias imperfeitas da lição portuguesa (*minha temia*). Provavelmente obra de um Português.

43. *Pideme de mi mismo el tiempo cuenta* =
Pede-me de si mesmo o tempo conta.

Na *Rev. Hisp.* falei de duas redacções portuguesas, uma do Cod. Ebor. CXIV-2-2, f. 234 v., com atribuição a Martim de Castro de Rio [1]; outra publicada na *Miscelanea* de Leitão de Andrade (p. XVII). A castelhana, que agora indico, figura no curioso manuscrito original, relativo a uma viagem a Argel, realizada em 1680 (!) [2] por Frei Bartolomé Serrano. Igualmente se encontra numa *Miscelanea* do sec. XVII, guardada na Bibl. Nac. de Paris. No fundo da página é atribuida a Almazan [3]. Só conheço Agustin Almazan, como autor de um Momo (1553) [4].

Aos Sonetos temáticos sobre *Tempo* e *Conta* que citei, podia hoje acrescentar diversos [5]. P. ex. :

Larga cuenta que dar de tiempo largo, de Montalto (Ms. portuense 409);

De tudo quanto fiz quis fazer conta (Canc. Barata, p. 137);

Vinde cá, pensamento, vinde á conta (Ib. p. 146).

44. *Ay Dios si yo cegara antes que os viera* [6].

Este soneto (*de leixa-prem*) é de Autor incerto. Atribuido por

1. Enganei-me, julgando-o vindo de Rio de Janeiro. Castro de Rio (ou do Rio) é lugar do reino. Martim de Castro era cavaleiro-fidalgo de Felipe II em 1592 (Falcão de Resende, p. 178).

2. Vid. *Ensayo*, nº 3924 (IV, c. 588 e 598). O texto concorda com a lição eborense, comquanto em alguns pormenores se aproxime da de Leitão. Representa portanto uma terceira elaboração.

3. Nº 630, f. 13. Vid. Morel-Fatio, *Catalogue*, p. 240. No mesmo Manuscrito ha o Soneto *Grandes mas que elefantes y abadas*.

4. *Ensayo*, nº 138.

5. O nº 171 dos 237 Sonetos tambem pertence ao grupo.

6. *Rev. Hisp.*, VI, p. 389, Soneto 110.

Faria e Sousa ao Luso-castelhano D. João da Silva, Conde de Portalegre [1], e a Covarruvias pelo anónimo coleccionador do Ms. 381 da Biblioteca Nacional de Madrid — conforme explicou o fundador d'esta Revista [2] — figura tambem, sem motivo justificado, no *Parnaso de Luis de Camões* [3].

Variantes (do fragmento do Cancioneiro da Biblioteca da Academia das Sciências de Lisboa):

2 O quando os vi d'espacio — 3 Y pues no (*sic*) os contemplé, no os deseara — 6 logo (lusismo) — 7 y pues que no espiré (*sic*) que no esperara — 8 cosa — 10 Muerte sola podrá — 11 dura y pezada— 13 fuerte transito.

45. *Nunca en amor dañó atrevimiento.*

Como obra do Conde de Villamediana está no Cancioneiro privativo d'ele [4], escrito, como o do Conde de Haro, por um Português, e por isso deturpado com freqüentes lusismos, segundo Gallardo [5]. Creio que Faria e Sousa conhecia o texto. E suspeitaria que este o verteu para português, com o intúito de o *camonizar*, se não soubesse que o texto

Nunca em amor damnou o atrevimento

estava patente, desde 1629, na *Miscelánea* de Leitão de Andrada (*Dialogo* XIII, p. 266), em lição deficiente, talvez da propria lavra d'ele. Em todo o caso, Faria e Sousa aperfeiçoou a redacção

1. *Ensayo* II, c. 992 : *A la Pobreza*. Creio que ha engano nisso e que a epígrafe pertence ao Soneto de que passo a tratar.
2. *Rev. Hisp.*, VI, p. 390 : *A una desconfiança*.
3. Ed. 1880, nº 378.
4. Canc. Paris 605, f. 48 v : *daña* por *dañó* é erro evidente (*Catalogue*, 232).
5. É natural que os Castelhanos atribuam lusismos á nacionalidade do *escrevente*. — Todavia pódem ser tambem defeitos dos *poetas*, se esses eram luso-castelhanos.

preexistente até ser digna do Poeta [1]. E foi ele quem, de facto, a incluiu nas *Rimas* [2], de onde passou para as impressões de 1668 [3] e 1685, e para todas as posteriores. Só depois de conhecer a lição hespanhola é que me será possivel dizer em qual das duas linguas o soneto tem mais visos de ser original.

46. *La peregrinacion de un pensamento* [4].

A observação final da Nota antecedente vale tambem para este Soneto. Com a diferença todavia que a solução do problema é d'esta vez mais dificil. Em redacção portuguesa foi pelo polígrafo encorporado nas *Rimas* de Camões, onde ocupa o penúltimo lugar [5]. Confessa havê-lo encontrado com atribuição a Martim de Crasto, e embora lhe parecesse muito bom, digníssimo de Camões, não oculta que do ingenio de Martim de Castro se podia esperar tudo. Ao mesmo é assignado no *Cancioneiro* de Anibal Fernandez Thomas [6]. Apesar d'isso figura entre as poesias de Frey Agostinho da Cruz, tanto no Codice Conimbricense [7] como no do Porto [8]. Sempre em boa redacção portuguesa, com variações. O texto castelhano inédito faz parte do Cancioneiro particular do Conde de Villamediana.

---

1. Th. Braga trata-a de primeira elaboração do Poeta (*Hist. de Camões*, II, 283).
2. « Este Soneto en un ms. está en castellano con alguna diferencia. No sabré dezir si mi Poeta le passó de este idioma al suyo, o si otro ingenio le tomó del. Digo solo que el Portugues me parece mejor. Y sea cuyo fuere. »
3. Nº 26.
4. *Rimas* I., p. 232ª : Centuria II, soneto XXXII.
5. Centuria III, nº LXII (p. 355). Nº 294 na ed. da *Actualidade*.
6. F. 1v.
7. Soneto VIII.
8. Soneto XL.

47. *Hero de una alta torre do mirava* [1].

Como *Soneto viejo* figura no Apenso ao *Cancionero General* de 1557, sem nome de autor, mas acompanhado de uma *Glosa nueva* (em Oitavas castelhanas): *La ora que Leandro pretendia* [2]. Outra que principia *Sobre las raudas aguas del estrecho* (em Oitavas á italiana) forma o final da *Diana*, na edição continuada de 1622 [3]. No Cancioneiro do Visconde de Juromenha vae seguido de outras quatro continuações, que parecem obra de um Luso-Castelhano [4]. Igualmente se encontra no Canc. Ebor. CXIV-2-2 (f. 156 v.). Finalmente foi incorporado no *Parnaso de Luis de Camões*, por ocasião do Tricentenario [5].

As Variantes são numerosas sómente no Cancioneiro de Juromenha: 1 JA de una alta torre — 2 JA la mar — 4 JA desque. — 5 J al mar — 6 J con gemidos el viento embravecia — J Palavras eran estas que dezia — A Extremos eran tales, que hazia — 8 J Con suspiros que al aire retumbava — 10 A esperança — J. 9-14.

O Leandro... mi dulce amigo
Espera, mi esposo, que ya muero,
Que mi triste vida acabó contigo.

1. Cfr. *Zeitschrift*, V, 481 e VIII, 443 e 615.
2. Vol. II, p. 620, nos 314 e 315 da reimpressão moderna.
3. *Segunda parte*, de Alonso Perez, Libro Otavo, f. 438v.
4. Publiquei-os em *Zeitschrift*, VIII, p. 615 (cfr. 444).

1 Era la tempestad tan sin concierto
2 Mirava a todas partes con gran pena
3 En estremo asi suspensa. helada, fria
4 Mostró en este camino tanta gana.

5. Vol. I, nº 377. Claro está que estes não são os únicos acrescentos com que posso contribuir para o abundante Catálogo razoado das poesias peninsulares, relativas a *Hero e Leandro*, que foi inserto ha pouco por Menéndez y Pelayo no seu estudo magistral sobre Boscan (*Antologia*, vol. XIII).

De un golpe dio la muerte dos heridas.
Ado murio Leandro muera Hero!
Perezcan nuna muerte las dos vidas!

48. *Horas breves de mi contentamiento.*

Em redacção castelhana este Soneto afamadíssimo foi publicado em 1605 nas *Flores de Poetas Ilustres*, com a lacónica epígrafe *El Camoes* [1], sem indicação alguma que a declarasse tradução de um original português. Em rigor, os leitores deviam portanto atribuir o texto hespanhol ao Grande Lusitano [2]. A atribuição seria todavia falsa. O texto castelhano nunca entrou em edição alguma das *Rimas*, nem mesmo nas ampliadas por Alvarez da Cunha e Faria e Sousa, comquanto os dois (e seus sucessores) não hesitassem em geral em aceitar como legítima propriedade de Camões Sonetos em hespanhol [3]. O texto que acolheram em 1645, respectivamente em 1668 e 1685, é português; mas tão pouco lhe pertence, como logo direi.

O castelhano talvez seja versão, fiel e elegante, de Luis Martin de la Plaza. Isto é: do único poeta que contribuiu para as *Flores* da Parte I comnacionalizações de versos camonianos, muito embora

1. Vid. nº 158 (p. 187). Antes de a opulenta reimpressão crítica de 1896 sair, o Soneto fôra reimpresso por Sousa-Viterbo (que se serviu de um exemplar das *Flores*, pertencente ao Exmo Sr *Carvalho-Monteiro*), primeiro num jornal portuense (*Jornal da Manhan* de 25 de Março de 1889), e posteriormente nas *Poesias de Auctores Portuguezes em Livros de Escriptores Hespanhoes* (1892), num artigo especial, judicioso e substancial. Pela minha parte, já chamara em 1889 a atenção dos interessados para o texto castelhano. Vid. *Circulo Camoniano*, p. 21-22.

2. Neste sentido fiz algumas observações no artigo citado do *Circulo Camoniano*, ponderando se o texto castelhano podia ser original e de Camões. Se então me inclinava a aceitar a hipótese, hoje a regeito decididamente, baseada em estudos ulteriores sobre o bilingüismo de Camões.

3. Repito que nas duas edições anteriores a 1616, nenhum Soneto castelhano fôra admitido, e tambem, que Soropita e o proprio Faria e Sousa duvidavam da legitimidade dos versos castelhanos atribuidos a Camões.

não as classificasse como taes[1]. Mas fosse de quem fosse, ela foi repetida na *Arte de Agudeza* (1642[2]). Sem variação alguma, de sorte que é de supôr que Gracian a tirasse do Florilegio de Espinosa. Louvando o fino conceito e grande pensamento do Soneto, esse sincero admirador do Cantor dos *Lusíadas* diz todavia que *por ser lo tanto se creyó del Camoes*, dando a entender que tinha a atribuição de Espinosa em conta de duvidosa, só conjectural, como de facto era então, e continua agora a ser. Alguma coisa saberia das acusações, levantadas pelo editor e comentador de Camões, seu coevo, contra Diogo Bernárdez, primeiro publicador do original português e, a meu ver, seu verdadeiro autor[3].

Este suave bucolista havia-o dado como seu na edição príncipe das suas *Flores do Lima* (1596)[4]. Pouco depois sahira um tanto divergente e glosado nas *Poesias* de Baltasar Estaço[5]. Outra glosa, composta com certeza ainda no século XVI (provavelmente bastante antes de 1596, como a de Baltasar Estaço) ficou inédita até aos nossos dias, com todas as mais obras líricas de André Falcão de Resende[6]. Seguiram-se mais tres glo-

1. Em desabono da hipótese se podia naturalmente alegar a contradição de ele nomear a Camões neste caso duvidoso, não o nomeando nos que são certos e seguros.

2. *Discurso* I (p. 3 da ed. de 1664).

3. Em geral Gracian aproveita textos camonianos *originaes*. Ignoro, se desprezou a lição portuguêsa por a achar inferior á castelhana; ou se a desconhecia, sabendo apenas de ouvidos dos direitos de Bernardez e das atribuições a Sá de Miranda, o Infante D. Luis, e a Camões.

4. Soneto LXXV.

5. *Sonetos, Canções, Eclogas e outras rimas*, Coimbra 1604. O irmão do Antiquario Gaspar Estaço, de Evora, Conego na Sé de Viseu, escrevera estas poesias em sua adolescência. Segundo Innocencio da Silva, nasceu em 1570.

6. Este erudito Eborense, aparentado com Garcia e com André de Resende e relacionado com Luis de Camões, a quem dedicou varias composições, faleceu em 1598 ou 1599, da peste que assolava o reino. Na edição incompleta, das suas *Obras poéticas*, o Soneto, glosado em 14 Oitavas, está a p. 135.

sadores: F. Alvarez do Oriente [1]; Francisco Rodriguez Lobo [2]; e um Anónimo da Miscelanea Eborense, ha pouco publicada com o título de *Cancioneiro Geral* [3]. Com uma só excepção de peso: nenhum d'esses Camonistas glosadores mencionou o nome do autor do Soneto que escolheu para Mote. Num manuscrito, visto só por Faria e Sousa, ele andava em nome de Sá de Miranda. Em diversos ainda existentes se nomeia o Infante D. Luis [4], filho ilustre de D. Manuel, ao qual tambem se atribuem Sonetos moraes e religiosos de grande elevação, assim como Trovas, Sentenças, Comedias [5]. Essa atribuição agradou aos escritores do século XVIII. Ha copia do Soneto, com tradução francesa, na *Collecção Moral de Apophtegmas* de Suppico (1720) [6]; e na *Fenix Renascida* [7], onde se encontra mais uma Glosa de um Anónimo [8].

1. A *Lusitania Transformada* apareceu em 1607. A glosa consta de quadras hendecassilábicas, e encontra-se no fim do Livro I (Prosa 12).

2. È na *Primavera*: *Valles e Montes entre o Lis e o Lena*, *Floresta*, XI p. 166, que Lobo glosou o Terceto primeiro (na lição de Falcão) em tres Oitavas (cantadas) que principiam *Descobre novo mundo o pensamento*. Na parte sobre *Prayas do Tejo*, *Floresta V*, p. 232, parafraseou o primeiro Quarteto, tambem na lição de Falcão de Resende, em Oitavas que principiam, *Se sois horas da mesma natureza*.

3. Por A. F. Barata (p. 74). Muito deturpado.

4. Cod. Ebor., CXII-1-36 f. 334 (s. XVII); CXIV-1-3, f. 370 (s. XVIII). No Prólogo do *Cancioneiro Geral* de A. F. Barata afirma-se estar igualmente no Cod. CXIV-2-2, p. IX com atribuição ao *Infante D. Luis*.

5. Um dia, talvez me ocupe do Infante. Por ora ainda não me satisfazem totalmente os materiaes que juntei.

6. Ed. 1720: Parte II, Livro I, p. 136. Cfr. Sousa-Viterbo *l. c.* O texto é o da *Fenix Renascida*, III, 232. A atribuição já fôra feita em 1714 pelo Padre Francisco de Sancta Maria, no *Anno Historico*, III, 398. Posteriormente foi repetida na *Bibl. Lusitana III* (1752) por Barbosa Machado, que se louva em Faria e Sousa, comquanto este apenas mencione a atribuição, sem comtudo crer nela.

7. Vol. III, p. 252, da ed. de 1718 (não, 1618, como se costuma dizer, perpetuando um erro da *Bibl. Lusitana*).

8. Vol. V, p. 272. Sem nome do autor do Soneto. Sòmente no *Indice* se cita o Camões.

Anteriormente porém Faria e Sousa havia decidido a questão peremptoriamente a favor de Camoës [1], levado mais da grande aceitação que o felicíssimo Soneto tivera, e da própria antipatia, injusta, contra o Cantor do Lima (que qualificava de usurpador), do que da afirmação lacónica de Espinosa e do desleixado silêncio dos glosadores. As razões que dá, puramente estéticas e pessoaes, não convencem [2], como já foi reconhecido pelo Bispo de Viseu, por Sousa Viterbo, e por Wilhelm Storck. O seu modo de argumentar é, como de costume, de tal impertinência e falta de lógica que repugna aos espíritos rectos, e os exaspera.

A favor de Bernárdez temos os seguintes indícios, além da declaração directa do próprio poeta [3], que longe de hostilizar a Camões, o louvou num Soneto, glosou versos d'ele e, se a lenda falar verdade, desejou dormir o último sono ao seu lado.

1° O primeiro editor das *Rimas* de Camões, o inteligente Poeta F.Rodriguez Lobo Soropita, que sempre procedeu com lealdade e critério, designa expressamente como obra de Diogo Bernardez o Soneto, na epígrafe da glosa que lhe dedicou;

2° Em nenhum dos Manuscritos quinhentistas e seiscentistas que subsistem, se nomeia a Camões [4]. Nem mesmo no Cancioneiro de Juromenha, onde o nome do grande cantor do Oceano se repete a cada passo [5]. No de Luis Franco, falta por completo.

Quanto aos textos, ha dificuldades bastante graves. O de Diogo Bernardez, digo o que ele fez imprimir nas *Flores do Lima*, e nunca

1. *Rimas* I, p. 289.

2. O haverem todos os citados glosadores quinhentistas admirado e imitado o Príncipe dos Poetas Liricos, não é decisivo. *Horas breves* podia constituir uma excepção, e não ha dúvida que as Poesias de Diogo Bernardez não lhes eram desconhecidas.

3. Ou não equivalerá a uma declaração o acolhimento nas suas *Flores do Lima?*

4. Nos manuscritos vagamente citados pelo fantasioso polígrafo, já sabemos que, infelizmente, não nos pódemos fiar.

5. Vid. *Zeitschrift*, VIII.

se encontrou em outra parte, diverge sensivelmente dos publicados em 1604, 1605, 1668, 1685, e posteriormente. Diferentes entre si em bastantes pormenores, representam todavia um tipo comum. Nos quartetos, sempre com as mesmas rimas *-ento -inha*, as variantes são pouco importantes. Os tercetos, pelo contrário, documentam elaboração sucessiva : tendo só duas rimas no tipo que prevaleceu ; (*-ece, -ura*), apresentam tres nas *Flores do Lima* (*-anda, -eja, -ura* [1]). O texto comum finda com o verso

Aventurar um bem que sempre dura;

o de Diogo Bernardez:

Quam fugitivo é, quam pouco dura!

Nos manuscritos, ha lições que em parte se aproximam d'essa redacção impressa em 1596, sem lhe serem comtudo iguaes. Claro está que não ha motivo nenhum para ambas não poderem ser do mesmo autor. Diogo Bernárdez retocava os seus versos, antes de os publicar, como quasi todos os Sonetistas [2]. É bem possível que o texto em que se empregam as consoantes *-ece -ura*, mais singelo e mais belo, fosse o primitivo, já propagado e acolhido com entusiasmo antes da publicação das *Flores*, sendo o de 1596 retocado com o intúito de o tornar mais rico [3], e mais em harmonia com o gosto sublimado dos gentis cultistas, cujo reino começava então [4]. D'esta vez Faria e Sousa não retocou dema-

1. Em castelhano : *-ento -ia* ; *-ece -ura*.

2. Já dei provas d'isso na *Zeitschrift*, VII, 519 e 529; e podia dar muitas outras, tiradas dos Cancioneiros de Juromenha, Luis Franco, A. F. Thomas, assim como de Miscelâneas Portuenses.

3. Se a tentativa falhou, note-se que depois do cativeiro de Alcacer-Quebir o estro de Bernardez decaira sensivelmente. Nas Epístolas, em que lamenta a sua desgraça, ha repetições enfadonhas.

4. Os novos motejavam do estilo casto e singelo dos clássicos primitivos. O Prólogo de Espinosa atesta-o com suficiente clareza.

siadamente as lições correntes, melhorando-as. A lição divergente de que D. Antonio Alvarez de Cunha se serviu, única do género [1], talvez fosse todavia da lavra do comentador, e saisse de um dos quatro ou cinco rascunhos que pouco a pouco elaborara. No último traslado, que o filho chegou a imprimir em 1685, tornaria a modificá-los. Este, provavelmente não sairia das mãos do filho.

Eis o texto de 1596, com as Variantes que conheço [2].

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse tornadas tão asinha
Em tam compridos dias de tormento.
Aquellas torres que fundei no vento,
O vento as levou já, que as sostinha;
Do mal que me ficou a culpa he minha,
Que sobre cousas vãs fiz fundamento.
Amor com rosto ledo e vista branda
Promete quanto d'elle se deseja;
Tudo possivel faz, tudo segura:
Mas desque dentro n'alma reina e manda,
Como na minha fez, quer que se veja
Quam fugitivo he, quam pouco dura!

(*Flores do Lima*, nº 75, p. 52 da ed. princ.)

Variantes: 1º) do *Cancioneiro* de Juromenha (f. 108): 5 que eu fundei — 9 Amor com rosto ledo, vista branda — 12-14 —

Depois que dentro nalma reina e manda,
Como comigo fez, faz que se veja
Quam falso e cruel he, quam pouco dura! [3]

1. Sousa Viterbo acha-a lindíssima.

2. Elas são alterações voluntariosas de copistas e glosadores, na mente do benemérito crítico que acabo de citar. E, na verdade, algumas das modificações podem ser obra d'eles. A transformação principal tem todavia ares de ser ideada pelo próprio autor, a quem a desgraça pessoal inspirara as sentidas queixas do Soneto.

3. Vide *Zeitschrift*, V, 134 e VIII, 442 e 447. Talvez lapso por *Nunca jamais cuidei*.

2°) *Cancioneiro* de Juromenha (f. 35): 2 Nunca cuidei — 3 trocadas — 5-6 Os meus castellos que eu fundei no vento O vento os levou, pois que os sostinha — 8 Pois — 9-14

Amor com falsas mostras aparece,
Tudo firme faz [1] e tudo assegura,
Mas sempre no milhor tempo falece.
Oh cegueira tamanha! oh desventura!
Por breve gosto que logo falece
Aventurar hum bem que sempre dura [2]!

3°) Falcão de Resende, *Poesias*, p. 435 — 3 mudadas — *ou* : passadas [3] — 4 annos — 5 que eu fundei — 6 O vento m'as levou que m'as sostinha (*ou* : que as sostinha) — 8 Pois — 9-14.

Amor com falsas mostras apparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura,
Mas logo no melhor desapparece.
Oh grande mal! oh grão desaventura
(*ou* : oh grande des(a)ventura)
Por um pequeno bem que logo esquece
(*ou* : Por esse falso amor que logo esquece.)
Aventurar hum bem que sempre dura.

4°) *Cancioneiro* de A. Fernandez Thomas, f. 22 v. : De Diogo Bernardez (glosado por Soropita) 1 do meu contentamento — 3 mudadas — 5 As minhas torres — 6 O vento mas levou que as sostinha — 8 Pois — 9-14.

Amor com falsas mostras apparece,
Tudo possivel faz, nada assegura,
Mas sempre no melhor desapparece.
Ah triste fado! ah desaventura!
Por um pequeno bem que desfalece
Aventurar hum bem que sempre dura!

1. Talvez: *Tudo faz firme?*

2. Na *Zeitschrift* deixei dito que os tercetos finaes, reelaborados, estão á margem como variante.

3. Ha dois manuscritos, com lições distintas, que indico.

5°) *Cancioneiro Eborense* CXIV-2-2, f. 175v.[1] : 1 do meu contentamento — 8 Pois — 9-14.

Amor com falsas mostras aparece,
Tudo possivel faz, nada assegura,
Mas logo no melhor desapparece.
Grande desengano, grande desventura (*sic*)
Por um breve prazer que desfallece
Aventurar um bem que sempre dura!

6°) *Poesias de Baltasar Estaço*, p. 64-96: 3 mudadas — 4 annos — 5 As minhas torres que fundei no vento — 6 O vento mas levou que mas sostinha — 9-14 Como 2, 3, 4, 5 com ligeiras variações: 11 Mas logo — 12 Oh grande mal! estranha desventura — 13 Por um breve prazer que desfalece.

7°) *Alvarez do Oriente, Lusitania transformada* f. 87 e 88[2] (fim do Livro I) — 4 Em vagarosos annos — 6 m'as — 9-14 Como 2, 3, 4, 5, 6. 11 E logo — 12 Ah grande engano e grande desventura — 13 por um pequeno bem que desfalece (como 4).

8°) *Edição das Rimas de Camões, de Alvarez da Cunha* (1668). É o primeiro da Serie A in-numerada[3] — 3 mudadas — 4 Em huns tão longos dias d. 6. — 5 As altas torres — O vento as levou logo — 8 Pois — 9-10 como 3, 4, 5. — 11 E logo — 12-14.

Eu o quis, pois o quis minha ventura,
Que gemendo e chorando conhecesse
Quam fugitivo he, quam pouco dura[4].

1. O texto da Glosa está muito deturpado. Na Oitava 3ª faltam os quatro versos finaes. Na 10ª outros dois versos. Nos versos glossados tambem ha erros (*m'o* no 2°; *desengano* no 12°). Vid. Barata, *Cancioneiro Geral*, p. 75.

2. Da ed. de 1607. P. 143 da ed. de 1781.

3. Vid. *Zeitschrift*, V, p. 110, 111 e 131. Sá de Miranda, *Poesias*, p. XCVIII.

4. Sousa Viterbo, aplaudindo a modificação, que aos meus ouvidos soa falso (como a dos versos 4 e 5 e 8), faz reparos apenas na grafia *conhecce* (!) da impressão, que classifica de impureza de rima. Escrevendo correctamente

9°) *Na edição de 1685 (p. 289): Centuria II. Soneto LXXX* principia com a gralha *As horas* — 3 mudadas — 4 annos — 5 As altas torres — 6 Levou emfim o vento que as sostinha — 8 Pois — 9 brandas mostras — 11 Mas logo — 12 Estranho mal, estranha desventura! — 13 Por um pequeno bem que desfalece (como 3 e 4) — 14 Um bem aventurar.

10°) *Fenix Renascida*, Vol. III, p. 252 da ed. de 1718: *Do Infante D. Luis: Soneto Moral* — e *Suppico, Apophtegmas Memoraveis: Colecçam Moral II* 68. — 1 do m. c. (como 4 e 5) — 5 Os meus castellos (como 2) — 6 O vento mos levou que mos sostinha — 9-10 Como 2-6 — 11 E logo (como 7 e 8) — 12 Oh dano grande! oh grande desventura — 13 Que por pequeno bem que emfim fallece — 14 Se aventura um bem que sempre dura [1].

11°) *Fenix Renascida*, vol. V, p. 272, ed. 1728 Soneto e glosa — 5 As minhas torres (como 4 e 6) — 6 O vento as levou que as sostinha — 9 Como 2-6 e 10 — 10 Mas sempre (como 2) — 12 Estranho mal! estranha desventura (como 9) — 13-14 Como 4 e 9.

12°) Eis agora o texto castelhano:

Horas breves de mi contentamiento,
Nunca pensé jamas [2] cuando os tenia
Que por mi mal trocadas [3] os veria
En tan cumplidas horas [4] de tormento.
Las torres que fundé se llevó el viento
Como el viento veloz las sustenia;

---

conhecesse nem falta sílaba, nem ha tal impureza, visto que *ç* e *ss* já não se distinguiam na pronúncia. Taes defeitos gráficos são vulgaríssimos em todos os Quinhentistas, como já mostrei em diversos escritos meus.

1. No *Anno Historico* o texto é este mesmo. Não faltam todavia divergencias: 3 mudadas — 12 e grande desventura — 13 por um p. b. q. desfalece — 14 Aventurar.

2. Vid. nº 2.

3. Vid. nº 2.

4. Nenhum texto português conhecido diz *horas*.

Mas de todo este mal la culpa es mia
Pues hice sobre falso [1] el fundamento [2]
Amor con vanas [3] muestras aparece,
Todo lo hace llano y lo asegura,
Y luego [4] a lo mejor desaparece [5].
Oh grande mal ! Oh grande desventura [6] !
Por un pequeño bien que desfallece [7]
Aventurar un bien que siempre dura [8].

O original, evidentemente do mesmo tipo que 3-9, ainda assim parece não ter sido nenhum dos que explorei [9]. Talvez dissesse :

Horas breves de meu contentamento,
Nunca jamais cuidei, quando vos tinha,
Que vos visse trocadas tam asinha
En tam cumpridas horas de tormento.
Aquelas torres que fundei no vento,
O vento as levou que m'as sostinha.
Mas de todo este mal a culpa é minha,
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.
Amor com falsas mostras aparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura.
E logo no melhor desaparece.
Oh grande mal ! oh grande desventura !
Por um pequeno bem que desfalece
Aventurar um bem que sempre dura !

1. Houve substituição de *falso* por *vanas*.
2. Modificações leves, motivadas pela morfologia das palavras correspondentes.
3. Substituição de *falso* por *vanas*.
4. Vid. 2, 3 e 5-10.
5. Como 3.
6. Como 3.
7. Como 4.
8. Como 2, 4, 7, 9, 11.
9. Nas Notas explicativas, com que D. Juan Quirós de los Rios e D. Francisco Rodriguez Marin ilustraram o texto, o último cinge-se á opinião de Faria e Sousa, pois fala da *supercheria* de Bernardez ; talvez por desconhecer a génese da lenda.

49. *Ay quien dará á mis ojos una fuente.*

De *Sá de Miranda*, nº 84 da minha edição [1]. Contido nas edições de 1595 e 1614, no Manuscrito Parisiense, e no do Visconde de Juromenha. A pesar d'isso, Faria e Sousa, versado em literatura como poucos, teve o arrojo de o introduzir nas *Rimas* do seu Poeta [2], sem se lembrar do verdadeiro autor.

50. *Los ojos que con blando movimiento.*

Foi atribuido a Camões pelo polígrafo [3]. No Cod. Ebor. CXIV-2-2, f. 123, está como obra de D. Manuel de Portugal [4], magnánimo Mecenas do Cantor dos Lusiadas, e venerador apaixonado de D. Francisca de Aragão, á qual dedicou numerosos versos de amor [5]. Como poeta é um dos primeiros discípulos de Sá de Miranda. Lutou com enormes dificuldades para aplicar as regras da metrificação toscana á lingua pátria — servindo-se por isso muito a miude do idioma de Garcilaso e Boscan [6]. Um volume de versos d'ele apareceu em 1605. Mas de modo algum contém todos quantos escreveu. Ha inéditos d'ele, em ambos os estilos, em todos os Cancioneiros manuscritos que conheço. Por isso não devemos fiar-nos na argumentação de Faria e Sousa, que lhe negou a paternidade de todos os Sonetos que d'ele encontrou, — com a infantil observação « *Creo que se imprimiron todos los que hizo* » — preferindo usurpá-los para o seu Poeta. — Com

1. Vid. p. 71 e 756.

2. Centuria III, soneto XXII (ed. Braga, nº 258).

3. Centuria III, soneto XIII (ed. Braga nº 188); nº 5º na edição de Alvarez da Cunha.

4. Extrahi as variantes *manu-propria*, reconhecendo que, como sempre, Faria e Sousa havia limado o texto. Estraviou-se-me todavia a folha respectiva.

5. Vid. J. Priebsch, *Poesias inéditas de Andrade Caminha*, Halle 1898, p. XXXIII-XXXVI.

6. Cfr. *Poesias de Sá de Miranda*, p. 758.

relação a este soneto sobre os claros olhos belos da loira amada, nem mesmo menciona o nome de *D. Manuel, lume da côrte e das damas mimoso.*

51. *No bastaba que amor puro y ardiente.*

Está no caso do anterior. Usurpado por Faria e Soura para o seu Poeta [1], está com o nome de *D. Manuel de Portugal* no Cod. Ebor. CXIV-2-2 (f. 122); e tambem no Cancioneiro de Luis Franco (f. 239 v.).

52. *Ayudame, Señora, á hacer venganza* [2].

Está no caso dos dois anteriores. Incluido por Faria e Sousa nas *Rimas* de Camões [3]. D'esta vez confessa, porém, que o encontrou num manuscrito com a epigrafe *D. Manuel de Portugal a D. Francisca de Aragão* [4].

53. *Oh claras aguas d'este blando rio.*

A este aplica-se o que se disse do antecedente. Centuria III, nº 16, na edição de Faria e Sousa (= nº 254 da Ed. de Th. Braga, 1873).

54. *Si el fuego que me enciende consumido.*

Por culpas de Faria e Sousa está nas *Rimas*, Centuria III nº 19 [5], comquanto ele soubesse que o Soneto pertencia a *D. Manuel de Portugal.*

55. *Dulces engaños de mis ojos tristes.*

Este soneto en el manuscrito tiene por titulo que es de Don Manuel

1. Centuria III, soneto XIV (=191 da ed. Braga; 8ª da de 1668).
2. Em lugar de *hacer*, *a ser* na edição de Faria e Sousa.
3. Centuria III, soneto XV (nº 253 da ed. de Braga).
4. *Rimas*, I, p. 329 e 333.
5. Ed. Braga, nº 230.

de Portugal, en una partida, de Doña Francisca de Aragon [1]. Nada mais é preciso dizermos. Acrescentarei todavia que no *Cancioneiro de Luis Franco* (a f. 239) está, num caderno sobrescritado *Cantos, Tercetos, Sonetos, Eglogas e Odas de Don Manuel de Portugal a Doña Francisca d'Aragão*, com o título especial *Ao Retrato*, e é imediatamente seguido de *No bastaba — A perfeição —* e *Ainda que o metal luzente e duro*; isto é de textos que são atribuidos ao mesmo em diversos outros manuscritos.

56. *Quanto tiempo ha que lloro un dia triste.*

Com relação a este, contido no mesmo manuscrito, seu explorador Faria e Sousa diz : *No me atrevo a creer que este Soneto es de Don Manuel de Portugal, ni de otro alguno que no tuviesse un espirito semejante al de mi Maestro!* Centuria III, Nº XXVI. (Nº 262 da ed. de Th. Braga).

57. *Cese, Señora* [2] *ya tu dura mano.*

Atribuido a Camões por Faria e Sousa, Centuria III, Soneto XXIX [3]. No Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro, visto por Barbosa Machado, estava em nome de *D. Simão da Silveira* [4]. Este fidalgo poeta, relacionado com Sá de Miranda [5] e Andrade Caminha [6], era tambem amigo de Camões, conforme se vê do Soneto *De um tão felice ingenho produzido. A D. S. da S., em resposta de outro seu, pelas mesmas consoantes, mandando lhe preguntar quem fora o primeiro poeta [que escreveu sobre Hero e Leandro]* [7].

1. Centuria III, soneto XXV.
2. Esta lição, que constava do Canc. do Pe P. Ribeiro, e consta do de Luis Franco, 119 v. é superior á de Faria e Sousa : *Oh cese ya señor*.
3. Ed. Braga, nº 260.
4. Vid. *Hist. de Cam*, I, 300.
5. Vid. *Poesias*, p. 748 e *Zeitschrift*, VIII, 600.
6. Ed. Priebsch, p. 525.
7. Ed. Braga, nº 149. — Cfr Storck Nº 278.

58. *Con razon os vais, aguas, fatigando.*

Do *Marqués de Astorga*, segundo Faria e Sousa, que o achou com este nome num manuscrito, depois de o haver introduzido no borrão das *Rimas* (Centuria III, Soneto XXIII) [1].

59. *Las peñas retumbaban con gemidos.*

Diogo Bernardez publicou-o em 1596 nas suas *Flores do Lima* nº XXVIII. Pelas suas qualidades de grandeza, mais proprias de Camões, só pode ser d'este Poeta, na opinião de Faria e Sousa (Centuria II, Soneto LXIV na ed. Alvarez da Cunha 41[b]) [2]. Quem o ler na edição-príncipe do suave cantor do Lima, no meio de outros Sonetos pastoris, em castelhano [3], naõ pode hesitar um instante sobre a justeza da atribuição do próprio.

60. *La letra que del nombre en que me fundo* [4].

Foi atribuido a Camões pelo Visconde de Juromenha que o tirou do Cancioneiro de Luis Franco (f. 113 v.). Ahi está todavia, sem nome de autor, num Ramilhete de Sonetos, na sua maior parte castelhanos [5], que evidentemente sairam juntos de um Album de qualquer aficionado. Todos eles são anónimos. Um anotador lançou á margem certas abreviaturas, atribuindo uns onze Sonetos a Miranda (*Mir.* ou *M.*) ; quinze a Camões, (*Cam.* ou *C.*); quatro com *B.* e duas com *B. M.*, a um poeta

1. Ed. Braga, nº 259.
2. Ed. Braga, nº 223.
3. Nºs 54-56, 62-64, 67-69, 71, 80-81, 83 e 86.
4. De f. 113 a 120 v. ha 27 sonetos castelhanos ao par de tres em portuguêss
5. Tres são inquestionavelmente de Miranda, pois correspondem aos nº. 79, 81, 94 da minha edição.

para mim desconhecido [1]. No *Canc. Paris* 602 (f. 234) está igualmente sem nome de autor [2].

1. Eis a lista, a que o leitor poderá recorrer com vantagem. Acompanho-a dos nos de ordem das *Poesias* de Sá de Miranda; e quanto a Camões, com os da ed. de Th. Brága (1873):

Mir. *Con sol loços profundos y gemidos* (172).
Mir. *No sé que desventura, que destino* (173).
Mir. *Queriendo la pintora dar pintura* (174).
Cam. *La letra que del nombre en que me fundo* (309).
Cam. *Dexadme centinelas dulces mias* (Storck p. 439).
Cam *Si el triste coraçon que siempre llora* (310).
Mir. *Señora mia ya no está en mi mano.* (175)
Cam. *Do estan los claros ojos que colgada* (311).
Cam. *Luiza son tan rubios tus cabellos* (312).
B. *Antes que sus cabellos el Aurora.*
C. *Ondas que por el mundo caminando* (313).
Mir. *Nunqua se vio en el mundo que una dama* (M. 176).
B. *Señora, no penseis que el no mirarme.*
C. *Sobre un olmo que al Cielo parecia* (314).
Mir. *Ai de quan ricas esperanças vengo* (M. 177).
Mir. *Traida en sacreficio Policena* (M. 79).
Mir. *De que vitoria combatiente humano* (M. 178).
C. *Cansada y ronca voz porque volando* (315).
M. *Alma que fica por fazer desoje* (M. 81).
Mir. *Aquelas esperanças que eu metido* (94).
C. *Los que bivis subjectos a la estrel[l]a* (316).
B M. *No es vida la que bivo, pues da muerte.*
Cam. *O gloriosa crux, o vitorioso* (317).
Mir. *El avariento guarda su riqueza* (179).
C. *Ventana venturosa do amañece* (318).
Cam. *Memoria de meu bem, cortado em flores* (319).
Cam. *Imagens novas imprime a fantesia* (266).
B. *Cesse senhora ya tu dura mano* (260).
B. M. *Si tanto pudo un canto doloroso.*
Cam. *Claras e doces agoas do Mondego* (111).
B. *En esta vida misera, cansada.*
C. *De piedra, de metal, de cosa dura* (320).

Ignoro em absoluto os motivos porque uns foram atribuidos a Camões, e os outros não.

2. *Catalogue, p.* 221. — *fundo* (por *nombre*) é lapso evidente.

61. *Dexadme cantinelas* (= *cantilenas*) *dulces mias.*

Admitido por Storck na sua tradução das *Rimas* de Camões, porque Th. Braga e Juromenha o haviam omitido sem querer [1].

Está tambem no *Canc. Paris.* 602, f. 254 v., com mais alguns dos pseudo-camonianos, o que confirma haverem formado um conjunto no original.

62. *Los que bivis subjectos a la estrella.*

Está quasi nas mesmas condições : *Canc.* de *Luis Franco*, f. 118 e *Canc. Paris.* 602, f. 250. Do primeiro passou ao *Parnaso de Camões*, na edição de Juromenha.

63. *Ondas que por el mundo caminando.*

64. *Sobre un olmo que al cielo parecia.*

65. *De piedra, de metal, de cosa dura.*

Canc. de Luis Franco, f. 115 v., 116 e 121 v. ; atribuidos a Camões pelo Visconde de Juromenha e por Th. Braga (nos 313, 314, 320), e modernamente postos em rimas castelhanas, isto é remodelados por Jayme Martí Miguel [2].

66. *Angelica la bella despreciando.*

Pertence a outra série de Sonetos, do mesmo Cancioneiro, (f. 71) que na maior parte são legítima propriedade de Camões, misturados todavia com versos de D. Manuel de Portugal, Bernardez, Sá de Miranda. — N° 338 da edição de Th. Braga. A f. 190 do *Canc. Paris.* 602 [3].

1. Vol. II, n° 356 e p. 439. Cfr. Camões, ed. da *Actualidade*, I p. 16.
2. Madrid 1883 : *Granos de oro. Poesias de los principales, Autores extranjeros puestos en rima castellana.*
3. *Catalogue*, p. 218.

67. *Gastaba Flora derramando olores* =

Num bosque que das Nymphas se habitava.

Estamos chegados a alguns Sonetos de Camões a que a nação vizinha prestou homenagem, adoptando-os. Todos eles indubitavelmente seus, incluidos nas suas *Rimas* desde 1595 e 1598, e conservados em manuscritos fidedignos como obra do Poeta. Nem os que leram, nem os que publicaram as versões, deram todavia pelas furtivas homenagens, que eu denunciei em duas palavras nesta Revista [1]. O remodelador da meia-duzia de Sonetos, de que vou ocupar-me em primeiro lugar, é o *Licenciado Luis Martin de la Plaza*, conhecido principalmente pelas numerosas composições com que está representado nas *Flores de Poetas Ilustres* [2].

Tão belas são que lhe grangearam louvores justos e entusiásticos, tanto pelo engenhoso e delicado dos pensamentos como pelo florido do estilo e a harmonia da versificação — comquanto grande parte sejam imitações, inspiradas ora em Vergílio, ora em Petrarca, Sannazzaro, Ariosto, Tasso e mais Italianos, ora em Garcilaso e Camões, *Principes da lírica peninsular* [3]. Da liberdade soberana e arte excepcional, com que remodelou os originaes, talvez derive a liberdade igualmente soberana com que deixa de apontar o verdadeiro autor [4]. Darei um exemplo, deixando ao leitor o cuidado — para não dizer o prazer espiritual — de verificar os casos restantes, que registo apenas.

1. Vol. VII, p. 104. Emendo os erros que lá cometi, na dupla lista de cinco traduções livres de outros tantos originaes de Luis de Camões.

2. Vinte e seis estão espalhadas na colecção de Espinosa, e quarenta e duas na Parte II (nos 57-92 e 203-210).

3. Todas, menos as camonianas, foram reconhecidas e anotadas por Gallardo, Quiros de los Rios e Rodríguez Marín.

4. Se a versão castelhana de *Horas breves* fosse igualmente obra do Licenciado, ele ter-se-hia desviado uma vez do seu sistema. Por ventura porque nesse caso preferiu traduzir de veras, — ao passo que em todos os outros refazia os modelos. Mais provavel é que a tradução seja de outro autor. Cfr. nº 75.

Camões havia dito [1]:

Num bosque que das Nymphas se habitava
Sylvía, Nympha linda, andava um dia [2];
Subida numa arvore sombria
As amarellas flores apanhava.
Cupido que alli sempre costumava
A vir passar a sesta á sombra fria,
Num ramo o arco e settas que trazia
Antes que adormecesse pendurava.
A Nympha, como idoneo tempo vira
Para tamanha empresa, não dilata,
Mas com as armas foge ao moço esquivo!
As settas traz nos olhos com que tira!
Oh pastores fugi, que a todos mata
Senão a mim, que de matar-me vivo!

Variantes da 2ª edição, de Faria e Sousa, Juromenha e Luis Franco: 2. Sybila, nympha linda. — J. Sebilla linda nympha. — LF. Sibella, linda nympha. — 3 Sobida numa. — J. Subindo. — J. E subindo. — FS.E. subida. 5 — J. acostumava — 6 FS e Fr. Vir a passar. — J. Vira passar a sesta em sombra fria. — 7 J. Em um ramo as settas. — F Em um ramo (lição que prefiro). — 12 J e L.Fr. atira. — 14 J e L. d'esta morte.

Luis Martin de la Plaza modifica, nas quartetas, a descripção do dia, alterando tambem as consonancias; nos tercetos cinge-se ao modelo. A conservação do nome *Silvia* documenta que se servia da edição de 1597.

1. Nº XIIII da edição príncipe (XX na segunda, e nas posteriores).

2. O metro exige a acentuação *Sylvía*, a não ser que se deva ler *Sivyla*. Na edição de 1598 ha *Sybila*; *Sebilla* no Canc. de Juromenha f. 40º; *Sibella*, na impressão de '1685, em que se regista ainda a epigrafe *De Bellisa y Cupido*; e tambem no Canc. de Luis Franco, f. 126. É pois possivel que todas as formas sejam anagramas de *Isabel*, que tanto dá *Belisa* como *Sebila* e *Selvia*. No texto hespanhol temos Sílvia.

Gastaba Flora, derramando olores,
Del rico mayo el inmortal tesoro
Y contaban su queja en dulce lloro
A las aves los tiernos ruiseñores;
Mostraba el campo de carmin colores,
Y á las ninfas por él danzando en coro,
Cuando Cupido el arco y flechas de oro
Colgó de un mirto, y se durmió en las flores.
Silvia, que la ocasion del hurto mira
Presente á su deseo, no dilata
Coger las armas al rapaz altivo.
¡Ya flechas de oro á nuestras almas tira!
Pastores, á huir, que á todos mata!
Si no es á mí, que de matarme vivo![1]

Não acabei ainda. O mesmo Soneto agradou ao segundo dos tradutores, de que vou ocupar-me. Suspeito ser o Tejada que assigna numerosas composições na *Poetica Silva* da Biblioteca Campomanes, já tantas vezes citada [2]. E neste Tejada procuro o *Doctor Agustin de Tejada* [y Paez] que nas *Flores* figura com algumas poesias [3]. Baste dizer que as duas fontes têm comuns umas quatro poesias d'ele [4], e que não conheço outro Tejada sonetista.

Comquanto do *Indice*, elaborado por Gallardo, não se depreenda claramente, se a extensa serie de Sonetos, registados na coluna 106, lhe é atribuida [5], no Florilegio parece ser assim. Eis o texto :

1. *Flores*, II, nº 62 (Soneto VI).

2. *Canciones, Poemas, Liras, Silvas, Décimas e Sonetos* (*Ensayo*, nº 1051).

3. Parte I, nºs 15, 36, 83, 227 e 229; Parte II, nºs 124-128. A respeito do autor vejam-se as Notas respectivas; sobretudo I, 323, 339 e 366.

4. *Al tumulo dichoso que os encierra.— Angelicas escuadras* (ou *cohortes*) *que en las salas. — Por las rosadas puertas del Oriente. — Tu que en el hondo del heroico pecho.*

5. Os Sonetos estão a f. 122 a 124; 142 a 146, 180 a 184; 192 a 202. A. folhas intermédias 125-145, 147 ss. 185-191 são preenchidas com poesias do mesmo *Tejada*.

En un vergel que con cristales lava
El sacro Dauro, Nise [1] andaba un dia
Y para una guirnalda que tejia
Bellas pintadas flores arrancaba.
Cupido que alli sempre acostumbraba
Ir á pasar la siesta en sombra fria,
El arco y las saetas que traia
De un verde ramo por dormir colgaba.
Pues Nise que el idoneo tiempo mira
Para vengarse del, no lo dilata :
Que las armas le hurtó al niño esquivo.
Sus ojos son las flechas con que tira.
Oh pastores, huid, que á todos mata,
Si no es á mí que de matarme vivo [2].

68. *Subido en la mitad del cielo ardia* =
Na metade do ceo subido ardia.

Bela descrição de um dia calmoso, que poeticamente acaba com uma frase repetida pela ninfa Eco. De particular importância para a biografia de Camões, por conter os nomes *Liso* e *Natercia* [3] Vertido com liberdade por *Luis Martin de la Plaza* [4] que todavia

1. Outro *Soneto do Mesmo* principia *Hermosa y gentil Nise quando veo* (c. 1084). E depois de haver encarecido a beleza do cabelo de ouro, das faces rosadas, da boca coralina, dos dentes perolas, e do colo de alabastro, termina :

Porque es tanta la gloria solo en veros
Que de mi, cual Narciso, porque os amo
En ver que supe amaros, me enamoro.

Versos que lembram vários de Camões, sem todavia se parecerem de perto com nenhum. Vid. p. ex. nº 156 *Dizei, Senhora, da belleza idea* que conclue ; *Lembrevos Narciso* ; e 155 *Esses cabellos louros e escolhidos.*

2. Por descuido, o soneto *En un vergel* não está no *Indice* de Gallardo, que o tresladou todavia (c. 1085).

3. Ed. 1598, nº 70 (= 73 na de Faria e Sousa e nas posteriores).

4. Por causa de um lapso na impressão-príncipe das *Flores de Poetas Ilustres* ; este escritor, nascido em 1577, bacharel aos vinte anos, ainda vivo em 1611 (vid. *Flores*, I, 315 e II, 349), é denominado erroneamente *Luis Martinez*, sendo confundido ora com Bartolomeo *Martinez* que colaborou nas *Flores* com traduções de Horácio, ora com seu irmão Pedro *Luis*.

apagou aqueles vestígios significativos, substituindo os nomes pastoris por outros (*Flora e Albano*). Tambem alterou as rimas. De *-ia -avam, -erde; -ava -ama*, passaram para *-ia -oso; ora ano eco* [1]. A cigarra clássica foi substituida, desacertadamente, pelo grilo na tradução de Storck [2].

69. *Memorias tristes de la alegre gloria* =
Doces lembranças de passada gloria.

O texto castelhano, de Luis Martin, com as consonâncias *-oria -era ; -ido, -ado, -ente* está incluido nas *Flores* [3]. É tradução de um original de Camoes em *-oria -ora -ido -ado -ente* [4]. Ambos falam nos versos finaes do *bem passado* e *mal presente*. Ambos são paraphrases do vergiliano *Dulces exuviae*. Ainda assim, ha uma diferença notavel. O Lusitano havia aplicado as queixas saudosas de Elissa-Dido a si próprio e a um momento de abandono na sua vida pessoal. O Castelhano reconduziu-as ao tema clássico, dizendo no último terceto :

Dijo llorando la sidonia Dido
sobre las prendas de su bien passado,
y muriendo acabó su mal presente.

D'ahi a epígrafe *A Dido o Elisa*.

Creio que ha outra versão inédita (do mesmo Tejada que mencionei num parágrafo anterior), conservada na *Poetica Silva* da Biblioteca de Campomanes. Principia *Dulces recuerdos de pasada glória* (f. 192) [5] e está inédito.

Pela sua beleza peregrina o texto de Camões teve ainda mais homenagens. Baltasar Estaço intercalou o verso inicial numa sua

1. Vid. *Flores*, vol. II, nº 70, Soneto XIV.
2. *Sämmtliche Gedichte*, II, p. 13.
3. *Flores* II, nº 81 (= Soneto XXV).
4. Nº 12 da ed. principe (= 18 na de 1598, 1685, e posteriores).
5. *Ensayo*, I, c. 1061.

Egloga [1]. Um cultista anónimo glosou esse mesmo, num Soneto que gongoricamente principia

Aqui neste ás idades consagrado
Campo fatal [2].

No século XVIII, a composição inteira foi parafraseada por Francisco de Pina e Melo [3]. Uma imitação de Francisco Rodriguez Lobo diz

Tristes lembranças da passáda gloria [4].

Independentemente, e antes de Camões, é que Garcilaso se havia inspirado em Vergilio. Com o seu Soneto X

Oh dulces prendas por mi mal halladas,
Dulces y alegres cuando Dios queria

suscitou diversas poesias (em *-adas -ia -astes -istes*), caracterizadas pela fórmula *Cuando Dios queria* (= *dum fata Deusque sinebant*).

Ainda ha mais outra serie em *-ado*, derivada do tipo *Memorias tristes del plazer pasado* [5], com alocuções aos *doces despojos* [6]. Mas não é meu intúito profundar mais o assunto.

1. *Obras*, f. 141 v.: *Egloga Espiritual* (Oitava 7).
2. A. F. Barata extrahiu-o de um Cod. Ebor. para o publicar como *Inedito de Camões*, com reservas porém, justificadissimas pelo sabor anti-camoniano do texto. Vid. *A Luiz de Camões com Notas curiosas e Tres Ineditos do Poeta*, Evora, 1880.
3. *Rimas* (Coimbra 1727), p. 128-135.
4. *Obras*, p. 192.
5. Canc. Paris 598 (f. 8 v.). De Pedro Lainez. Vid. Morel-Fatio, *Catalogue*, p. 208.
6. P. ex. a *Cantata* de Garção.

70. *Elisa los vestidos revolvia* =
Os vestidos Elisa revolvia [1].

Elisa Dido, bem se vê.

O soneto de Luis Martin está nas *Flores*, II, nº 82 (soneto XXVI: *A la mesma Elisa*). O de Camões na segunda edição, augmentada, das *Rimas*, (nº 96), e nos melhores manuscritos. A versão não é muito livre, mas ainda assim diverge bastante, tambem nas rimas dos tercetos.

71. *Si cuando te perdi, dulce esperança* =
Se quando vos perdi, minha esperança.

Do mesmo, *Flores*, II, nº 84 (Soneto XXVIII). O original anda na 1ª edição das *Rimas* de Camões, nº 20; nº 25 nas edições posteriores [2]. A remodelação livre do Castelhano, que substituiu a segunda quarteta por outra, completamente distinta, não melhora o contexto, por se afastar demasiadamente da ideia fundamental: *Nessun maggior dolore che ricordarsi del tempo felice Nella miseria*, de Dante (ou, se quiserem, da prosa de Boecio).

Para o pleito entre Diogo Bernardez e Camões, este Soneto constitue um elemento importante. Nas *Flores do Lima* [3], estampadas um anno depois das *Rimas*, ha um Soneto sobre o mesmo assunto, e com as mesmas consonâncias (*-ança -ente* ; *-al -ento*), quasi idéntico ao outro na primeira quarteta, mas diferente em todo o resto, quanto á expressão. Sem duvida alguma, um depende do outro, ou é o outro, propriamente.

1. Canc. Juromenha, f. 101, *Soneto á Rainha Dido* ; e Canc. de Luis Franco f. 230. *Soneto á Mesma*, por vir precedido da *Carta de Dido a Eneas* (de Diego de Mendoza).

2. Na impressão de Faria e Sousa, que fez alguns retoques, a palavra final está deturpada (*passado* por *perdido*); mera gralha, conforme se vê do Comentário (p. 52), mas que passou para diversas edições posteriores.

3. Nº 142 (CXLIII é erro).

Imitação? Mera variante? Plagio? Certame sobre um tema dado? Confusão de papeis? Conforme a luz a que examinarmos todas as peças do processo, é que o problema terá solução.

72. *Si contra mi, Señora os conjurasteis* =
Males que contra mim vos conjurastes.

Do mesmo Luis Martin, *Flores*, II, nº 86 (Soneto XXX). O original, d'esta vez pouco modificado, está na edição-príncipe das *Rimas* de Camões (nº 22; nº 27 nas posteriores).

73. *Quien puede libre ser, dulce señora* =
Quem pode livre ser, gentil senhora.

O original faz parte da edição-príncipe das *Rimas* de Camões (nº 60) [1]. A tradução é mais fiel, mas menos elegante do que são as de Luis Martin.

Com este passamos ás versões do colaborador da *Poetica Silva* (Tejada, ou *Anónimo*) [2].

74. *Está la primavera trasladando* =
Está-se a primavera trasladando.

A tradução textual anda no florilégio citado [3]; o original na edição-príncipe das *Rimas de* Camões (nº 23), assim como nos melhores manuscritos [4]. Gracian (II, 221) cita o terceto final em castelhano, como se assim tivesse sido escrito por Camões. Todavia põe *linda dama* [5], e não *ilustre dama*, como se lê na *Poetica Silva*,

1. Canc. de Luis Franco f. 8.
2. *Ensayo*, I, c. 1084.
3. *Ibid.* c. 1085.
4. Canc. de Juromenha, f. 101; Luis Franco, 9 e 124.
5. *Discurso*, XXXVII.

75. *Está lascivo el dulce pajarico* =
Está o lascivo e doce passarinho.

Poetica Silva, f. 198 [1]. *Rimas* de Luis de Camões na edição de 1595 (nº 25). A substituição necessaria da rima *-inho* (por *-ico*) causou bastantes alterações. Luzan, que admirava muito o texto português, diz em louvor d'ele: *escogió con tanto cuidado las voces mas tiernas para dar mayor dulzura á este Soneto que así por estas como por otras circunstancias es estremado.*

76. *Todo animal en calma sesteaba* =
Todo animal da calma repousava.

Poetica Silva, f. 202 [2]. Inedito. O original, citado p. ex. por *Bernardo de Brito* na *Silvia de Lisardo* [3], provém da edição-príncipe (nº 8 ; 14 nas posteriores).

77. *Yo cantaré de amor tan dulcemente* =
Eu cantarei de amor tão docemente.

Está nas mesmas condições : na *Poetica Silva*, f. 202 ; não reproduzido por Gallardo ; nº 2 nas *Rimas* de Luis de Camões (ed. 1595).

78. *Es el gozado bien en agua escrito* =
He o gozado bem em agua escrito.

O soneto castelhano foi acolhido por Faria e Sousa no Cancioneiro que formou para o Conde de Haro (f. 23) [4]. Segundo Gallardo, está nele com atribuição ao *Marqués de Alenquer*. Não o tresladou, porém, de sorte que por ora não ha meio de con-

1. *Ensayo*, I, c. 1085.
2. *Ensayo*, I, c. 1062.
3. No Soneto XXVII.
4. *Ensayo*, nº 2168, Vol. II, c. 994.

frontar os textos [1]. O português foi acolhido pelo mesmo polígrafo nas *Rimas* de Camões [2]. No comentário não ha referência ao paralelo hespanhol. A suspeita que a versão seja obra do proprio Faria e Sousa, seria todavia inconsistente, porque ela já fôra impressa em 1629 por Miguel Leitão de Andrade na sua *Miscelánea* [3], com variantes de pouca importância, e sem nome de autor.

79. *No lleves, Juana, al rio tu ganado* =
Não vas ao monte, Nise, com teu gado.

Este Soneto *De Nise e Cupido* parece resposta, continuação ou *pendant* do já tratado de *Belisa e Cupido*, pelo que admira não encontrarmos o texto castelhano (inédito) na *Poetica Silva*, entre os de Tejada [4], nem ao menos no Cancioneiro de Faria e Sousa, entre os do Marques de Alenquer, nem nas *Flores* entre os de Luis Martin de la Plaza. Foi o Visconde de Juromenha quem o viu *num Manuscrito* [5]. Quanto á lição portuguesa (com as mesmas consoantes), apenas posso dizer que foi Faria e Sousa quem a recolheu [6] e que este é o motivo unico que tenho para duvidar da sua autenticidade.

*

80. *Señora mia, si de vos yo ausente* =
Senhora minha, se eu de vós ausente

Neste caso, e no imediato, o texto castelhano é o original (obra

1. No texto português ha mais de um ponto suspeito (p. ex. *esp'rança* e *q'rida*).

2. Centuria, II, Soneto 30. Na impressão de 1668 é nº 248.

3. *Diálogo* XIII (p. 260).

4. No que suponho ser de Tejada, a pastora chama-se *Nise*. E *Nise* figura num belo Soneto pastoril de Camões (nº 48 da ed. 1595; *Apartava-se Nise de Montano*), gabado por Gracian (II 223).

5. *Obras de Camões*, vol. II, p. 439.

6. Centuria II, Soneto 18 (12ª da ed. de 1668; 203 na de Th. Braga)

de Garcilaso de la Vega); e o português, mera tradução ou adaptação. Segue-se um que é parodia, e outro, em que a própria obra do genio toledano foi atribuida a Camões. Factos que todavia são conhecidos, mas que eu não devia deixar de mencionar.

O nº IX das edições de Garcilaso figura nas de Camões só de 1668 e 1685 em diante [1], quer porque os editores primeiros não o conhecessem, quer porque não o quisessem incluir nas *Rimas*, sabendo ser mera tradução literal.

81. *Hermosas Ninfas que en el rio metidas =*
Moradoras gentis e delicadas [2].

As circumstâncias são as mesmas. Garcilaso, nº XI; nas *Rimas* de Camões desde o tempo de Faria e Sousa. Tradução livre. Nos tercetos, as consoantes foram mudadas de *-ando -arme* para *-ura -indo*.

Imitações muito divergentes são as de Luis Martin de la Plaza, *Flores*, I, nº 181 e Pedro Luis, b. II, p. 6 [3].

82. *Illustre honor del nombre de Cardona*
Illustre Gracia nombre de una moça.

O Soneto XXIV de Garcilaso está parodiado no (tambem castelhano) que Faria e Sousa atribue a Camões [4], explicando que no manuscrito tinha por titulo: *A Graciа de Morales, Contrahecho de uno de Garcilasso que empieza : Ilustre honor, etc.* Como eu, o leitor notará seguramente, que nessa epigrafe falta o nome de Camões como tradutor [5].

1. Centuria II, Soneto XXV (nº 25ᵇ na impressão de Alvarez da Cunha).
2. Centuria II, Soneto VII (nº 3ᵇ na impressão de Alvarez da Cunha).
3. No *Ensayo*, IV, 648 ha um Soneto, que principia com o verso primeiro de Garcilaso.
4. Centuria III, Soneto LVI.
5. Entre as consoantes ha o lusismo *devasso*.

83. *Sospechas que en mi triste fantasia.*

O Soneto XXX de Garcilaso passou ás *Rimas* de Camões, por culpa de D. Antonio Alvarez da Cunha (na *Terceira Parte* 7ᶜ). A atribuição foi feita por conta propria d'ele, visto que Faria e Sousa não cometeu tal erro; pelo menos, não no texto impresso. Provavelmente o encontrou em Cancioneiros de Portugal, sem nome de autor [1]. Apenas acho estranhavel que não o riscassem das edições posteriores [2].

84. *Si gran gloria me viene de mirarte=*
Se me vem tanta gloria só de olharte
ou : *Se grande gloria me vem só de olharte.*

De autor incerto. Provavelmente Português.

O texto castelhano é atribuido a Francisco de Sá no excelente Cancioneiro privativo de Miranda que foi do Visconde de Juromenha (f. 35 v.) [3]. Ainda assim suspeitei outrora que antes fosse de Sá de Meneses. Sem nome de autor está no *Canc. Ebor.* CXIV-2-2, f. 30 v.; com ligeiras variações [4]; na *Miscelanea* de Leitão [5] e nas *Obras* de Pedro da Costa Perestrello [6], publicadas por Lourenço Caminha. Estas, longe de serem todas d'ele, encerram varias, alheias.

O texto português foi incluido nas *Rimas* de Camões em 1616 [7]. É tradução quasi literal. Muito incorrecta, foi emendada na edição

1. Vid. *Cod. Ebor.* CXIV-2-2, f. 122.
2. Vid. Storck, *Sämmtliche Gedichte*, II, p. 363 ss.
3. Nº 187 da minha edição. Tratei d'ele a p. LX e 879 ss.
4. V. 4 del engaño — 10 en dulce gloria — 14 el fin.
5. *Dialogo* XIV, p. 278 : 1 vino — 4 del engaño — 6 de quien soy — 9 Si un amor — 11 Que quieres mas.
6. P. 88. A huma dama — 4 Gran obra del engaño — 6 de quien soy — 8 quieres — 9 Si un amor — 12 Siempre firme estaras — 13 y el alma.
7. Nº 25.

de 1669 [1], limada habilmente por Faria e Sousa [2], e repetida no novo traje por Alvarez da Cunha (31ª) e todos os pósteros, conforme outr'ora demonstrei [3]. Evidentemente, sem sombra de razão.

85. *Mil vezes entre sueños tu figura.*

De um Francisco de Sá, que talvez seja o de Meneses. No Cancioneiro de Juromenha (f. 43 v.), bastante deturpado [4]. Atribuido arbitrariamente a Camões por Faria e Sousa [5], que o retocou; a meu ver, com grande habilidade.

86. *Si mil vidas tuviera que entregaros.*

De autor desconhecido. Impresso em 1629 na *Miscelanea* de Leitão (*Dialogo* XIV, p. 270). Atribuido a Camões, no *Parnaso* de 1880 (vol. I, p. 184, nº 365), por se achar no Cancioneiro (fragmentado), apenso ao exemplar do *Rosian de Castilla* [6].

Variantes: 4 solo para [para solo — 7 Y sol que os alumbrase [Sol para alumbraros — 8 Arbol [Ambar — 11 Y yedra [Yedra — 14 Y Rey por solamente obedeceros [Y Rey quisiera ser para obedeceros.

O quinto verso: *Argos quisiera ser para miraros* serviu a certo Valentim da Silva de ponto de apoio para uma imitação não infeliz, que se conserva no mesmo manuscrito, e foi por isso mesmo introduzido na citada edição do *Parnaso* (nº 373).

1. *Segunda Parte*, nº 26.
2. Centuria, II, Soneto XXXI.
3. *Poesias de Sá de Miranda*, p. 867-8 e *Zeitschrift*, V, p. 108, 111, 125 e 130. Cfr. Storck, II, p. 395 (nº CXLIX).
4. Vid. *Poesias de Sá de Miranda*, p. 865 e XCVII. Ha outro Soneto que, sendo propriedade de Sá de Miranda, foi acolhido nas *Rimas* de Camões. Mas por ser português, não nos ocupa aqui.
5. Centuria, III, Soneto XVII.
6. Vid. *Zeitschrift*, V, p. 110 e 401.

87. *Por gloria tuve un tiempo el ser perdido* =
Gloria me foi um tempo ser perdido [1].

O texto português d'este artificioso Soneto de *leixa-prem* [2], com o nome de *Sylvia* nº verso 5º, é o XXVII de *Lisardo* na colecção lírica, impressa em 1597, que é costume atribuir a Frei Bernardo de Brito [3]. O castelhano, em que a pastora se chama *Nise*, foi recolhido por Faria e Sousa que, sem manifestar onde o encontrou, o colocou entre as *Rimas* do Poeta [4].

88. *Que hazes hombre? Estoy me callentando.*

De Jorge de Montemór em cujo *Cancionero* anda (f. 169 da ed. de 1588). É pois ilusória a atribuição a Luis de Camões, feita no *Parnaso* de 1880 (nº 374).

*
* *

Afim de facilitar buscas e pesquisas a outros investigadores vou ultimar as Notas relativas a Sonetos *castelhanos*, atribuidos a Camões, com a lista alfabética de todos quantos, nesse idioma, andam nas suas *Rimas*. Em parentese indico as datas (significativas) em que entraram nas edições do Poeta. Além d'isso, marco com asterisco os que ainda não foram reconhecidos como propriedade alheia. Isto é: todos aqueles de que não me ocupei neste esboço.

1. Centuria, II, Soneto LXII.

2. Gracejos como Sonetos encadeados e de leixaprem, ou em Eco, só tiveram voga cerca de 1600, e não no tempo aureo da poesia. Faria e Sousa cita dois exemplos. Mais acima já vimos um (nº 44). Outro, sacro, está no vol. 35 da *Bibl. de Aut. Esp.* (p. 44). — Cfr a Nota relativa a nº 98.

3. Foi reproduzido por Th. Braga, na *Historia de Camões*, II, p. 226.

4. Vid. *Zeitschrift*, V, p. 401.

5. A la margen del Tajo en claro dia (1668 e 1685).
* Al pie de una verde y alta enzina (1860).
* Amor, amor que fieres al coitado (1860).
66. Angelica la bella despreciando (1873).
86. Argos quisiera ser para miraros (1880).
44. Ay Dios, si yo cegara antes que os viera (1880).
49. Ay quien dará á mis ojos una fuente (1685).
52. Ayudame, Señora á hazer venganza (1685).
* Cansada y ronca voz porque volando (1860).
57. Cese, Señora, ya tu dura mano (1685).
58. Con razon os vais aguas, fatigando (1685).
56. Cuanto tiempo ha que lloro un dia triste (1685).
65. De piedra, de metal, de cosa dura (1860).
12. De reluzientes armas la hermosa (1880).
* Del hondo valle del tormento mio (1880).
61. Dexadme, cantinelas dulces mias (1880, Storck).
* Do estan los claros ojos que colgada (1860).
55. Dulces engaños de mis ojos tristes (1685).
* El vaso reluziente y cristalino (1668).
* En la escuela ado Amor es presidente (1880).
14. En una selva al dispuntar del dia (1668 e 1685).
* Es lo blanco castissima pureza (1880).
82. Ilustre Gracia, nombre de una moza (1685).
21. Ir y quedar y con quedar partirse (1880).
47. Hero de una alta torre do mirava (1880).
60. La letra qu'en el nombre en que me fundo (1873).
59. Las peñas retumbaban al gemido (1668 e 1685).
50. Los ojos que con blando movimiento (1668 e 1685).
52. Los que vivis subjectos a la estrella (1860).
* Luisa, son tan rubios tus cabellos (1873).
40. Mi gusto y tu beldad se desposaron (1685 e 1880).
85. Mil veces entre sueños tu figura (1685).
51. No bastaba que amor puro y ardiente (1668 e 1685).
Oh cese ya Señor tu dura mano (1685). Vid. Cese.

53. Oh claras aguas d'este blando rio (1685).
63. Ondas que por el mundo caminando (1860).
* Orfeo enamorado que tañia (1668 e 1685).
87. Por gloria tuve un tiempo el ser perdido (1668 e 1685).
* Pues siempre sin cesar mis ojos tristes (1668 e 1685).
* Que es esto, Dios de amor, que ya no vales (1880).
90. Que hazes, hombre? Estoy me callentando (1880).
* Revuelvo en la incesable fantasia (1668).
* Señor, no se despacha pretendiente (1880).
54. Si el fuego que me enciende, consumido (1685).
86. Si mil vidas tuviera que entregaros (1880).
* Si el triste corazon que siempre llora (1860).
64. Sobre un olmo que al cielo parecia (1860).
83. Sospechas que en mi triste fantasia (1668).
* Ventana venturosa do amañece (1860).

*
* *

Continuo com outros Sonetos, conservados em Impressos e Manuscritos portugueses : obras em parte de Luso-Castelhanos.

89. *Hambrienta*, [*rota*], *inquieta y desgustada*.

Este Soneto *A la Pobreza* ou *Em vituperio da Pobreza* [1] é atribuido ao Conde de Portalegre, no Cancioneiro de Faria e Sousa [2]. Sem nome de autor foi impresso na *Miscelánea* de Leitão de Andrada [3]. Além d'isso figura num Cancioneiro privativo de Frei Agostinho da Cruz, irmão amicissimo de Diogo Bernardez, conservado na *Biblioteca Municipal* do Porto [4]. Sobre a

1. Tema muito tratado. Nas *Flores de Poetas Ilustres* (II, nº 11) ha um Soneto de Valdes y Melendez que principia *Pobreza vil*.
2. *Ensayo*, II, c. 996. Garcia Perez repetiu a asserção (s. v.).
3. *Dialogo* XVIII, p. 399.
4. Bibl. Portuense : Ms K-5-90. Veio do Mosteiro de Grijó.

sua autenticidade não me posso pronunciar por ora. Baste dizer que ha nesse Cancioneiro, e em outro exemplar diverso, da Biblioteca da Universidade de Coimbra [1], bastantes composições que é costume atribuir a outros poetas. De alguns falarei mais abaixo.

90. *Quien dice que pobreza no es vileza.*

De *Autor incerto.* — O mais antigo e habilitado dos pretendentes é Pedro de Padilla. Como obra sua o Soneto anda no *Tesoro de Varias Poesias* d'ele, impresso em 1589 (f. 327 v.); foi reproduzido tambem nas Notas ás *Flores de Poetas Ilustres* (I, p. 320). Nas Obras de Cetina, está atribuido a D. Gonzalo Fernandez de Cordoba, Duque de Sessa, em conformidade com a colecção entitulada *Los Principes de la Poesia Española* (1892). Sem nome de autor figura na *Miscelánea* de Leitão Andrada [2]. No *Canc. Paris.* 605 (f. 42 v.), que se diz privativo do Conde de Villamediana, é atribuido a este prócere.

Variantes de Leitão : 2 En nada estima — 4 Que está [en] nunca jamás hazer baxeza — 6 Ocasion de se hazer — 7 ado muchas vezes se ha anegado — 7 El saber, el aviso — 9 no se haze entendimiento (*erro evidente por* luze) — 11 Es odioso quasi a toda gente — 12 essa es contento — 14 El triste que la passa, esse la siente.

91. *Mansa pobreza, justamente amada.*

Castelhano nas *Obras inéditas* de Costa Perestrello [3], em que já apontei mais de uma obra alheia [4]. Português na *Miscelánea* de Leitão Andrada [5].

1. Este está em via de publicação, no *Archivo Bibliografico*, graças á laboriosidade utilíssima do Dr. Mendes dos Remedios.

2. *Dialogo* XVIII, p. 407 da reimpressão moderna.

3. Ed. de Lourenço de Caminha, p. 81.

4. Confira-se o que já deixei dito a respeito dos nos 1, 6., e o que direi mais abaixo sob o nº 90.

5. *Dialogo* V, p. 95.

92. *Queriendo la pintora dar pintura.*
93. *El avariento guarda su riqueza.*

Extrahi-os a ambos do *Cancioneiro de Luis Franco*, publicando-os entre as *Poesias* [1] de Sá de Miranda (nos 174 et 179). Logo então observei todavia que o Francisco de Sá, a que um Anotador os atribuia, seria talvez, o *de Meneses*, antes do que o *de Miranda*. Hoje tenho muitas d'essas atribuições marginaes em conta de absolutamente arbitrarias.

Ambos os Sonetos subsistem em outro manuscrito, tambem sem nome de autor : o *Canc. Paris.* 602 (f. 253 v. e 251).

94. *Amado engaño de la fantasia.*

Na *Miscelánea* de Leitão (*Diálogo*, XIV, p. 282).

No Cancioneiro de Faria e Sousa, como obra do Marquês de Alenquer [3].

95. *No es vida la que vivo pues da muerte.*

No *Cancioneiro de Luis Franco* a f. 118 (com a nota marginal B. M., que não sei interpretar). Sem nome de autor, tambem está no *Canc. Paris.* 602 (f. 205 r.).

96. *Que debo al prado ameno aunque florezca =*
Que devo ao monte ou campo que florece.

O texto português conserva-se no Códice Eborense, CXIV-2-2, publicado ha pouco [4], sem nome de autor. No Cancioneiro de A. Fernandez Thomas está a f. 5 v., melhorado, como obra de

1. *Poesias*, p. 590 e 593.
2. Morel-Fatio, *Catalogue* p. 220 e 223.
3. *Ensayo*, II, c. 993.
4. Pelo falecido A. F. Barata, com o título não muito apropriado de *Cancioneiro Geral*. Vid. p. 74.

Fernão Correa de Lacerda, cantor nada desprezível de certa *Lises* [1]. Nas *Obras poéticas* de Estevam Rodriguez de Castro [2] que, longe de serem privativas do erudito e ingenioso Lente da Universidade de Pisa, encerram composições de varios amigos d'ele, e de alguns antecessores [3], tem a epígrafe D. F. C. que significa a meu ver, *De Fernão Correa*.

O texto castelhano, extrahido por Gallardo da *Poetica Silva* da Biblioteca de Campomanes [4], diverge bastante, formalmente mesmo nas consoantes [5]. Ainda assim, é tão parecido nos conceitos que certamente um deriva do outro, a não ser que ambos sejam imitação de um mesmo modelo (italiano ?). Se o castelhano fosse versão livre, bem podia, pelo classicismo da forma esmerada e reminiscencias horacianas, ser obra de Luis Martin de la Plaza, o elegante Sonetista, que já surgiu nestas páginas como remodelador de poesias portuguesas.

Eis o texto atribuido a Lacerda, com as variantes das outras duas fontes apontadas :

Que devo ao monte e ao campo que florece,
Se para todos suas flores cria ?
Que devo a me dar agua a fonte fria,
Se para todos da alta serra dece ?
O sol, que para todos amanhece,
Pouco lhe devo que me faça dia ;
Se para todos sae, chea ou vazia,

1. Ha versos d'ele não só naquela preciosa colecção, mas tambem no Cancioneiro de Faria e Sousa e na *Fenix Renascida*. Cfr. Garcia Perez, p. 131 e 139 ; *Ensayo*, II, 994 ; *Fenix*, V, 263.

2. A raríssima edição de Florença (1623) que devemos a seu filho, foi reeditada em 1792 por Lourenço Caminha, com exclusão dos versos castelhanos e italianos. Vid. p. 160.

3. No Prologo do filho ha declarações a esse respeito.

4. *Ensayo*, nº 1051 (I, c. 1098).

5. Em portûgûes *-ece -ia, -ura -eza -ua.* — Em castelhano *-eza -elo, -asta, osa -ias.*

Que devo á lua quando mingua ou crece?
Divina Lises, campo em fermosura,
Em graça fonte, monte em mór alteza,
Sol em beleza, e em mudanças lua,
Não faças tão comua essa luz pura,
Essa graça, essa flor, essa beleza,
Que eu fujo por comum, sigo por tua.

Variantes: 1 B ao monte ou campo — C ao campo ou monte — 2 BC essas flores — 3 BC em me dar — 4 B se pera os mesmos dessas fraldas desce — C se pera o mesmo de suas f. d. — 9 B Ingrata Lyses — 10 B em grande altura — 11 B em mudanças lua — 12 B commum — 13 BC essa flor, essa graça — 14 B que fujo.

Agora confronte-se o castelhano, que se distingue pelas reminiscências horacianas.

¿Que debo al prado ameno aunque florezca
Y en verde primavera borde el suelo?
¿Que debo, aunque á mi sed en blando hielo
La fuente pura su licor me ofrezca?
¿Que hace en que conmigo el sol merezca,
Aunque como un gigante corra el cielo,
Que alumbre, ó que de nubes tienda el velo?
¿Que le debo á la luna, ó mengüe, o crezca?
Que debo á tu belleza, si la gasta
La facil condicion, Lálaje fermosa,
Que dulce hables, ó que dulce rias?
Eres prado, sol, fuente; y si no basta,
Luna en mudanzas, firme en una cosa:
Que en tu desprecio á ser comun porfias.

Bela copia, enriquecida como todas pelo imitador. Eu, porém, prefiro a singeleza e maior ternura do que me parece original.

97. *En la manchada holanda del tributo.*

De autor incerto. — Provavelmente de B.-L. Argensola, a quem é atribuido tanto nas *Flores de Poetas Ilustres* (vol. II,

nº 102, p. 168) como na *Bibl. de Aut. Esp.* (vol. 42, p. 319). Na mesma (vol. 32, p. 442) está tambem em nome de Gongora. Anónimo na *Miscelánea* de Miguel Leitão de Andrade (*Dialogo*, XIV, p. 293) [1].

Variantes de M. : 1 En la Holanda n. d. t. — 2 Que todas — 3 Clava — 8 Ni de casta á su Porcia alabe Bruto — 11 Edificad a Clito — B Pesquenlas magistrados.

98. *Mucho a la magestad sagrada agrada.*

Este *Soneto a el Rei Philippo II*, na Morte da Rainha sua mulher [2] (em Eco, como tantos de fins do seculo XVI e principios do imediato [3]), acolhido por Faria e Sousa no Cancioneiro que compilou para o Conde de Haro (aparentemente sem nome de autor [4]) é de André Falcão de Resende, ou pelo menos anda nas suas *Poesias*. Vid. a ed. de Freitas, Coimbra 1860, p. 82.

99. *Excelso monte do el Romano estrago.*

Apenas uns acrescentos á *Histoire d'un Sonnet*, de Morel-Fatio [5] e *Notes sur le Sonnet Superbi Colli*, de Foulché-Delbosc [6]. No Cancioneiro de Luis Franco está (f. 151 v.) no grupo de Sonetos diversos, em castelhano, que um Anotador marcou á margem com as iniciaes I. M. [7].

1. Claro, que não lhe faltam lusismos (*com, reis, leis*), nem erros de impressão (*estatua*, em vez de *estatuas*).

2. D. Anna Maria de Austria faleceu a 26 de Outubro de 1580.

3. Vejam p. ex. *Es el amor segun abrasa brasa* (*Ensayo*, I, c. 1061 e 1086).

4. *Ensayo*, II, c. 995 : *A la Muerte de la Reina de España en Badajoz*.

5. *Études sur l'Espagne* (Paris, 1904), e anteriormente na *Revue d'histoire littéraire de la France* (I, 97-102, 1894).

6. *Revue Hispanique*, XI, p. 225-243.

7. *Inedito de Mendoza* ? Eis a lista que talvez possa levar ao descobrimento do autor :

Em redacção portuguesa figura na *Miscelánea* de Leitão de Andrada (*Dialogo* XIII, p. 258). As rimas atestam a derivação do texto castelhano, atribuido a Gutierre de Cetina.

Excelso monte, onde o Romano estrago
Eterna deixará vossa memoria;
Soberbos edificios, que da gloria
Ainda resplandecem de Carthago;

---

143 v. Dichoso el año, mes, ora y momento.
Mirando en un engaste tan lavrado.
144 Vestida está mi alma, o alma mia.
No, no vereis los ojos que solian.
144 v. El sol con sus cavallos sempiternos.
Dentro en mi alma siento un armonía.
145 De algun fiero leon fuiste engendrada.
Que sienta un corazon de amor doliente.
145 v. Gran lastima de ti tengo, señora.
Aquellos a quien Marte ayudó tanto.
146 Mano avarienta, dexa hazer su oficio.
Marfiria, que ganancia, que interesse.
146 v. O causa de mis ansias y dolores.
En tierra está la piedra preciosa.
147 Breve pasatiempo quien trocase.
De no satisfazerme casa mia.
147 v. Tornemos, musa mia, a vuestro intento.
La tierra sus matizes va perdiendo.
148 Lorina mia, bien es porque no pene.
Mi alma y tu beldad se desposaron.
148 v. En un peñasco de la mar cercado.
La bella toda linda sola estava.
149 O mar que al de mis ojos causa diste.
Por medio de las ondas de Nereo.
149 v. Amor que de mi pecho no se ausenta.
Llorosos vaticinios pronunciavan.
150 En dia que en cabido no derecho.
Al rayo de la luna está Silvano.
150 v. En un vaso de haya en que solia.
Sobre el siniestro brazo recostado.

Praia deserta, que alegre lago
Fostes já de triumphos e de gloria [1];
Despedaçados marmores, historia
Em que se vê do mundo qual he o pago;

Arcos, Amphiteatro, Banhos, Templo
Que noutro tempo fostes celebrados,
De que só, agora, vemos os sinaes:

Grão remedio a meus males vosso exemplo,
Que, se do tempo fostes acabados,
O tempo acabar poderá meus ais.

100. *Desmayarse, atreverse, estar furioso.*

Sem nome de autor na *Poetica Silva* (imediato a *Ir y quedar* [2]) e tambem no Cancioneiro de Faria e Sousa [3], é todavia de Lope de Vega [4], autor de *Ir y quedar* e *Que es la mujer*?

101. *Soy tan dichosamente desdichado.*

Anónimo na *Miscelánea* de Leitão (*Diálogo* XIV, p. 277). Com atribuição ao Marquês de Alenquer, na recopilação ainda

151 *Excelso monte do el romano estrago.*
Adonde sufriran mi desventura.
151 v. Horas alegres que pasais bolando.
Qu'estás embevecido di, pensando.
152 Alma que en mi alma puedes tanto.

Silvano, Marfiria lembram Montemor e Mendoza. Ao último pertence inquestionavelmente o soneto imediato *Adonde sufriré mi desventura.* — *Mi alma*, atribuido a Camões, é provavelmente do Dr. Aires Pinhel, conforme deixei explicado. — O nome raro de Lorina ou Lurina encontra-se em outro Soneto, português do mesmo Cancioneiro (f. 266 v.) insignificante e muito deturpado, mas apesar d'isso arbitrariamente vindicado para Camões (nº 338 da edição da *Actualidade*).

1. Erro evidente por *triumphos e victoria.*
2. *Ensayo*, I, c. 1061.
3. *Ibid.*, II, c. 995.
4. Vid. *Bibl. Aut. Esp.*, vol. 38, p. 464.

agora memorada de Faria e Sousa [1], como tantos dos sonetos que me ocuparam aqui.

102. *En que pueło sperar contentamiento.*

Impresso em 1557 no *Cancionero General*, como último dos Sonetos feitos na cidade de Londres (dois anos antes) por uns cavaleiros, cujos nomes se deixam para coisas maiores, com certas obras de outro autor, cujo nome tambem se reserva [2].

Um lustro depois, aparecia nas *Varias Poesias* de Fernando de Acuña [3] que provavelmente acompanhara o Principe D. Felipe nas suas viagens.

Manuscrito, figura no *Canc. Paris.* 600 (f. 63) [4], e tambem no Cod. Ebor. CXIV-2-2, f. 131 v., de onde passou ao *Cancioneiro Geral*, de Barata [5].

Variantes d'esta ultima impressão, pouco cuidada : 1 podré — — 4 ahora dañar — 10 porque no merezco — queda assegurado (*em lugar de* pues quedar no merezco ass.) — 11 de todo del temor de v. — 12 Yo no — en buen estado.

*
* *

III

NOTAS A SONETOS PORTUGUESES DE AUTOR DUVIDOSO

Dos muitos casos duvidosos, meramente portugueses, apenas darei algumas amostras. Claro está que escolho Sonetos, de que ainda não me ocupei em público.

1. *Ensayo*, II, c. 993.
2. Vid. nº *318 da reimpressão moderna (vol. II, p. 624).
3. P. 216 da ed. de 1804, segundo Morel-Fatio, *Catalogue*, p. 211.
4. *Loc. cit.*
5. P. 13. *Soneto de D. Fernando da Cunha.*

103. *Lembranças de meu bem, doces lembranças.*

Faria e Sousa encontrou o texto em um dos numerosos Cancioneiros manuscritos que examinou, á cata de poesias que pudesse vindicar para o seu Poeta. Sem se importar com ele andar assignado pelo famoso, comquanto pouco conhecido, Quinhentista *Martim de Crasto* (*Castro*, ou *Castro de Rio*, que já tive ensejo de mencionar), incluiu-o na ultima mão-cheia de Sonetos com que augmentou as *Rimas* [1], quasi certo de que poucos haviam de ler as suas Notas, e que pouquissimos conheciam os Sonetos dispersos d'aquele Camonista [2].

Como obra de um *Castro* está no abundante Cancioneiro de A. Fernandez Thomas (f. 33 v.). Mas de um Castro diverso do fidalgo-cavaleiro da Casa de Felipe II, relacionado como Falcão de Rèsende : o Dr. Estevam Rodriguez de Castro, lente notável de medicina na Universidade de Pisa, muito mais conhecido, porque as suas *Obras poéticas* foram impressas. Entre os textos publicados em 1623 [3] o Soneto falta todavia. E que não faltasse, isso ainda não autenticava suficientemente a atribuição, visto que no voluminho, editado por seu filho [4] ha,

1. Centúria III, Soneto LVIII (= Ed. Braga, nº. 291 ; Storck, nº 269).

2. Eis o que diz no primeiro trecho do Comentário, com a insolente ingenuidade do costume :

« En un manuscrito se lee que este Soneto es de Martin de Crasto : y no será impossible, porque él escribió muchos versos dignos de que los estimasse mi Poeta, de quien presumo será este ; assi por el estilo como porque lo que dize es bien conforme á otros lances suyos, y tambien porque entre este y el de Crasto ay alguna diferencia. »

Creio que *um manuscrito* seria o único que viu ; e as *diferenças* proviriam dos retoques com que o melhorou.

3. Em Florença, conforme expliquei. — Vid. *Ensayo*, nºs 2168 e 3670, e Garcia Pérez, *Catálogo*, p. 480. Faria e Sousa conhecia o autor e suas poesias. Vid. *Rimas*, III, p. 1 ; vol. I, p. 41 e § 16 do *Discurso sobre os Sonetos*. — Nem deixou de usurpar versos d'ele.

4. Em vida do pae, a quem diz arrancou os seus versos, quasi violentando-o. Nascido em 1559, o afamado médico ainda vivia em 1637. Na sua *Philo-*

além de composições propriamente suas, muitas alheias, parte assignadas, parte anónimas e entre elas, varias de Martim de Castro [1]. Já tive ensejo de o dizer, e redizer.

Sem hesitação eu deveria portanto considerar o Soneto como obra d'esse poeta, se não soubesse ainda de outro pretendente, completamente inesperado: Frei Agostinho da Cruz, o solitario da Arrabida, irmão de Diogo Bernardez. No Manuscrito já citado da Biblioteca de Coimbra, em via de publicação, *Lembranças de meu bem* é o nº 96 entre os publicados pelo Dr Mendes dos Remedios [2]. Como explicar isto? Embora o Soneto não destoe demasiadamente dos outros, em geral sacros [3], a que certa sentimentalidade e brandura dá muita vez caracter profano, quer-me parecer que Frei Agostinho, que não vivia em clausura muito apertada, e continuava a ver pessoas do mundo, mesmo no *ermo*, e a trocar correspondência com elas, guardasse entre as suas composições, outras alheias, que lhe foram remetidas por amigos. Os copistas inconscientes confundiriam umas e outras depois da morte d'ele.

Os exemplos, que logo vou dar, falam a favor d'esta hipótese.

Por isso continuo a considerar Martim de Castro como autor provável do Soneto, ajuizando que o coleccionador do Cancioneiro supracitado interpretou como melhor lhe pareceu o nome *Castro*.

Resta-me dizer que os dois versos iniciaes foram modernamente glosados num Soneto [4].

---

melia, impressa em 1628 (em Florença) ha um belo retrato que o representa na idade de 69 anos; e esse mesmo serviu para outras publicações suas, quando já contava 78. Vejam uma reprodução moderna no *Zacuto Lusitano* de Maximiano de Lemos. Porto, 1909, t. I, 209.

1. D'eles trato sumariamente nos parágrafos seguintes.

2. *Archivo Bibliographico da Universidade*, vol. III, p. 85. Por ora ignoro, se o ilustre editor publica todos, ou exclue propositadamente os castelhanos.

3. Alguns são versos de amor e de amizade, anteriores á sua profissão.

4. Joaquim de Lemos, *Camoneana*, Porto, 1885.

104. *Entre flamas de amor fostes criados.*

É um dos Sonetos alheios, não assignados, que se encontram nas *Obras Poéticas* de Estevam Rodriguez de Castro [1]. No Cancioneiro de A. Fernandez Thomas é atribuido a Martim de Castro (pag. 1).

105. *Quando me quis salvar dei num perigo.*

Está nas mesmas condições : anónimo no livro do Dr Estevam [2]; atribuido a Martim de Castro no Cancioneiro citado (p. 2 v.), onde faz parte de um ciclozinho de Sonetos d'esse poeta.

106. *Entre as nuvens se esconde o pensamento.*

De Martim de Castro no Cancioneiro citado (f. 133). Sem nome de autor no Cancioneiro Eborense, CXIV-2-2, de onde passou para o *Geral* de F. A. Barata, com a epígrafe *Saudade* [3]; assim como no Apenso do *Rosian de Castilla*, impresso por Th. Braga no *Parnaso de Luiz de Camoes* [4]. As Variantes são de pouquíssima importância.

107. *Em lugar, tempo, estado, ou esperança.*

De Martim de Castro no Cancioneiro de A. Fernandez Thomas (p. 4). — Como obra de Frei Agostinho da Cruz tanto no Manuscrito de Coimbra [5], como no do Porto [6].

1. Ed. de Caminha, p. 229 : Soneto VIII. — Talvez o Soneto se refira a um maço de cartas que o poeta ia queimando —; ou servisse de introdução a um Cancioneirinho, dedicado a alguma Dama.
2. Soneto VI, p. 152.
3. P. 140 (nº 94).
4. Nº 367.
5. Nº 1 (no *Arch. Bibl.*, vol. I, p. 46).
6. Nº 46.

108. *Posto que sofra amor apartamento.*

De F. Rodriguez Lobo Soropita no Cancioneiro de A. Fernandez Thomas (f. 11), riquíssimo de obras d'este engenhoso mas estravagante poeta, que talvez professasse no fim da vida, no convento da Arrábida. — Entrou nos versos de Frei Agostinho da Cruz, tanto no Cancioneiro de Coimbra [1], como no Portuense (n. 63).

109. *Perdi-me dentro em mim como em deserto.*

De Frei Agostinho da Cruz, segundo o códice conimbricense [2]. — Sem nome de autor no *Cancioneiro Geral* de A. F. Barata, p. 147. (= Cod. Ebor. XIV-2-2, f. 234 v.).

110. *Como estais luz sem luz? vida sem vida?*

De Frei Agostinho da Cruz, tanto no códice conimbricense [3] como no da Biblioteca Municipal Portuense (nº 10). — Sem nome de autor na *Miscelanea* de Miguel Leitão de Andrada (*Dialogo* V, p. 84).

111. *Claros olhos que ao ceo que se mostrou.*

Nas *Obras Poeticas* de Estevam Rodríguez de Castro [4], sem indicação que o as signale como obra alheia. Atribuido a Soropita no Cancioneiro de A. Fernandez Thomas (f. 830), onde principia *Fermosos olhos.*

112. *Claros olhos azues, olhos fermosos.*

Nas *Obras Poeticas* de Estevam Rodriguez de Castro é atri-

1. Nº 2, vol. I, p. 46. *A uma absencia.*
2. Nº 6, vol. I, p. 48.
3. Vol. I, p. 140. Soneto XXXIX : *A Cristo na Cruz.*
4. Soneto XX (p. 166 da Ed. de Lourenço Caminha).

buido a Fernão Rodriguez Lobo (o Soropita, a meu ver [1]). No de A. Fernandez Thomas (f. 17) está em nome de Camões.

113. *Amor que em sombras vans do pensamento.*

Nas *Obras Poeticas* do Dr. Estevam, atribuido a Fernão Rodriguez Lobo (Soropita [2]). No Cancioneiro de A. Fernandez Thomas (p. 5 v.) é assignado pelo mesmo. Atribuido a Camões por Faria e Sousa, que confessa havê-lo igualmente encontrado num manuscrito como obra de Soropita [3].

114. *Contentamentos meus que já passastes.*

Anda entre os versos de Frei Agostinho da Cruz no cod. conimbricense [4], e tambem no do Porto (nº 43 [5]). No Cancioneiro de A. Fernandez Thomas ocorre duas vezes : a. f. 5 como obra de Francisco de Andrade [5], a. f. 16 com atribuição a Camões [6]!

115. *Fermoso Tejo meu, quam diferente.*

De Autor incerto. — Muito tarde foi admitido entre os Sonetos de Camões. O primeiro editor que o fez, foi o Visconde de Juromenha (em 1860 [7]). Na Nota respectiva vê-se todavia que não estava convencido da autoria [8]. Em um só dos Manuscritos em que o viu, tinha a rubrica *Soneto de Luis de Camões*, com o

1. Soneto XXII (p. 168). — Cfr. Th. Braga, *Hist. de Camões*, II, p. 262.
2. Soneto XXIII (p. 169).
3. Centúria III, Soneto IX.
4. Nº 97 (vol. III, p. 125).
5. Personagem importante como Cronista, como Poeta, e como venerador de D. Caterina de Ataide, a *Natercia* de Camões.
6. A unica variante de peso é *deixou* (em lugar de *deixão*) no verso 4.
7. Nº CCCXXXIII dos Sonetos.
8. Vol. II, p. 469-70 e 496.

acrescento : *a hum velho, falando com o Tejo* [1]. Nos restantes era produção, ora de um Henrique Nunes de Santarem (desconhecido); ora de Estêvam Rodríguez de Castro; ora de Francisco Rodriguez Lobo. Alguem o atribuiu equivocadamente a Fernão Alvarez do Oriente [2]. No Cancioneiro de A. Fernandez Thomas vem (a. f. 16 v) como produção de um Francisco Mendez, alias desconhecido [3].

De tres glosadores, um só menciona como autor do Soneto a F. Rodriguez Lobo [4]. Os outros nada dizem [5].

Com tudo isso, figura como documento numa historia dos amores do Poeta — com reservas embora [5] — por causa da grande voga que teve.

*
* *

IV

VERSOS ATRIBUIDOS A FELIPE II

116. *Sete anos de pastor Jacob servia.*

O belo assunto bíblico, do amor profundo e constantissimo de Jacob para com Raquel, foi verdadeira mina para os poetas.

1. Mesmo a emenda *Soneto de L. de C., velho, falando com o Tejo* não podia autenticar o Soneto. Ainda assim Th. Braga considera decisiva a rubrica extravagante, *Hist. de Cam.*, II, 261.

Note-se que ha varios Sonetos seiscentistas *fallando com o Tejo*. P. ex. um na *Fenix Renascida*, II, 100.

2. Vid. Innocêncio da Silva, *Diccionario Bibliographico*, II, p. 281, e Sousa Viterbo no *Jornal Da Manhan* de 18 de Out. de 1885 e 25 de Março de 1889.

3. O Doutor Antonio Bacellar Barbosa, que figura na *Fenix Renascida* (I, p. 143-158 da Ed. de 1746) com tres glosas diversas. A indicação falta no *Catalogo da Collecção Camoneana* de José do Canto.

4. A. Rodrigues de Mattos, autor do *Dialogo Funebre* (1690), citado no *Catálogo* com o nº 2947; — João Pereira da Silva, autor da *Lysia saudosa* (1691). Ib., nº 2949). Veja-se ainda o nº 4181; e Xavier de Cunha, *Impressões Deslandesianas*.

5. J. M. Rodrigues, *Camões e a Infanta D. Maria*, p. 117.

Em uma história dos motivos do lirismo moderno (obra que requer não sómente arte e engenho, mas tambem longo estudo e dedicação), esse tema ocuparia vasto espaço. Poetas de todas as nacionalidades cantaram e contaram, desde os primeiros alvores da lírica moderna, incidentalmente ou em obras especiaes, de menor ou maior fólego, a Historia de Jacob, Raquel e Lia.

Os Sonetistas peninsulares distinguem-se, entre eles, pelo fervor entusiástico com que a aceitaram e aperfeiçoaram á porfia. E entre eles foi Luis de Camões quem ganhou a palma, cinzelando os mais perfeitos versos, de estro mais elevado.

Muitos foram nas suas pègadas, tentando em vão vencê-lo ou igualá-lo.

Mas, responderão os criticos, é possível que Camões, sendo o mais perfeito, fosse tambem o primeiro engastador da joia, o verdadeiro descobridor do tesouro? Pode-se responder que *sim*, e que *nào*.

Que *não*, porque ainda aqui é preciso recorrermos aos grandes mestres italianos, aos maravilhosos engenhos de Dante e de Petrarca. Deixando de lado a *Divina Comedia*, é preciso confessar que o núcleo das ideias que constituem o Soneto de Camões — o contraste entre a brevidade da vida e a longa duração dos amores serviçaes de Jacob, tanto mais fiel, quanto mais iludido — já, lá estava em tres ou quatro versos do Cantor de Laura, assim como estavam nas suas *Rimas* e nos *Triunfos* os germens dos numerosíssimos Sonetos e Epigramas castelhanos e portugueses sobre Hero e Leandro, Porcia, o Rei Seleuco e todos quantos *Triunfos*, *Infernos*, *Vergeis e Jardins de Amor* os aulicos peninsulares construiram durante os séculos XV, XVI e XVII.

Que *sim*, porque o primeiro que os desenvolveu em nova terra, vasando a longa historia em quatorze hendecassílabos — doze de singela narração, e dois em forma de monólogo — sempre foi o poeta lusitano.

Petrarca indigitára apenas sumariamente o conceito nodal na Canção XV

Per Rachel ho servito, e non per Lia

e nos *Triunfos*, ao apontar o

gran padre schernito,
che non si pente e d'aver non gl'incresce
sette e sett' anni per Rachel servito.

Camões, pela sua parte, ampliou o quadro, sobriamente embora; e transformando com liberdade as palavras da *Génesis* (XXIX, 20) *et videbantur illi pauci dies prae amoris magnitudine*, lhes deu a forma antitética e epigramática, que tanto agradou aos Meridionaes.

Porque, força é dizê-lo, o que entusiasmou os conhecedores, decidindo da sorte do Soneto, foi exactamente, além do exórdio,

Sete anos de pastor Jacob servia

a ponderação exagerada final, em que o patriarca, exclama

mais servira, se não fora
para tam longo amor tam curta a vida.

Parece que o Soneto, ainda antes de sair na edição-príncipe das *Rimas* em 1595, fôra espalhado em apógrafos pelos reinos unidos de Hespanha, circulando entre os vates maiores. Passou mesmo os umbraes do palacio régio, se na tradição relativa a uma Glosa escrita por Felipe II, houver um grão de verdade.

Melhor autenticados, mas tambem posteriores são os textos em que, aquém-raia, Miguel Leitão de Andrada, Francisco Manuel de Mello, Antonio Barbosa Bacelar, e além-raia Lope de Vega, Quevedo, Alarcon, Gracian, Trillo y Figueroa, Luis Ribera e o Príncipe de Esquilache prestaram homenagem a Camões, citando, traduzindo, parafraseando, divinizando e imitando os seus dizeres.

O único Seiscentista talvez que não se deixou impressionar pelo Soneto, analisando-o a frio, no silêncio do seu gabinete de

estudo, foi o maior entusiasta do seu Poeta, o polígrafo Manuel de Faria e Sousa [1]. Conhecedor por ventura de todas as referências anteriores a 1645 [2], ainda assim nota, sómente, que esse Soneto é o que maior fama alcançou em Castela, para em seguida o denominar logo *de los medianos suyos*. Exclusivamente os últimos dois versos têm algum « asseio », apesar de não serem muito poéticos.

As copias, parafrases, imitações portuguesas não são de grande valor. A que se encontra na *Miscellánea* de Miguel Leitão de Andrada (1629 [3]), provavelmente da sua própria lavra, é tosca e vulgar, aplicada á patranha arqueologica de Escalor e Iris [4]. A *cauda* acusa o modelo, mais pronunciadamente do que o Soneto.

Poude Amor, esperança e afeição
fazer servir sete anos a Jacó,
e despois outros sete, por dar nó
com a branca de Raquel a sua mão.
Não bastam os enganos de Labão,
seu gosto lhe alongando, sem ter dó
do triste que amava a Raquel só,
mais que a propria vida, de coração.
Poude Fortuna esquiva e invejosa,
sete semanas ha, que foram anos,
por premio de esperar sete outros dar-me :
Dilação não haverá tão trabalhosa,
da Fortuna desvios ou enganos,
que de vos sempre amar possa tirar-me,
Se para Amor e gloria tão crescida
não fôra a vos servir *tão curta a vida*.

1. *Rimas*, Centuria I, Soneto XXIX, vol. I, p 74.

2. Como nos Comentarios só tratasse, de exegese, de fontes e de plágios, mas não de imitações, glosas e traduções, não registou as de *Sete anos*, tresladando apenas alguns trechos do *Poema* do Príncipe de Esquilache.

3. *Dialogo* III, p. 257, (ed. de 1867) perto de outros cinco Sonetos que passam por ser de Camões.

4. As rimas agudas dos quartetos (em *-ão* e *-ó*) dão mesmo tom burlesco ao Soneto.

A principal beleza da remodelação ou antes reminiscência de D. Francisco Manuel de Mello, reside tambem no último verso, que é repetição da de Camões :

Esses mares que vejo, essas areas
rompi, pisei, beijei, hoje ha sete anos.
Sete servi, sete perdi, tiranos
sempre os fados nas vozes das sereas.
Tantos ha que arrastando crueis cadenas
não guardo ovelhas, mas aguardo danos,
das fermosas Raqueis vendo os enganos,
sem a promessa ouvir das Lias feas.
Sofra Jacó fiel Labão mentindo
que, se dobra o servir, da alta consorte
já não póde negar-lhe a mão devida!
Ay do que espera! quanto mais servindo!
Para um tão triste fim, tão leda a morte,
para um tão *largo* amor, *tão curta a vida* [1]!

Em fins do século XVII, ou princípios do imediato, foi o Dr. Antonio Barbosa Bacellar da *Fenix Renascida* (1ª ed., 1716; 2ª, 1746) que glosou duas vezes o texto, a primeira em quatorze oitavas [2], e a segunda em sete [3]. Além d'isso imitou-o, *pelas Consoantes* [4] e muito de perto, modificando todavia o conceito do fim.

Pretendendo [4] a Raquel, serrana bella,
sette anos de pastor Jacob servia;
porém, como a Raquel só pretendia [5]
não servia a Labão, servia a ella.
Consolava a esperança só com vê-la,

1. *Quarta Musa*, Soneto LXII (Ed. de Lyon, 1656, p. 32). Resolvi-me a corrigir a ortografia e pontuação, descuidadíssima, d'aquela edição.
2. *Fenix*, 2ª ed., I, 166-171.
3. *Ibid.*, I, 172-174. Confiram os *Ecos* da ed. de 1762. Vol. II, 123,5.
4. Nos tercetos alterou-as, substituindo *-ora -ida* por-*ura*.
5. Na ed. de 1716 está *Pertendendo e pertendia*.

indo passando um dia e outro dia;
dava-lhe alento o muito que queria,
e pagava-se só com merecê-la.
Porém, quando por meios tão tyrannos
de Raquel se lhe nega a fermosura,
agradece a Labão esses enganos,
Cifrando em mais servir maior ventura,
dizendo : Servirei, porque os meus annos
com servi-la hão de ser de eterna dura [1].

E não contento com esse feito, compôs mais outro, em tom de gracejo e de malicia que não diz nada mal com o assunto :

Serviu sete annos por Rachel fermosa
Jacob, constante ao sogro cauteloso,
que de maior serviço cobiçoso,
lhe deu a espinha, mas negou a rosa.
Sentiu o amante a traça rigorosa;
proseguiu no serviço afectuoso,
e se teve o seteno perigoso,
no quatorzeno a dita vem [2] gloriosa.
Não se queixa Jacob do falso engano,
pois no logro notou do seu desejo
principio esquivo, mas feliz progresso.
Eu só me queixo de que soffro o dano,
pois gozo a Lia e sem Raquel me vejo
sendo a causa Raquel, por que padeço [3].

Gracian copiou o Soneto português por inteiro, com encómios entusiásticos, querendo dar uma amostra característica de exageradas ponderações [4].

Lope de Vega tambem citava o texto em português. No seu *Jardin*, identifica a Camões com o Jacob do Soneto, dizendo :

1. *Fenix*, I, 175.
2. No original : *veio*.
3. *Fenix*, II, p. 111 : *A'imitaçam do Grande Luis de Camões*.
4. *Arte de Agudeza*, II, 125.

Que parece que dice á su querida
Raquel que *mais servira, se não fora*
pera tão longo amor, tão curta a vida [1].

Nos *Pastores de Belen* imitou-o livremente.

Con los desseos de Raquel servia
un nieto de Abrahan a un suegro ayrado,
llevando su esperança y su ganado
de un año en otro, y de uno en otro dia.
Desseaba a Raquel que hablaba y via,
tan contento del mal de su cuydado
que de la possession de Lia cansado
más que el amor le atormentava Lia.
Tan corto premio del engaño arguye
que aunque puede mentir la confiança
más estima Jacob el bien que huye;
Y lo que espera, más que lo que alcança,
que la engañosa possession destruye
lo que entretiene el bien en esperança [2].

D. Francisco de Trillo y Figueroa escreveu um Soneto lírico que começa com os tradicionaes *sete anos* e fecha com a antítese camoniana :

Siete veces el sol quitado habia
al frio polo el tenebroso velo
cuando Jacob el engañado vuelo
segunda vez á la esperanza fia.
En cambio de las llamas en que ardia
examinaba un perezoso hielo,
sin que apagase tan infiel recelo
el ardor que en su fé resplandecia.
Oh amor, de ningun hombre imaginado !

1. Vid. *Circ. Cam.*, I, p. 70, e *Bibl. de Aut. Esp.*, vol. 38, p. 424.

2. Ed. de Alcalá, 1616, f. 231v. Cfr. Braga, *Camões e o Sentimento Nacional*, p. 211. Eu havia afirmado que o Soneto de Lope não tem nada em comum com o de Camões, a não ser o assunto.

Oh suerte, no de alguno conseguida !
¿ Que hubiese vida igual á incendio tanto ?
Poco fué amar, pues pudo ser premiado
tan largo amor en tan pequeña vida
y tanto riesgo en tan debido llanto [1].

Não menos se afasta do original o Soneto sacro e contemplativo de Luis de Ribera :

Amó á Raquel Jacob tan tiernamente
Que servir siete años por gozalla
horas le parecieron ; y miralla
su grande amor hacia ser paciente.
Hielos, estivo ardor, cielo inclemente
contento sufre, si Raquel se halla
cuando la noche en su silencio calla
y el alba trae el dia, ante él presente.
Mas poco es esto á Cristo comparado,
finísimo amador : no vido el cielo
ni la tierra otro amor tan fuerte y vivo.
Así se dió por pasto á su ganado
y por la Esposa que sirvió en el suelo
aun no le fue el morir en cruz esquivo [2].

Comquanto desse extensão grande ao seu *Canto de Jacob y Raquel* [3], dedicado ao *Gran Filipo* [4], D. Francisco de Borja Principe de Esquilache cingiu-se mais intimamente ao Soneto de Camões, repetindo em castelhano oito hendecassílabos d'ele [5] :

1. Soneto XXXII, *Lirico : Al suceso de Jacob y Raquel.* — *Bibl. Aut. Esp.*, 42, p. 48. Outro de Miguel de Barrios trata da morte de Raquel, *ib.*, 540.

2. *Bibl. de Aut. Esp.*, XXXV p. 64 : *Contemplacion de los servicios de Jacob por Raquel y de Cristo por la Iglesia, su Esposa* (nº 166). Cfr. *Sagradas Poesias* Sevilha, 1612.

3. Cento e onze Oitavas.

4. *Obras en Verso*, ed. 1648, p. 72-109.

5. O seu procedimento já fôra exposto em 1645 por Faria e Sousa (*Rimas*, I, p. 76). Sedano repetiu essas indicações no *Parnaso Español* (vol. IV, p. 113), e reproduziu todo o culto e elegante *Poema* do Principe.

Siete años de pastor Jacob servia
al padre de Rachel (Estancia 58)
Padeció mucho esperando un dia (ib.)
Que en lugar de Raquel le diera Lia (61)
Bolvió a servir de nuevo otros siete años (65,8)
y más sirviera aqui si no tuviera
para tan largo amor tan corta vida (65,3 e 4)

Equivalentes aos versos 1,2,5,8 e 12 a 14, esses oito versos divergem todavia suficientemente do teor do texto de *Quevedo* para supormos que a tradução do Príncipe era outra. O anónimo anotador da edição de 1724, citado por D. Florêncio Janer, enganouse, ao lançar á margem de *Siete años* a observação : *Este soneto es del celebre Luis Camoens, traducido por el principe de Esquilache* [1]. Creio que se lembrava do *Canto*, e dos fragmentos traduzidos que ha nele. Mas tambem é possivel que conhecesse uma versão manuscrita do Soneto, com atribuição ao Principe e que a confundiu com a de Quevedo, sem reflectir que a semelhança era naturalíssima [2].

*
* *

Ilação não plausível é tambem a que Th. Braga tirou da Dedicatória do *Canto* a Felipe V. Estabelecer que o texto hispanizado, que foi aproveitado aos pedaços, pelo Principe, não fôra obra d'ele mas sim de Felipe II, parece-me tão ilusorio como o deduzir da actividade poética de Felipe IV, e da muitíssimo hipotética colaboração do Emperador Carlos V no *Caballero determinado* de Fernando de Acuña [3], certa « mania dos versos » em Felipe II !

Vejamos os boatos em que ele, tomando-os por factos, se baseia na atribuição de uma Glosa de *Siete años* a esse monarca.

1. Vid. *Bibl. de Aut. Esp.*, vol. 69, p. 252.

2. Duas versões, quasi literaes, do mesmo modelo, de mais a mais de castelhano para português, não podem divergir senão em miudezas.

3. É facto conhecido que Carlos V nunca chegou a falar bem o castelhano, como sua irman mais nova infelizmente nunca chegou a bem falar o português.

Temos em primeiro lugar certos passos do *Panegírico de la Poesia* [1], precoce obra de D. Fernando de Vera, na qual ha afirmações e avaliações engenhosas a par de outras absurdas [2] :

« El prudentíssimo don Felipe Segundo, en la esfera de su Magestad hizo tan buenos versos devotos, como me han certificado personas graves, y que son suyos estos :

Cruz, remedio de mis males,
ancha soys, pues cupo en vos
el gran Pontifice Dios
con cinco mil Cardenales.

« Y en un cartapácio, manuscrito (que llegó a las mias) del Maestro Fray Luys de Leon, estavan por de su Magestad otros (que Rengifo trae en su *Arte poetica* y dize ser *de cierto Autor*) y lo he comprovado con el mismo papel en la libreria de un Cavallero Prevendado de Sevilla, de buenas letras y curiosidad, y la copla es

1. A p. 158 do *Circulo Camoniano* eu dissera o seguinte : « Contou-se no seculo XVII (no *Panegyrico por la Poesia*) e repetiu-se em nossos dias (no opúsculo já citado de Th. Braga) o bonito conto (bem inventado, ainda que mal possa ser verídico)que o despota vencedor Philippe II, vencido pela *maestria* do grande Lusitano, ao qual admirava e desejava honrar, glosára o nosso Soneto. A Glosa devia conter forçosamente uma traducção do modelo português. Portanto pode-se preguntar se seria de Philippe II a traducção, recolhida (em parte) pelo coleccionador do manuscripto Gallardo e em parte aproveitada por Alarcon. Impossivel responder, emquanto não apparecer a decantada Glosa real, *que por ora* é apenas um mytho. »

Escuso acrescentar que nesta nova redacção do artigo emendei a inexacta ponderação das citações de Alarcon, que se referem á imitação, e não á tradução. O verso *Siete años* é comum a ambas.

2. *O Panegirico* foi impresso, sem nome do jovem autor, em 1627. O opusculo raro, utilizado por Menéndez y Pelayo nas *Ideas Estéticas* (II-2-542), teve nova edição em 1889, mercê do Marquês de Xerez de los Caballeros, que me obsequiou com um exemplar.

¿ Contentamiento, do estás,
que no te tiene ninguno ?
si piensa tenerte alguno,
no sabe por donde vás.

« Y al Lusitano Camões quiso honrar, y dexar eterno, glossando un soneto suyo que comiença

Siete años de pastor Jacob servia [1].

« Y sin estas hizo muchas diferencias de versos, solo para dentro de su Real retrete, sin dexarlos salir afuera, quizá por el escrupulo de la vanagloria que tales versos podian dar al hombre menos de pasta de hombres... [2] »

Em segundo e último lugar temos uns ditos de... Faria e Sousa! Na Dedicatória dos *Lusiadas* comentados, escrita em 1639, o incansável acumulador de noticias e anecdotas contava a Felipe IV o conto seguinte :

« Sabese que el Señor Rey Felipe II, en lo fuerte de la gran negociacion del sossiego de Portugal, entrado en Lisboa, halló menos (con pesar no pequeño) este gran Ingenio quando preguntó por él... Real Elogio por cierto de Luis de Camões que un Monarcha... se acordase del para mostrar que desseava verle i que sentia no poderle ver, porque ya de pocos dias avia passado á la segunda vida [3]. »

Note-se que o instruidíssimo polígrafo, que acatava todos os contos bonitos como se fossem verdades puras, não fala do talento poético de Felipe II em geral, nem em peculiar da Glosa de *Siete años*. Nem aqui nem nas *Rimas*. Isso devia dar que pensar aos mais

1. Castelhano, como se vê.

2. P. 46-47.

3. Preguntar pelo criador da Epopeia nacional, ao tomar posse do trono, eis seguramente um acto de cortesia que se deveria ter realizado. Mas nas Cartas que de Lisboa Felipe II escreveu ás filhas, não se menciona o nome de Luis de Camões.

crédulos. Tanto mais que ninguem viu a *Glosa*, e que no próprio *Panegirico*, cuja existência seguramente não ignorava, não se alega fonte alguma.

*
* *

117. E as Quadras reaes?

Começo com a devota, reproduzindo a unica forma em que até hoje a averigüei. Literalmente. Apenas junto signaes de pontuação.

Motte á Cruz

Cruz, remedio de mis males,
hancha sois, pues cupo en vos
el gran Pontifice Dios
con sinco mil cardenales.

Gloza

Dulcissima cruz sagrada,
Consuelo en la conversion,
Cruz en quien hasta un ladron
allo, quando no esperada,
vida *etierna* y saluaçion.
Cruz a quien Dios conçedio
sus poderes celestiales,
cruz que puedes quanto vales,
cruz con quien Dios se medio,
cruz remedio de mis males.

*
* *

El que no tiene medida
medió el cuerpo humanado
con vos; por vuestro pecado
quedastes por *damos hida* [1]
maior que el cuerpo sagrado.
Infalible conclusion
es, si os medis con Dios,
quedando iguales los dos,
que sois ancha; y con razon
ancha sois, pues cupo *em* vos

*
* *

Quien *durara* [2], Cruz divina,
vuestra grandeza excellente
que no vea claramente
que el mismo Dios se os inclina
y baxa a la cruz la frente?
Es notable maravilla
mediros solos los dos
y que os haga sola a vos
nel Calvario ara y silla
el gran Pontifice Dios!

*
* *

No quedó Dios satisfecho
quando con vos se medio,
ser solo, pero llevó
el amor dentro en el pecho
que en *voz lhe* [3] crucificó.
Y por *quedardes* maior,

1. Provavelmente erro por *darnos vida*.
2. Talvez: *mirará*? Ou *dirá, oh cruz divina*?
3. Provavelmente: *que en vos se crucificó*.

demás de quedar iguales,
y dar vida a los mortales,
tuvistes Dios y el amor
con *sinco* mil cardenales.

Quem escreveria a *Glosa* do *Mote* que, note-se bem, vem sem nome de autor? Provavelmente um Padre ou Frade devoto. E seguramente um Português. O lusismo característico do verso 36 provém do autor, e não do copista, a cargo do qual poderão ir os defeitos gráficos e sónicos. Extrahi-o do Cancioneiro inédito de Frei Agostinho da Cruz que se conserva na Biblioteca Municipal d'esta cidade [1], e afoitamente eu o atribuiria a esse piíssimo irmão de Diogo Bernárdez, se entre dúzias de composições semelhantes [2] que são, com certeza, suas, não andassem diversas que em impressos e outros manuscritos são atribuidos a coevos e amigos dos dois poetas [3].

118. A Quadra profana, humana, moral, tambem lá está [4] e em condições dignas de nota; com variantes, uma epígrafe, da qual faz parte o nome de Felipe II, e uma Glosa que se acha igualmente no Cancioneiro luso-castelhano, recopilado por Faria e Sousa, sendo totalmente diversa da recolhida por Rengifo que D. Francisco de Vera tinha em mente no passo que trasladei!

Eis o traslado:

---

1. Nele está a f. 53. A publicação do códice conimbricense ainda não está concluida. Por isso ignoro, se lá está tambem.

2. Frei Agostinho havia tomado o hábito no dia da Vera-Cruz (1560) no convento de Santa Cruz da Serra de Sintra, professando no mesmo dia do ano imediato! Por isso dedicou muitos versos á Cruz. P. ex. os Sonetos: *Oh Cruz que no Calvario sustentaste* e *Amor trouxe Jesu da gloria a Cruz*; o Himno á Cruz « *Insignia triunfal, honrosa e santa* » e o extenso Poema: *Lagrimas de S. João ao pé da Cruz* que principia *Aquele a quem amava o mesmo amor*.

3. No decurso d'esta *Memoria* indiquei bastantes, sem de modo algum esgotar o assunto. — Bastará acrescentar que a f. 69 v. se lê (sem indicação elucidativa) a formosa *Canção a la Muerte*: *Rompe los lazos de la prision fuerte* que faz parte do *Poema de Arion* do Dr Estêvam Rodriguez de Castro.

4. A f. 62.

Motte a el Rei Phelippe o Segundo.

Dí, contento, adonde estás?
que no [te] tiene ninguno?
Quien piensa tener alguno
no sabe por donde vas [1].

Lo que se deve entender,
fortuna, de tu caudal
es que siendo temporal
no puedes satisfazer
al alma que es inmortal.

Tu me diste y me vas dando
honra, estado, Reino y mando,
y [2] es tan poco quanto dás
que digo de quando *em* quando :
« *Dí, contento, adonde estás ?* »

* * *

No estás entre los favores
d'este mundo y sus floreos,
ni en el fin de sus deseos,
ni en riquezas y amores,
ni en vitorias y tropheos.

En fin no te halla alguno,
que todos dizen de *no*;
y entienda el mundo importuno
que pues no te tengo yo,
[que] no [te] tiene ninguno.

* * *

Buscar contento en la tierra
es buscar penna en el cielo,
y en el abismo consuelo,
tranquilidad en la *guierra*,
y calor dentro en yelo.

Dentro ni fuera de Hespaña
no le ay, porque acompaña
en su trono al trino y uno,
y fuera de aquí se engaña
Quien piensa tener alguno.

* * *

Quien te busca antre contento[s],
contento, tenga entendido
que te pierde y va [3] perdido
porque entre los descontentos
sueles estar escondido.

Y si Dios, fuera de ti,
padeció pennas por mi,
pera entrar onde estás,
el que no va por aquí
no sabe por donde vas.

---

1. No *Ensayo*, o teor é outro ; igual ao citado no *Panegyrico*, na *Arte poetica* de Rengifo, e na *Arte de Agudeza*, de Gracian :

Contentamiento, ¿ *dó* estás,
que no te tiene ninguno ?
Si piensa *tenerte* alguno
no sabe por donde vás.

Th. Braga, que o copiou nas duas obras supracitadas, cometeu um erro que altera o sentido (*Sentimento Nacional*, p. 198 e 200 ; *tengo* por *tiene*).

2. *Mas* figura-se-me melhor.

3. Melhor do que *ha*, no *Ensayo*.

Ignoro, se esta composição, segundo o meu sentir habilmente adaptada ao génio austero do filho de Carlos V, e a ele dedicada, anda em manuscritos hespanhoes [1].

Johannes Fastenrath, que traduziu as duas décimas iniciaes, reduzindo a quadra-mote a um distico, diz apenas que se encontra num codice do século XVII [2]. Julgo que a leu no *Ensayo* [3] e a remodelou. Ahi ha uma breve advertência em que se consigna o boato de a obra ser de Felipe II [4]. Todavia não está bem estabelecido, se provém de Faria e Sousa, ou de um Anotador, como penso [5].

A outra Glosa, de autor muito mais incerto do que a primeira, mas apesar d'isso reproduzida por Th. Braga como prova irrespondivel do talento do « Usurpador » e de sua admiração da Musa de Camões [6], diz assim, na obra de Rengifo [7], e alhures [8]:

Cancion.

Contentamiento, ¿ dó estás,
Que no te tiene ninguno ?
Si piensa tenerte alguno
No sabe por donde vás.

Glosa.

Contento, si tu vinieses,
Como te recibiria ?[26]
Siempre te importunaria
Que nunca me despidiesses

1. Os lusismos no *Cancioneiro de Frey Agostinho da Cruz* são anódinos. Os do Cancioneiro de Faria e Sousa talvez já fossem emendados por Gallardo.

2. Vid. *Die XII Alfonsos von Castilien* (Leipzig, 1887), p. 350 e 351.

3. Vol. II, c. 992 e 1000 (f. 96 e 97 do original).

4. *Do original* pode significar ambas as cousas. Seguro me parece apenas o não ser a nota de Gallardo, nem dos que publicaram o *Ensayo*. Se na portada antiga, que falta, e foi substituida por outra moderna, havia a data de 1666, ela foi traçada depois da morte do coleccionador, pois este falecera em 1649. Seria útil (torno a dizê-lo) que algum lusitanófilo estudasse o codice que ainda por 1860 se guardava na livraria de D. Manuel Gamez. Gostosamente me prestaria a examiná-lo, se alguem quisesse confiar-m'o.

5. *Sentimento Nacional*, p. 299.

6. Cap. 36 (1592). Encarecendo a bondade da *glosa*, assenta que é de um famoso poeta *aunque encubierto* (p. 41).

7. P. ex. nº *Ensayo* IV, c. 201 (nº 3.660).

8. Variante : Contento, si tú te dieses,
Como yo te pidiria.

De tu dulce compañia ;
Pero pues menos te das
A quien mas te ha menester,
No quiero pedirte mas
De que me des a entender,
Contentamiento, do estás ? [1]

* * *

Estás en casa de ricos ?
No, que nunca estan contentos.
Duras mucho en aposentos
De grandes ? No, que son chicos
Sus breves contentamientos.
Tienete algun importuno
Que se alcance á su desseo ?
Bien pudo [2] tenerte alguno,
Pero al fin ¿ sabes que veo ?
Que no te tiene ninguno.

* * *

Tienente los Reyes ? No
Tienente los Papas ? Menos.
Luego falta ay de hombres buenos,
Pues que siempre ando yo
Llorando duelos agenos [3].
Y pues todo el mundo es uno
Y en el a ninguno has dado [4]
Contentamiento ninguno,
No lo tiene bien pensado
Si piensa tenerte alguno.

* * *

Contento, donde te has [5] ido ?
Donde me tendrá sobrado [6](?)
Quien se huviere contentado
De no haverme alla tenido [7]
Sino como de prestado.
Pues del cielo [8] no te yras
Como de la tierra ingrata,
Que en bolviendo el rostro atrás
Quando el hombre no se cata [9],
No sabe por donde vás.

No anno em que Rengifo vulgarizava esta poesia na sua *Arte poetica Española*, ela não era inédita, de modo algum. — Treze anos antes entrára naquela *Floresta de varia poesia* que acompanha o *Romancero Historiado* de Lucas Rodriguez [10], conforme

1. A construção parece-me mais portuguesa do que castelhana.
2. *Puede.*
3. Variante : Porque nunca dexo yo
De llorar duelos agenos.
4. *Y contento en el no has dado.*
5. *Donde has, Contentamento, dó has ido ?*
6. *Doblado.*
7. *De no haberme conocido.*
8. *En el cielo.*
9. *Quando menos no se cata.*
10. Vid., p. 365 da reimpressão moderna. Quanto á de 1579, veja-se *Ensayo*, IV, c. 198 e 201 (nº 3660). Entre os diferentes autores das *Glosas y Canciones* ahi citadas figuram Lope de Salinas, Cuevas, Figueroa, Vergara, e outros.

assentei mais acima, modo de publicação que mal se poderia haver realizado, se realmente fosse obra de um Reinante vivo (embora superior ás vaidades do mundo [1]).

Gracian cita apenas a quadra, dizendo-a *muy celebrada* [2].

*
* *

Este pouco que sei de composições felipinas [3] não abona nem abana a vericidade da noticia registada pelo aulico escritor castelhano. Obriga-nos todavia a restringirmos o sentido em que vagamente fala de « versos seus » no *Panegirico*, atribuindo ao monarca apenas *Quadras*. E mesmo essas, com reservas, conjecturalmente.

Carolina MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

1. D'esta vez a Nota : *Atribuida al Rey Felipe II* é seguramente de Gallardo, ou dos eruditos que publicaram o *Ensayo*.

2. *Discurso* XLIII (p. 241 da ed. de 1664). « Las [sc. máximas] morales y que se dirigen al desengaño son muy estimadas de los varones prudentes y maduros ; juntan lo util con lo gustoso de la verdad. Muy celebrada fue aquella *Contentamiento, do estás, etc.* »

3. Sei de cor duas quadras sobre a cortesia, dignas de um rei, as quaes sempre adjudiquei a Felipe, sem todavia conhecer as origens da atribuição :

Si es nada la cortesia,
menos que el aire y el viento,
el que de ella es avariento
¿de que liberal seria?

La grandeza más honrada
que los principes tenemos
es que dar mucho podemos
a todos con lo que es nada.

ÍNDICE ALFABÉTICO

A Fileno vi estar llorando un dia, 19.
A la margen del Tajo en claro dia, 16, 75.
A peregrinação de um pensamento, 43.
Acuña (Hernando de), 7, 10, 21, 34, 84.
Adonde sufriran [*sufrirè*] *mi desventura*, 83.
Agostinho (Frei). Vid. *Cruz*.
Ai. Vid. *Ay*.
Ajudas, 8.
Al pié de una verde y alta enzina, 75.
Al rayo de la luna està Silvano, 82.
Al sol peinava Clori sus cabellos, 16.
Alarcon (Juan Ruiz de A. y Mendoza), 28.
Alegre, rico y venturoso lecho, 24.
Alenquer (Marquês de) 7, 10, 38, 69, 78, 83.
Al tumulo dichoso que os encierra, 63.
Alma que en mi alma puedes tanto, 83.
Alma que fica por fazer desoje, 59.
Almazan, 41.
Almeida-Garrett, 22.
Alvarez da Cunha (D. Antonio), 9, 16, 35, 45, 50, 52, 71, 72, 73.
Alvarez do Oriente (Fernão), 47, 52.
— Vid. *Lusitania Transformada*, 94.
Amado engaño de la fantasia, 78.
Amó á Raquel Jacob tan tiernamente, 97.
Amor, amor que fieres al coitado, 75.
Amor que de mi pecho no se ausenta, 82.
Amor que em sonhos vãos [sombras vans] *do pensamento*, 89.
Andrade (Francisco de), 12, 89.
Andrade. Vid. Caminha.
Andrade. Vid. Leitão.
Angelica la bella despreciando, 60, 75.
Angelicas escuadras que en las salas, 63.
Anno Historico, 47, 53.
Antes que sus cabellos el Aurora, 59.
Apartava-se Nise de Montano, 70.
Apophthegmas. Vid. Suppico, 24.

Aquelas esperanças que eu metido, 59.
Aquellos a quien Marte ayudó tanto, 82.
Aqui neste ás idades consagrado, 66.
Aquiles e Polixena, 8.
Aragão. Vid. D. Francisca.
Argensola (Bartolomé Leonardo), 80.
— (Lupercio Leonardo), 33, 34.
Argos quisiera ser para miraros, 73, 75.
Arte de Agudeza. Vid. Gracian.
Astorga (Marquês de), 58.
Ay de quan ricas esperanzas vengo, 11, 59.
Ay Dios, si yo cegara antes que os viera, 41, 75.
Ay quien dará á mis ojos una fuente, 55, 75.
Ayudame, Señora, á hazer venganza, 56, 75.

Bacellar Barbosa (Dr Antonio), 30, 90, 91.
Barata (F.-A.), 66.
— Vid. *Cancioneiro Geral*.
Barrionuevo, 23.
Barrios (Miguel de), 97.
Belisa, 62, 70.
Bembo (Cardeal), 8.
Bendita sea la hora en que te vieron, 27.
Benedetto sia'l giorno e'l mese e'l anno, 27.
Benigno, blando, fuerte y rigoroso, 35.
Bernardez Diogo, 6, 12, 27, 34, 46, 48, 51, 56, 67.
Bien puede rebolver seguro el cielo, 15.
Boecio, 67, 91.
Boehl de Faber, 32.
Bolved la blancura al azucena, 35.
Boscan (Juan Almogaver), 8, 55.
Braga (Theophilo), 20, 26, 31, 40, 43, 44, 90, 98, 104.
Breve passatiempo quien trocase (sic), 82.
Brito (Bernardo de), 33, 37, 69.
— Vid. *Silvia de Lisardo*.
Busco paz y sustentome en guerra, 27.

Caminha (Pedro de Andrade), 6, 12, 19, 21, 23.
— (Lourenço), 72, 77, 79, 87, 88.
Camões (Luis de), 6, 8, 9, 10, 12, 15, 26, 27, 34, 35, 40, 43, 45, 52, 55, 56, 59, 60, 62, 65, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 83, 87, 89.

Cancioneiro da Academia das Sciencias, 20, 42, 73, 87.
— de Evora, 13, 14, 18, 20, 24, 41, 44, 52, 78, 84, 88.
— de Faria e Sousa, 10, 24, 69, 76.
— de Fernandez Thomas, 33, 43, 49, 51, 78, 85.
— de Frei Agostinho da Cruz, 43, 88, 89, 104.
— de Juromenha, 13, 44, 48, 49, 50, 51, 67, 68.
— de Luis Franco, 11, 13, 17, 18, 20, 39, 48, 49, 57, 58, 60, 67, 68, 78, 81.
— de Oxford, 14, 15, 34, 40.
— de Paris nº 598, 34.
— — 600, 34, 84.
— — 602, 20, 39, 59, 60, 78.
— — 603, 14, 15.
— do Conde de Villamediana, 42, 43, 77.
— do Padre Pedro Ribeiro, 57.
Cancioneiro Geral de F. A. Barata, 13, 47, 52, 78, 87, 88.
Cancioneiros de mão, 6.
Cancionero General, 44, 84.
Cansada y ronca voz porque volando, 59, 75.
Carlos V, 98.
Carrillo (Luis), 19.
Castelhanismos em textos portugueses, 11.
Castro do Rio (Martim), 41, 43, 85, 86, 87.
Cesse, Señora, ya tu dura mano, 57, 59, 75.
Cetina (Gutierre de), 7, 77, 81.
Circulo Camoniano, 28, 32, 40, 45, 99.
Claras y doces aguas do Mondego, 59.
Claros olhos azues, olhos formosos, 88.
Claros olhos que ao ceo que se mostrou, 88.
Coitado que em um tempo choro e rio, 27, 40.
Como estais luz sem luz? vida sem vida, 88.
Como se viese Amor desnudo y tierno, 25.
Con los desseos de Raquel servia, 96.
Con razon os vais, aguas, fatigando, 75.
Con sollozos profundos y gemidos, 59.
Contentamentos meus, que já passastes, 89.
Contentamiento, do estás? 100, 103, 108.
Cordova, 33.
Cortereal (Jerónimo), 12.
Costa Perestrello (Pedro da), 72, 77.
Cruz (Frei Agostinho da), 7, 39, 43, 76, 86, 87, 88, 102, 104.

Cruz remedio de mis males, 99, 101.
Cuanto tiempo ha que lloro un triste dia, 57, 75.
Cueva (Francisco de la), 25.
Cuitado que en un punto lloro y rio, 49.
Cunha. Vid. Acuña.
— Vid. Alvarez.

Daliso con el cuento del cayado, 14.
Dante (Alighieri), 67, 91.
Dardanio con el cuento del cayado, 14.
De algun fiero leon fuiste engendrada, 82.
De no satisfazerme casa mia, 82.
De piedra, de metal, de cosa dura, 59, 60, 75.
De que vitoria combatente humano, 59.
De reluzientes armas la hermosa, 20, 75.
De una ñudosa haya endurescido, 18.
Del hondo valle del tormento mio, 75.
Dentro en mi alma siento una armonia, 82.
Descobre novo mundo o pensamento, 47.
Desmayarse, atreverse, estar furioso, 83.
Dexad las hebras de oro ensortijado, 38.
Dexadme centinelas (= *cantinelas*) *dulces mias*, 59, 60, 75.
Di, contento, adonde estás, 103.
Diana. Vid. Montemór e Polo, 44.
Dias cansados, duras horas tristes, 20.
Dichoso el año, mes, ora y momento, 82.
Dido. Vid. Elisa, 65, 66, 67.
Ditoso o tempo, o dia, a ora, o punto, 27.
Do estan los claros ojos que colgada, 75.
Doces lembranças da passada gloria, 65.
Dormio en el prado mi pastora hermosa, 33.
Dulces engaños de mis ojos tristes, 56, 75.
Dulces exuviae, 65.
Dulces recuerdos de pasada gloria, 65.
Dum fata deusque sinebant, 66.

El avariento guarda su riqueza, 59, 78.
El que fuere dichoso será amado. 23.
El sol con sus caballos sempiternos, 82.
El tiempo el duro marmol va ablandando, 34.
El tiempo está vengado a custa mia, 40.

El vaso reluziente y cristalino, 75.
Elisa los vestidos revolvia, 67.
Em lugar, tempo, estado ou esperança, 87.
En dia que en cabido no derecho, 82.
En esta vida misera cansada, 59.
En la escuela ado Amor es presidente, 75.
En la holanda manchada del tributo, 81.
En la manchada holanda del tributo, 81.
En que puedo sperar contentamiento, 84.
En terminos me tiene el mal que siento, 34.
En tierra està la piedra preciosa, 82.
En un peñasco de la mar cercado, 82.
En un vaso de haya en que solia, 82.
En un vergel que con cristales lava, 64.
En una selva al dispuntar del dia, 21, 75.
Entre as nuvens se esconde o pensamento, 87.
Entre flamas de amor fostes criados, 87.
Es el amor segun abrasa brasa, 81.
Es el gozado bien en agua escrito, 69.
Es la amistad un empinado Atlante, 32.
Es la mujer del hombre lo màs bueno, 26.
Es lo blanco castissima pureza, 75.
Esos cabellos en tu frente injertos, 33.
Espinosa (Pedro de). Vid. *Flores de Poetas Ilustres*, 32, 46, 47, 61.
Esquilache (Principe de), 30, 93, 97, 98.
Esses mares que vejo, essas casas, 94.
Estaço (Baltasar), 46, 52, 65.
— (Gaspar), 46.
Está la primavera trasladando, 68.
Está lascivo el dulce pajarico, 69.
Está o lascivo e doce passarinho, 69.
Está-se a primavera trasladando, 68.
Estas lagrimas vivas que corriendo, 38.
Eu cantarei de amor tão docemente, 69,
Excelso monte do el romano estrago, 81.
Excelso monte onde o romano estrago, 82.

Fabula de Narciso, 10.
— *de Piramo e Tisbe*, 19.
Faria e Sousa (Manuel de), 9, 15, 16, 21, 22, 27, 36, 42, 45, 48, 55, 56, 58, 67, 69, 70, 71, 73, 74, 84, 85, 93, 97.

Fastenrath (Johannes), 104.
Felipe II, 31, 90-106.
Fenix Renascida, 26, 47, 53, 79, 94.
Fermoso Tejo meu, quam diferente, 89.
Fernandez de Cordova. Vid. Sessa.
Ferreira (Dr Antonio), 13.
Figueroa (Francisco de), 10, 13, 15, 21.
Filida, Filis, Fili, 13, 14.
Flora e Albano, 65.
Flores de Poetas Ilustres, 6, 9, 32, 33, 38, 45, 61, 63, 64, 65, 67, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 85.
Flores do Lima, 46, 48, 49, 67.
Floresta Poetica, 19, 24, 25.
Foulché-Delbosc (R.), 5, 19, 29, 81.
Francisca de Aragão (D.), 55, 56, 57.
Franco, 13.

Garay (D.), 24.
Garção, 66.
Garcilaso, 8, 10, 24, 33, 40, 55, 66, 71, 72.
Gastaba Flora derramando olores, 63.
Gil (Lamberto), 31.
Gloria me foi um tempo ser perdido, 74.
Glosas, 8.
Gonçálvez Viana, 9.
Gongora, 16.
Gracian (Baltasar), 19, 25, 30, 32, 40, 46, 68, 70, 95, 103, 106.
Gran lastima de ti tengo, señora, 82.
Grandes más que elefantes y abadas, 41.
Guiomar Henriquez (D.), 18.

Hambrienta, rota, inquieta y desgustada, 76.
Hazañas y la Rua, 5, 77.
He o gozado bem em agua escrito, 69.
Hermosa y gentil Nise, quando veo, 64.
Hermosas Ninfas que en el rio metidas, 71.
Hero de una alta torre do mirava, 42, 75.
Hero e Leandro, 8, 9, 44, 57, 75.
Horas alegres que pasais volando, 83.
Horas breves de meu contentamento, 50, 54.
Horas breves de mi contentamiento, 45, 50, 53, 61.

Ilustre Gracia, nombre de una moza, 71.
Ilustre honor del nombre de Cardona, 71.
Imagens novas imprime a fantesia, 59.
Infante D. Luis, 47, 53.
Ir y quedar y con quedar partirse, 26, 75, 83.

La bella toda linda sola estaba, 82.
La blancura bolved a la azuzena, 36.
La letra qu'en el nombre en que me fundo, 58, 60, 75.
La ora que Leandro pretendia, 44.
La peregrinacion de un pensamiento, 46.
La tierra sus matizes va perdiendo, 82.
Lacerda (Fernan Correa de), 79.
Lainez (Pedro), 7, 66.
Las peñas con gemido retumbava, 58.
Las peñas retumbaban al gemido, 75.
Leitão de Andrade (Miguel), 34, 41, 42, 70, 72, 73, 76, 77, 78, 81, 82, 83, 88, 93.
Lembranças de meu bem, doces lembranças, 85.
Liñan (Pedro de), 32.
Liso e Natercia, 21, 64.
Lobo (Fernam Rodriguez), 6, 47, 66, 90.
— Vid. Soropita.
Lorina Lurina, 83.
Lorina mia, bien es porque no pene, 82.
Los ojos que con blando movimiento, 55, 75.
Los que bivis subjectos a la estrella, 59, 60, 75.
Lucrecia, 8.
Luisa, son tan rubios tus cabellos, 59, 75.
Lusismos nas poesias castelhanas de autores portugueses, 7, 9, 42.
Lusitania transformada, 47.
Luzan, 69.
Llorosos vaticinios pronunciavan, 82.

Males que contra mim vos conjurastes, 68.
Mano avarienta, dexa hazer su oficio, 82.
Mansa pobreza, justamente amada, 77.
Marfida, Marfira, Marfiria e Silvano, 14, 83.
Marfiria que ganancia, que interesse, 82.
Marino, 8.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Martí Miguel (Jaime), 60.
Martinez (Bartolomé; e não Luis), 64.
Mello (D. Francisco Manuel de), 94.
Memoria de meu bem, cortado em flores, 59.
Memorias tristes de la alegre gloria, 65.
Memorias tristes del plazer pasado, 66.
Mendes dos Remedios (Dr), 77, 86.
Mendez (Francisco), 90.
Mendoza (D. Diego Hurtado de), 12, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 40, 67, 81.
Menendez y Pelayo (Marcelino), 5, 44, 99.
Mesa (Juan Bautista de), 33.
Mi alma y tu beldad se desposaron, 82.
Mi gusto y tu beldad se desposaron, 39, 75.
Mil veces entre sueños tu figura, 73, 75.
Mira el amante palido y rendido, 19.
Mirando en un engaste tan lavrado, 82.
Miscellánea, Vid. Leitão de Andrade.
Montemór (Jorge de), 7, 10, 12, 15, 74.
Moradoras gentis e delicadas, 71.
Mucho a la Magestad sagrada agrada, 81.

Na metade do ceo subido ardia, 64.
Não vas ao monte, Nise, com teugado, 70.
Natercia e Liso (*Soliso*), 15, 21, 64, 89.
Nessun maggior dolore, 8, 67.
Nise, 70, 74.
No bastaba que amor puro y ardiente, 56, 75.
No es vida la que bivo, pues da muerte, 59, 78.
No lleves, Juana, al monte tu ganado, 70.
No, no vereis los ojos que solian, 82.
No pierda más quien ha perdido tanto, 24.
Nogueira (Vicente), 7, 13.
No sé que desventura, que destino, 59.
Num alto monte Endimion subido 23.
Num bosque que das Nymphas se habitava, 61, 62.
Nunca em amor danou o atrevimento, 42.
Nunca en amor dañó atrevimiento, 42.
Nunca ofendi la fé con la esperanza, 38.
Nunca se vio en el mundo que una dama, 59.
Nunes (Henrique), 90.

O tempo está vingado a custa minha, 40.
Oh causa de mis ansias y dolores, 82.
Oh claras aguas d'este blando rio, 56, 76.
Oh dulces prendas por mi mal halladas, 66.
Oh gloriosa crux! o vitorioso, 59.
Oh mar que al de mis ojos causa deste, 82.
Ondas que por el mundo caminando, 59, 60, 75.
Orfeo enamorado que tañia, 76.
Orfeo, 8.
Os vestidos Elisa revolvia, 67.
Ox ilá suyo ansi llamar pudiera, 34.

Pace non truovo, 27.
Padilla (Pedro de), 7.
Panegirico de la Poesia, 99.
Parnaso de Luis de Camões (Ed. 1880), 21, 74, 87.
Paso en fiero dolor llorando el dia, 43.
Pede-me de mim mesmo o tempo conta, 41.
Perdi-me dentro em mim como em deserto, 88.
Pereira de Castro (Gabriel), 13.
Perestrello Vid. Costa.
Petrarca, 8, 9, 19, 25, 27, 33, 91.
Pideme de mi mismo el tiempo cuenta, 41.
Pina e Mello (Francisco de), 66.
Pinhel (Dr Aires), 40, 83.
Plaza (Luis Martin), 45, 61, 62, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 79.
— (Pedro Luis), 64, 71.
Pluguiera a Dios que nunca aqui viniera, 39.
Pluguiera a Dios que nunca yo naciera, 39.
Pobreza (Sontos á), 76, 77.
Poetica Silva (da Biblioteca de Campomanes), 20, 63, 65, 68, 69, 70, 79, 83.
Polo (Gil). Vid. *Diana*, 7.
Ponho-me a contemplar na fantesia, 33.
Por gloria tuve un tiempo el ser perdido, 74, 76.
Por medio de las ondas de Nereo, 82.
Porcia despues que del famoso Bruto, 8, 25.
Portalegre (Conde de), 42, 76.
Portugal (D. Afonso de), 33.
— (D. Francisco), 26.
— (D. Manuel), 10, 12, 55, 56, 57.
Portugueses que poetaram em castelhano, 5, 7.

*

Posto que sofra amor apartamento, 88.
Poude amor esperança e afeição, 93.
Primavera, 47.
Pretendendo a Raquel serrana bella, 94.
Priebsch (Dr J.), 6, 21, 55.
Pues siempre sin cesar mis ojos tristes, 76.

Quando me paro a contemplar mi estado, 33.
Quando me quis salvar dei num perigo, 80.
Quando me vi em mais ditoso estado, 33.
Quando os olhos emprego no passado, 33.
Quanto tiempo ha que lloro un triste dia, 57, 75.
Que debo al prado ameno, aunque florezca, 78, 80.
Que devo ao monte e ao campo que florece, 78, 79.
Que es esto, Dios de amor, que ya no vales, 76.
Qu'estás embevecido, di, pensando, 83.
Que hazes, hombre ? Estoy-me callentando, 76.
Que mire y calle me pidió Menguilla, 27.
Quem pode livre ser, gentil senhora, 68.
Que sienta un corazon de amor doliente, 82.
Quereros para mi no es desamarme, 38.
Queriendo la pintora dar pintura, 59.
Quevedo, 7, 30, 31.
Quien puede libre ser, dulce señora, 68.
Quien dice que pobreza no es vileza, 77.
Quirós de los Rios, 54, 61.

Ramirez Pagan, 10, 15, 17.
Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch, 19.
Raquel e Lia, 8, 9, 90.
Rengifo, 104, 105.
Resende (Falcão de), 41, 46, 47, 51, 81, 85.
Revuelvo en la incesable fantasia, 76.
Ribeiro (Bernardim), 7.
Ribera (Luis de), 97.
Riberas del Danubio a medio dia, 15, 17.
Rimas agudas, 93.
Rio. Vid. Castro de Rio.
— (Bernardo), 7.
Rodriguez (Dr. J. M.), 22, 37.
— (Lucas), 13, 25, 105.

Rodriguez de Castro (Dr. Estevam), 7, 45, 47, 48, 50.
— Lobo. Vid. Lobo.
— Lobo Soropita. Vid. Soropita.
Rodriguez Marin, 5, 9, 32, 54, 61.
Romancero Historiado. Vid. Rodriguez (Lucas).
Rombo (Bento), 7.
Rosian de Castilla. Vid. *Cancioneiro da Academia das Sciencias*.

Sá de Meneses (Francisco de), 12, 13, 18, 72, 73, 78.
Sá de Miranda (Francisco de), 6, 10, 11, 17, 47, 55, 58, 59, 72, 73, 78.
Salga con la doliente anima fuera, 14.
Salid, lagrimas mias, ya cansadas, 19.
Salicio, 13.
Salinas (Conde de). Vid. Alenquer.
Salinas (Manuel de), 25.
Sannazzaro, 13.
Sazio, 8.
Se grande gloria me vem só de olhar-te, 72.
Se me vem tanta gloria só de olhar-te, 72.
Se quando vos perdi, minha esperança, 67.
Se sois horas da mesma natureza, 47.
Senhora minha, se eu de vós ausente, 70.
Señor, no se despacha pretendiente, 76.
Señora mia, ya no está en mi mano, 69.
Señora, no penseis que el no mirarme, 59.
Serrano (Frei Bartolomé), 41.
Serviu sete anos por Rachel fermosa, 95.
Sessa (Duque de), 77.
Sete anos de pastor Jacob servia, 30, 90.
S'eu em al cuido nunca, 19.
Si contra mi, Señora, os conjurastes, 68.
Si el fuego que me enciende consumido, 56, 76.
Si el triste corazon que siempre llora, 59, 76.
Si gran gloria me viene de mirarte, 72.
Si'l dissi mai, 19.
Si lagrimas pudiesen ablandarte, 34.
Si mil vidas tuviera que entregaros, 76.
Si por Raquel, gentil zagala bella, 27.
Si quando te perdi, dulce esperança, 67.
Si tanto pudo un canto doloroso, 59.
Si yo lo dixe, biva en desventura, 19.

Siete años de pastor Jacob servia, 27.
Siete veces el sol quitado habia, 96.
Silveira (Miguel da), 13.
— (D. Simão da), 18, 57.
Silvestre (Gregorio), 7, 10, 20, 35, 39.
Silvia de Lisardo, 62, 69, 74.
Sobre el siniestro brazo recostado, 82.
Sobre las raudas aguas del estrecho, 44.
Sobre un olmo que al cielo parecia, 59, 76.
Sonetos á Pobreza, 76, 77.
— castelhanos escritos por Portugueses, 7.
— castelhanos de Camões ; ou atribuidos a Camões, 9, 17, 45, 74.
— portugueses, traduzidos por Castelhanos, 7, 9.
— solre *Tempo* e *Conta*, 41.
Soropita (Francisco Rodriguez Lobo), 6, 9, 48, 51, 88, 89.
Sospechas que en mi triste fantasia, 76.
Sousa-Viterbo, 52.
Soy tan dichosamente desdichado, 83.
Storck (Wilhelm), 15, 23, 48, 60, 65, 72.
Subido en la mitad del cielo ardia, 64.
Super flumina Babylonis, 10.
Suppico de Moraes, 24, 47, 53.

Tanto de meu estado me acho incerto, 27.
Tasso, 8.
Tejada (Dr. A. de), 63, 65, 68, 70.
Terraza (Francisco), 37.
Todo animal en calma sesteaba, 69.
Todo animal da calma repousava, 69.
Tornae essa brancura á alva açucena, 36.
Tornemos, musa mia, a vuestro intento, 82.
Traida en sacrificio Policena, 59.
Trillo y Figueroa (Francisco), 14, 18, 77, 96.
Tristes lembranças da passada gloria, 66.

Vasconcellos (Carolina Michaëlis de), 5, 19, 26, 44, 49, 50, 51.
Vega Carpio (Lope de), 26, 83, 95, 96.
Ventana venturosa do amañece, 59, 76.
Vera (Fernando de), 99, 103.
Vestida está mi alma, o alma mia, 82.
Villalobos, 27, 47.

Villamediana (Conde de), 7, 24, 42.
Vimioso. Vid. Portugal D. Afonso, 33.
Voltas, 8.

Yo cantaré de amor tan dulcemente, 69.
Yo soy, cruel Amor, el que has traydo, 18.

Zacuto Lusitano, 86.

INDICE

I. Notas aos 237 Sonetos impressos no vol. XVIII da *Revue Hispanique* 5

II. Notas a Sonetos em castelhano, na sua maior parte atribuidos a Camões 39

Notas a outros Sonetos em castelhano, conservados em Impressos e Manuscritos portugueses : em parte de Luso-Castelhanos 76

III. Notas a Sonetos portugueses de autor duvidoso 84

IV. Versos atribuidos a Felipe II 90

V. Indice alfabético 107

MACON, PROTAT FRÈRES, IMPRIMEURS

Bibliotheca hispanica

I. — Comedia de Calisto ɪ Melibea (Unico texto auténtico de la *Celestina*). Reimpresión publicada por R. Foulché-Delbosc..... 10 pesetas.

II. — Vida del soldado español Miguel de Castro (1593-1611), escrita por él mismo y publicada por A. Paz y Mélia..... 15 pesetas.

III. — La vida de Lazarillo de Tormes, y de sus fortunas y aduersidades. Restitución de la edición príncipe por R. Foulché-Delbosc..... 5 pesetas.

Tirage sur grand papier du Japon (nos 1 à 25)..... 25 pesetas

IV. — Diego de Negueruela. Farsa llamada Ardamisa. Réimpression publiée par Léo Rouanet..... 4 pesetas.

V, VI, VII, VIII. — Colección de Autos, Farsas, y Coloquios del siglo XVI, publiée par Léo Rouanet. Les quatre volumes..... 60 pesetas.

IX. — Obres poetiques de Jordi de Sant Jordi (segles XIVe-XVe), recullides i publicades per J. Massó Torrents..... 4 pesetas.

Tirage sur grand papier du Japon (nos 1 à 12)..... épuisé

X. — Pedro Manuel de Urrea. Penitencia de amor (Burgos, 1514). Reimpresión publicada por R. Foulché-Delbosc..... 5 pesetas.

XI. — Jorge Manrrique. Coplas por la muerte de su padre. Primera edición crítica. Publícala R. Foulché-Delbosc..... 5 pesetas.

Tirage sur grand papier du Japon (nos 1 à 25)..... 20 pesetas.

XII. — Comedia de Calisto ɪ Melibea (Burgos, 1499). Reimpresión publicada por R. Foulché-Delbosc..... 12 pesetas 50 cént.

Tirage sur grand papier du Japon (nos 1 à 25)..... 50 pesetas.

XIII. — Perálvarez de Ayllón y Luis Hurtado de Toledo. Comedia Tibalda, ahora por primera vez publicada según la forma original por Adolfo Bonilla y San Martín..... 5 pesetas.

XIV. — Libro de los engaños ɪ los asayamientos de las mugeres. Publícalo Adolfo Bonilla y San Martín..... 5 pesetas.

XV. — Diego de San Pedro. Carcel de amor (Sevilla, 1492)... 5 pesetas.

Tirage sur grand papier du Japon (nos 1 à 12)..... 25 pesetas.

XVI, XVII. — Obras poéticas de D. Luis de Gongora, publicadas por R. Foulché-Delbosc..... Sous presse.

XVIII. — Spill o Libre de les Dones per Mestre Jacme Roig. Edición crítica con las variantes de todas las publicadas y las del Ms. de la Vaticana, prólogo estudios y comentarios por Roque Chabás..... 20 pesetas.

XIX. — Johan Boccaci. Decameron. Traducció catalana publicada, segons l'unic manuscrit conegut (1429), per J. Massó Torrents..... 20 pesetas.

Les volumes de la *Bibliotheca hispanica* sont en vente à New York (The Hispanic Society of America), à BARCELONE (Librería de « L'Avenç », Rambla de Catalunya, à 24), et MADRID (Librería de la Vda. é Hijos de Murillo, Alcalá, 7).

CONDITIONS ET MODE DE PUBLICATION

La *Revue Hispanique*, fondée en 1894, parait tous les trois mois ; elle forme chaque année deux volumes de six cents pages chacun.

Le prix de l'abonnement à l'année courante est de VINGT FRANCS pour tous les pays faisant partie de l'Union postale. Aucun numéro n'est vendu séparément.

Le prix de chacune des années antérieures est de VINGT FRANCS.

La *Revue Hispanique* annonce ou analyse les livres, brochures ou périodiques dont un exemplaire est adressé directement à M. R. Foulché-Delbosc, boulevard Malesherbes, 156, à Paris.

Tout ce qui concerne la rédaction et les échanges de la *Revue Hispanique* doit être adressé à M. R. Foulché-Delbosc, boulevard Malesherbes, 156, à Paris.

Tout ce qui concerne les abonnements doit être adressé :

pour l'Amérique, à M. le Secrétaire de *The Hispanic Society of America*, Audubon Park, West 156 th Street, New York City ;

pour l'Europe, à la librairie C. Klincksieck, 11, rue de Lille, à Paris.

Bibliotheca hispanica

Voir à la page 3 de la couverture

MACON, PROTAT FRÈRES, IMPRIMEURS